



**PROET**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

***UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA  
IDADE EM SERRINHA-BA:  
narrativas (auto)biográficas e  
territorialidades***



**PROET**  
PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA - DCET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS TERRITORIAIS (PROET)**

**FERNANDO DE SOUZA NUNES**

**UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE EM  
SERRINHA-BA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E  
TERRITORIALIDADES**

Salvador – Bahia  
2023



**PROET**  
PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ESTUDOS TERRITORIAIS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA - DCET**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS TERRITORIAIS (PROET)**

**FERNANDO DE SOUZA NUNES**

**UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE EM  
SERRINHA-BA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E  
TERRITORIALIDADES**

Dissertação de Mestrado, vinculado ao Grupo de Pesquisa Geo(BIO)grafar, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Exatas e da Terra - DCET, no âmbito da Linha de Pesquisa II: Processos territoriais e dinâmica urbano-regional, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Territoriais.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Ribeiro Santos

Salvador – Bahia  
2023

FICHA CATALOGRÁFICA  
Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura – UNEB – Campus I  
Bibliotecária: Célia Maria da Costa - CRB-5/918

S586c Nunes, Fernando de Souza  
Universidade aberta à terceira idade em Serrinha – BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades / Fernando de Souza Nunes . – Salvador, 2023.  
188 f. : il. color.

Orientadora: Simone Ribeiro Santos.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET, Campus I. 2023.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Territorialidade humana – Serrinha (BA). 2. Idosas – Serrinha (BA) - Educação. 3. Universidade Aberta da Terceira Idade – Estudantes - Autobiografia. I. Santos, Simone Ribeiro. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Campus I. III. Título.

CDD: 374.00846

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

### **UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE EM SERRINHA-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades**

#### **FERNANDO DE SOUZA NUNES**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Estudos Territoriais, do Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, *Campus I*, Salvador, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Territoriais.

Salvador, 20 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Simone Ribeiro Santos – Orientadora  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutora em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB

Áurea da Silva Pereira  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Doutora em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB

Carina Copatti  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
Doutora em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Estado  
do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

Hoje eu estou  
Entre onde andei  
E pra onde vou  
Eu sou meio o que fui  
E o que serei  
E se me perguntarem  
O que sei de mim  
Eu não sei... nunca sei  
Meu amanhã  
Já vi passar  
Por entre as horas  
De um ontem que se foi  
E vai voltar  
Por favor alguém me diga  
Mil caminhos uma vida  
Tanta coisa que eu ainda não fiz  
E hoje eu estou  
Entre onde andei  
E pra onde vou  
Não sei!

Maysa, 1974.

## ***Dedicatória***

À minha mãe Maria de Jesus, mestra, pessoa que me acompanha na jornada da vida, à minha esposa Nil Carvalho, aos meus filhos, Arthur e Yuri; à minha avó materna, Rita Francisca Jesus dos Santos, e avó paterna Armelina Basilia Nunes - *in memoriam*.

## ***Agradecimentos***

Agradeço ao Deus Pai, fonte de toda bondade, pelo dom da vida, da ternura; que não me deixa desamparado nos momentos de fragilidade e me permitiu conquistar o tão sonhado acesso e conclusão do Mestrado.

Agradeço, primeiramente, às colaboradoras da pesquisa<sup>1</sup>, a quem estimo e tenho afeto: Aiêda Santos, Ana Luiza Carneiro, Maria José Anunciação, Maria Lígia Souza, Maria da Natividade Leal e Maria Sônia Fonseca, as quais prontamente me ajudaram, confiando as suas belíssimas narrativas, relatos e maravilhosas histórias de vida que comporam o enredo deste trabalho dissertativo. Minha gratidão pelo carinho e atenção!

Agradeço a minha mãe, Maria de Jesus, por todo carinho, ternura, afeto, atenção e por ser meu porto seguro em tudo que vivi, bem como a Fidelício Nunes, meu pai, pela inspiração que adquiri no zelo, capricho e perfeição em tudo que fazia com a madeira e pela atenção de sempre!

Aos meus filhos, Arthur Nunes e Yuri Nunes, pela razão de viver, o carinho filial e por entenderem que papai brincou, passeou, assistiu e se divertiu pouco nesses últimos meses porque estava estudando para realizar um sonho pessoal e melhorar nossa condição de vida. Obrigado! Papai ama vocês!

A minha esposa, Nil Carvalho, por ter suportado as minhas ausências, afastamentos, estresses, tensões e isolamentos durante o mestrado! A você, todo meu amor, em forma de respeito, ternura e afeto que lhe é merecido!

Ao meu irmão mais velho, Fidelício Filho, nosso popular Júnior, pela seriedade, disciplina e atenção costumeira e minha irmã do meio, Simone Nunes, sempre atenciosa, pela prosa de sempre, troca de ideias e opiniões. Obrigado por me ajudarem em todos os momentos em que precisei e pela alegria sincera da conclusão do mestrado.

Agradeço aos meus familiares, tias, tios, primas, cunhada e cunhado, primos e sobrinhos, especialmente Maria Eduarda Nunes e Luan Vitor Moreira, pela admiração e afeto na jornada da vida.

As minhas queridas amigas / vovós da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI – Serrinha*, bem como, monitores, colaboradores e colegas servidores. Vocês têm o meu respeito!

A minha queridíssima orientadora, a Profa. Dra. Simone Ribeiro Santos, por

---

<sup>1</sup> Não poderia deixar de agradecer nominalmente as colaboradoras que deram enredo a esta escrita desta dissertação nesta seção pré-textual. Entretanto, com a intenção de preservar as suas identidades, na seção textual “Ser, estar e viver: as territorialidades das idosas da UATI de Serrinha-BA”, elas foram identificadas por apelidos carinhosos, pela reação de afeto que o pesquisador tem com as mesmas, bem como para atender a uma normativa do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

sua docilidade e presteza nas orientações. Que o meu obrigado possa acalentar o seu generoso e afetuoso modo de ser!

Aos Professores/Professoras do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET) pelos preciosos ensinamentos que levarei por toda a minha vida! No enejo, não poderia deixar de mencionar o Coordenador do Programa, o Prof. Agripino Souza Coelho Neto atenção dada a mim durante o vínculo estudantil. E, aos meus colegas, estudantes do PROET, pelo apoio, colaboração, escuta, solidariedade, risos e angústias compartilhadas. Sentirei falta de estarmos juntos e desejo sucesso em suas trajetórias!

Aos meus colegas, servidores da UNEB em Serrinha, pelas mensagens, preces e sentimentos de alegria por mais esta conquista.

Aos membros / colegas do Grupo de Pesquisa *Geo(BIO)grafar* por compartilhar suas experiências e me acolherem com toda empatia e fraternidade, em especial, a Professora Jussara Fraga Portugal, sempre acolhedora e afetuosa comigo!

Ao Professor Jean da Silva Santos (diretor em exercício no período de aprovação do Mestrado) pelo apoio institucional e motivação nessa jornada. E, à Professora Isabele Pereira Sanches, atual diretora da UNEB, *Campus XI – Serrinha*, pelo apoio institucional.

Às minhas companheiras coordenadoras e companheiros coordenadores de UATI, que compõem o Núcleo das UATI (NUATI) da UNEB, em especial: Sônia Maria Bamberg Nogueira Reis, Antônio Jorge Nascimento dos Santos, Carlos Henrique Valença Silva, Ieda Fátima da Silva, Evaldo Nascimento Bispo e João Paulo Santos de Sousa.

Às Professoras Madriracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio e Patrícia Júlia Coelho pelas energias positivas e vibrações para cursar o mestrado. Também agradeço a Profa. Gelcivânia Mota Silva pela admiração, apreço, palavras afáveis e generosos elogios na docência quando estive à frente do Pré-Vestibular Universidade Para Todos.

A jornada da vida também se tece com as amigas! E, não poderia deixar de mencionar meu compadre Adailton Carvalho e minha comadre Karla Maciel pelos momentos prazerosos de conversas sobre a vida.

Às amigas, Luana de Lima Moreira, Nélia de Matos Monteiro, Heider Mota, Violeta Santana Souza Leão, Taíse Menezes, Valquíria Ribeiro pela atenção de

sempre!

Aos amigos, companheiros de estrada e sempre atenciosos, os Professores Ivan dos Reis Cardoso, João Evangelista, Júlio César Gomes, Claudio Ressurreição dos Santos pela motivação, apoio costumeiro e palavras de força e coragem.

Às minhas colegas da Coordenação Acadêmica, Jeane Ferreira Oliveira, Maria do Amparo Ribeiro e Maria das Graças Pinheiro, pelas vivências, aprendizagens e colaboração.

Às professoras que prontamente se colocaram à disposição e compuseram a banca de qualificação e defesa de mestrado: Profa. Dra. Áurea Pereira e a Profa. Dra. Carina Copatti, pelas valorosas contribuições dadas para a finalização deste trabalho, de igual modo, as generosas indicações, críticas e generosidade.

A tudo aquilo que povoou as minhas andanças e trajetórias de vida: bichos, plantas, livros, os desenhos e seriados da televisão, o alimento, a mística e espiritualidade de fé e luta, o tempo, os espaços geográficos que percorri; a beleza da natureza mesmo que vilipendiada (chuvas, dias ensolarados, rios, lagos, praias, jardins, montanhas)... Enfim, a tudo que já vivi e a todos que fizeram/fazem parte da minha história, os meus sinceros agradecimentos!

## ***Resumo***

---

"Na velhice os passos são lentos, porque o velho carrega uma criança, um jovem e um adulto na própria história."

*Davi Raballo*

NUNES, Fernando de Souza. **Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades**. 2023. 188p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2023.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo as territorialidades presentes nos modos de vida das estudantes idosas, cujo lócus de investigação é a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), vinculada à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), presente nos *Campi* da instituição, em especial, no *Campus XI - Serrinha*, tendo como problemática a seguinte questão: Quais territorialidades emergem das narrativas (auto)biográficas das estudantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) do Departamento de Educação (DEDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI/Serrinha*? Em questões secundárias: a) O que é a UATI e quem são as idosas que frequentam o programa? b) Quais histórias narram as estudantes da UATI do DEDC/UNEB/*Campus XI*? c) Quais territorialidades são praticadas pelas estudantes da UATI que as caracterizam como sujeitos que vivem na região do sisal da Bahia? d) De que maneira as narrativas (auto)biográficas permitem compreender as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI em Serrinha? Objetiva-se analisar, através das narrativas (auto)biográficas, quais são e como são construídas as territorialidades das estudantes da UATI do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. Os objetivos específicos deste estudo são: a) apresentar a UATI da UNEB de Serrinha como um importante programa formativo para estudantes idosas; b) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI que emergem das narrativas (auto)biográficas; c) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes do UATI; d) caracterizar as expressões identitárias das idosas, presentes nas narrativas das estudantes da UATI/UNEB de Serrinha que vivem na região do sisal da Bahia. Trata-se, portanto, de um trabalho decorrente de uma pesquisa qualitativa, ancorada no método (auto)biográfico, cujos instrumentos de recolha de dados e informações foram o questionário socioeconômico e a entrevista narrativa gravada, realizada com seis mulheres idosas que são estudantes da UATI em Serrinha-BA. As análises feitas a partir deste trabalho sobre a UATI possibilitou investigar as múltiplas temáticas que envolvem as territorialidades e as narrativas (auto)biográficas de seis mulheres idosas, cujo enredo poderá indicar contribuições para as políticas públicas voltadas à valorização e defesa da pessoa idosa, pois este estudo possui relevância social e acadêmica ao contribuir para o debate sobre a condição da pessoa idosa a partir da valorização dos saberes, experiências de vida e vivências por meio das narrativas (auto)biográficas das alunas da UATI de Serrinha-BA.

**Palavras-chaves:** Territorialidades; Narrativas (auto)biografias; Estudantes Idosas; UATI.

NUNES, Fernando de Souza. **Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades**. 2023. 188p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2023.

## ABSTRACT

The object of this study is the territorialities present in the lifestyles of elderly students, whose locus of investigation is the Open University for the Third Age (UATI), linked to the State University of Bahia (UNEB), present on the institution's campuses, especially Campus XI - Serrinha, with the following question as its problematic: What territorialities emerge from the (auto)biographical narratives of the students of the Open University for the Third Age (UATI) of the Department of Education (DEDC) of the State University of Bahia (UNEB), Campus XI/Serrinha? Secondary questions: a) What is UATI and who are the elderly women who attend the program? b) What stories do the UATI students at DEDC/UNEB/Campus XI tell? c) What territorialities do the UATI students practice that characterize them as subjects living in the sisal region of Bahia? d) How do (auto)biographical narratives allow us to understand the territorialities practiced by the UATI students in Serrinha? The aim is to analyze, through (auto)biographical narratives, what the territorialities of UATI students in Serrinha are and how they are constructed. The territorialities of UATI students from the Department of Education at Bahia State University. The specific objectives of this study are: a) to present the UATI at UNEB in Serrinha as an important training program for elderly students; b) to identify the territorialities practiced by UATI students that emerge from (auto)biographical narratives; c) to identify the territorialities practiced by UATI students; d) to characterize the identity expressions of elderly women, present in the narratives of UATI/UNEB students from Serrinha who live in the sisal region of Bahia. This work is therefore the result of qualitative research, based on the (auto)biographical method. The instruments used to collect data and information were a socio-economic questionnaire and a recorded narrative interview with six elderly women who are students at the UATI in Serrinha-BA. The analyses made from this work on the UATI made it possible to investigate the multiple themes that involve the territorialities and (auto)biographical narratives of six elderly women, whose storyline may indicate contributions to public policies aimed at valuing and defending the elderly, as this study has social and academic relevance by contributing to the debate on the condition of the elderly based on valuing the knowledge, life experiences and experiences through the (auto)biographical narratives of the students of the UATI in Serrinha-BA.

**Key-words:** Territorialities; Narratives (auto)biographies; Senior Students; UATI.

NUNES, Fernando de Souza. **Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades**. 2023. 188p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2023.

## RESUMEN

El objeto de este estudio son las territorialidades presentes en los estilos de vida de los estudiantes de la tercera edad, cuyo locus de investigación es la Universidad Abierta para la Tercera Edad (UATI), vinculada a la Universidad Estatal de Bahía (UNEB), presente en los campus de la institución, especialmente en el Campus XI - Serrinha, teniendo como problemática la siguiente pregunta: ¿Qué territorialidades emergen de las narrativas (auto)biográficas de los estudiantes de la Universidad Abierta para la Tercera Edad (UATI) del Departamento de Educación (DEDC) de la Universidad Estatal de Bahía (UNEB), Campus XI/Serrinha? Preguntas secundarias: a) ¿Qué es la UATI y quiénes son las ancianas que asisten al programa? b) ¿Qué historias cuentan las alumnas de la UATI del DEDC/UNEB/Campus XI? c) ¿Qué territorialidades practican las alumnas de la UATI que las caracterizan como sujetos que viven en la región del sisal de Bahía? d) ¿Cómo las narrativas (auto)biográficas nos permiten comprender las territorialidades practicadas por las alumnas de la UATI en Serrinha? El objetivo es analizar, a través de las narrativas (auto)biográficas, cuáles son y cómo se construyen las territorialidades de los estudiantes de la UATI en Serrinha del Departamento de Educación de la Universidad Estatal de Bahía. Los objetivos específicos de este estudio son: a) presentar la UATI de la UNEB de Serrinha como un importante programa de formación para estudiantes de la tercera edad; b) identificar las territorialidades practicadas por las estudiantes de la UATI que emergen de las narrativas (auto)biográficas; c) identificar las territorialidades practicadas por las estudiantes de la UATI; d) caracterizar las expresiones identitarias de las mujeres de la tercera edad, presentes en las narrativas de las estudiantes de la UATI/UNEB de Serrinha que viven en la región del sisal de Bahía. Este trabajo es, por lo tanto, resultado de una investigación cualitativa basada en el método (auto)biográfico. Los instrumentos utilizados para la recolección de datos e informaciones fueron un cuestionario socioeconómico y una entrevista narrativa grabada con seis ancianas estudiantes de la UATI de Serrinha-BA. Los análisis realizados a partir de este trabajo sobre la UATI permitieron investigar las múltiples temáticas que involucran las territorialidades y narrativas (auto)biográficas de seis ancianas, cuya línea argumental puede indicar contribuciones a las políticas públicas dirigidas a la valorización y defensa de los ancianos, ya que este estudio tiene relevancia social y académica al contribuir al debate sobre la condición del anciano a partir de la valorización de los saberes, experiencias de vida y vivencias a través de las narrativas (auto)biográficas de las estudiantes de la UATI de Serrinha-BA.

**Palabras llave:** Territorialidades; Narrativas (auto)biografías; Estudiantes de ultimo grado; UATI.

*Lista de abreviaturas e siglas*

---

---

AEA – Associação dos Economiários Aposentados e Pensionistas da Bahia  
ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas  
ABRUNATI – Associação Brasileira das Universidades Aberta à Terceira Idade  
AIVD – Atividades Instrumentais de Vida Diária  
Art. – Artigo  
BA – Bahia  
BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
BR – BRASIL  
BPC – Benefício por Prestação Continuada  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CERN – Colégio Estadual Rubem Nogueira  
CEE/BA – Conselho Estadual de Educação  
CF 1988 – Constituição Federal de 1988  
CNDI – Conselho Nacional dos Direitos do Idoso  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CODES SISAL – Conselho Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável da Região Sisaleira do Estado da Bahia  
COBAP – Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas  
CPCT – Centro de Pesquisas em Culturas e Tecnologias do Território do Sisal  
DCET – Departamento De Ciências Exatas e da Terra  
DEDC – Departamento de Educação  
DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos  
DR. – Doutor  
DR<sup>a</sup> – Doutora  
EaD – Ensino à Distância  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
FES – Faculdade de Educação de Serrinha  
FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras  
FMI – Fundo Monetário Internacional  
Geo(BIO)grafar – Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores  
GTTI – Grupo de Trabalho da Terceira Idade  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano  
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal  
IES – Instituição de Educação Superior  
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social  
Km – Quilômetro  
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
LIFE – Laboratório de Estudos Interdisciplinares  
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização  
MPIES – Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social  
NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade  
N.º – Número

NUATI – Núcleo da Universidade Aberta à Terceira Idade  
NUPE – Núcleo de Pesquisa e Extensão  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OUI – Organização Universitária Interamericana  
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PNS – Pesquisa Nacional de Saúde  
PROET – Programa de Pós-Graduação em estudos Territoriais  
PROF. – Professor  
PROF<sup>a</sup> – Professora  
PROEX – Pró-Reitoria de Extensão  
REDA – Regime Especial de Direito Administrativo  
SEC – Secretaria de Educação  
SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia  
SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia  
SESC – Serviço Social do Comércio  
SR. – Senhor  
SR<sup>a</sup> – Senhora  
SUS – Sistema Único de Saúde  
TCC – Trabalho de conclusão de Curso  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TOPA – Todos pela Alfabetização  
UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade  
UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UFMS – Universidade Federal de Santa Maria  
UNEAD – Unidade Acadêmica de Educação a Distância  
UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
UNEF – Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura  
UNESP – Universidade Estadual Paulista  
UTA – Université du Troisième Âge

*Lista de figuras*

---

Figura 1 – Localização do município de Serrinha no Território do Sisal, Bahia.....	30
Figura 2 – Organograma – problemática, objetivos e questões secundárias.....	31
Figura 3 – Organograma sobre a (auto)biografia - 2022.....	51
Figura 4 – Etapas da pesquisa - 2022.....	60
Figura 5 – <i>Campi</i> da UNEB no território baiano – 2022.....	88
Figura 6 – Mapeamento da UATI e <i>Campi</i> da UNEB no território Baiano.....	91
Figura 7 – Grau de escolaridade das colaboradoras da pesquisa - 2023.....	104
Figura 8 – O que as colaboradoras menos gostam da UATI - 2023.....	108

*Lista de imagens*

---

Imagem 1 – Idosas formando as letras UATI.....	Capa
Imagem 2 – Rosto de idosa.....	27
Imagem 3 – Idosa segurando um retrato de criança.....	36
Imagem 4 – Fotografia do autor aos 5 anos (1990) e aos 37 anos (2023).....	40
Imagem 5 – Os pés de uma pessoa idosa.....	48
Imagem 6 – Idosa segurando adereços.....	64
Imagem 7 – Idosa em trajes populares.....	81
Imagem 8 – Departamento de Educação da UNEB, Campus XI - Serrinha.....	93
Imagem 9 – CPCT - 2023.....	94
Imagem 10 – Pessoa idosa segurando uma bengala.....	101
Imagem 11 – Dadá – 2023.....	112
Imagem 12 – Naná – 2023.....	119
Imagem 13 – Mari – 2023.....	125
Imagem 14 – Ligi – 2023.....	131
Imagem 15 – Lili – 2023.....	137
Imagem 16 – Sol – 2023.....	144
Imagem 17 – Idosa segurando microfone.....	151
Imagem 18 – Idosa abraçada a uma criança.....	157
Imagem 19 – Idosa em meio a um grupo de mulheres.....	166
Imagem 20 – Idosa olhando sério.....	179

*Lista de quadro e tabela*

---

Quadro 1 – Distribuição das atividades da UATI/UNEB.....92

Tabela 1 – O que as colaboradoras mais gostam da UATI em ordem de relevância - 2023.....108

## SUMÁRIO

<b>1. NOTAS INTRODUTÓRIAS.....</b>	<b>7</b>
<b>2. TESSITURAS DO PESQUISADOR: VIDA, FORMAÇÃO, PROFISSÃO E PESQUISA.....</b>	<b>36</b>
<b>3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: A SUSTENTAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>48</b>
3.1. Tipo de pesquisa e fonte.....	50
3.2. Lócus e sujeitos da investigação.....	57
3.3. Etapas e processo de análises.....	58
<b>4. INTERCONEXÕES: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E TERRITORIALIDADES.....</b>	<b>64</b>
4.1. Narrativas (auto)biográficas e sua importância para a educação.....	65
4.2. Narrativas (auto)biográficas de pessoas idosas: a riqueza das experiências de vida.....	69
4.3. Territorialidades: concepções materiais e simbólicas.....	71
4.4. Expressões identitárias territoriais: uma discussão necessária.....	75
<b>5. UATI: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS.....</b>	<b>81</b>
5.1. A UATI na escala nacional: origem e importância.....	82
5.2. A UATI na UNEB: surgimento e implantação departamental.....	86
5.3. UATI: desafios e valorização da pessoa idosa.....	96
<b>6. SER, ESTAR E VIVER: AS TERRITORIALIDADES DAS IDOSAS DA UATI DE SERRINHA-BA.....</b>	<b>101</b>
6.1. Dadá: narrativas e territorialidades de uma dona do lar.....	111
6.2. Naná: narrativas e territorialidades de uma doméstica.....	119
6.3. Mari: narrativas e territorialidades de uma trabalhadora rural.....	
	<b>Erro! Indicador não definido.24</b>
6.4. Ligi: narrativas e territorialidades de uma servidora pública.....	130
6.5. Lili: as narrativas e as territorialidades de uma professora.....	136

6.6. Sol: as narrativas e as territorialidades de uma professora.....	144
<b>7. CONSIDERAÇÕES: TESSITURAS NÃO TÃO FINAIS.....</b>	<b>151</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>157</b>
<b>9. APÊNDICES.....</b>	<b>166</b>
9.1. Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	167
9.2. Apêndice B – Esclarecimento sobre a Pesquisa, Entrevista e Aceite.....	170
9.3. Apêndice C – Questionário sociodemográfico.....	172
9.4. Apêndice D – Roteiro de entrevista narrativa.....	174
9.5. Apêndice E – Termo de Adesão.....	175
9.6. Apêndice F – Declaração de Compromisso.....	176
9.7. Apêndice G – Carta de cessão para memorial.....	177
9.8. Apêndice H – Termo de consentimento pós-informado.....	178
<b>10. ANEXOS.....</b>	<b>79</b>
10.1. Anexo A – Paracer consubstanciado do CEP.....	180
10.2. Anexo B – Projeto da UATI.....	183

## **1. NOTAS INTRODUTÓRIAS**

*Hoje eu estou  
Entre onde andei  
E pra onde vou*

*Maysa, 1974.*

*Imagem 2: Rosto de idosa - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

A epígrafe que abre esta seção textual faz parte da canção “Não sei”, interpretada por Maysa (1974), cuja letra e melodia possibilitam-me<sup>2</sup> mergulhar nas minhas memórias, reviver o passado, refletir sobre o vivido e o experienciado e conjecturar outras trajetórias e caminhos.

Esta seção, nomeada como “Notas introdutórias”, tem a intenção de apresentar ao(a) leitor(a) as tessituras que envolvem esta escrita.

A população brasileira está envelhecendo. Significa dizer que há uma transformação, isto é, para especialistas da área do conhecimento que envolve as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como os da Geografia, vivenciamos uma transição demográfica em que teremos mais idosos do que registramos em décadas passadas.

As causas do aumento do número de idosos estão relacionadas às melhorias dos indicadores socioeconômicos verificados nas áreas de saúde, educação, saneamento básico, a exemplo do barateamento de medicamentos, adoção de técnicas e tecnologias que auxiliam na prevenção e combate de doenças que podem prolongar a vida; ampliação do direito a aposentadoria e a assistência social, conforme sinaliza o Ministério do Planejamento do Brasil (BRASIL, 2015).

As consequências desses processos são observadas no aumento da expectativa de vida dos idosos em todas as regiões e estados brasileiros, mesmo aquelas com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, vide o Norte e Nordeste do país.

Outro fator apontado pelos economistas é o aumento de aposentados e pensionistas pressionando o Estado a adotar políticas macroeconômicas de planejamento orçamentário frente à demanda de grande volume de recursos públicos garantidos pela Constituição.

Todavia, é preciso tomar cuidado para não se deixar influenciar por ideias alarmistas e fatalistas que não admitem se tratar de uma conquista social e histórica de termos pessoas vivendo mais e atribui a esse fenômeno um problema associado à diminuição da população economicamente ativa, contribuindo pouco para a previdência, gerando “despesas” maiores do que “receitas”.

Entretanto, é oportuno mencionar que essa percepção negativa de que o aumento de idosos em nossa sociedade é algo pejorativo surgiu nos Estados Unidos

---

<sup>2</sup> Como esta dissertação decorre da escolha metodológica na qual a pesquisa foi inspirada - método (auto)biográfico - justifico parte da escrita do texto na primeira pessoa.

e países europeus e ganhou força com os tecnoburocratas do liberalismo e suas reformas altamente prejudiciais à maior parcela da população, com retirada de direitos e garantias sociais.

A inserção dessas ideias no Brasil, América Latina e países pobres adquire caráter colonialista, principalmente, quando impostas pelas reformas neoliberais dos anos de 1980, com a Ex-Primeira Ministra britânica Margaret Thatcher e o Ex-Presidente americano Ronald Reagan, além de organismos globais, a exemplo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e outras corporações internacionais<sup>3</sup>. Na contramão desse movimento hegemônico, eurocentrista, dominante e de outras investidas, surge movimentos progressistas, de direitos humanos, populares e, principalmente, decoloniais, que lutaram para conquistar avanços em políticas sociais que também repercutiram na vida dos idosos. Daí a necessidade em descolonizar o pensamento sobre a pessoa idosa é como um ato de humanizar o saber, apoiado por educadores populares, em defesa da coletividade, da solidariedade e uma contribuindo para a defesa da pessoa idosa.

Dito isso, pode-se acrescentar outros elementos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa, como: casas de curta e longa permanência, programas sociais e projetos voltados aos idosos, iniciativas na área de assistência social na escala comunitária e municipal, dentre outras, apesar das situações degradantes que atingem esta parcela da população, como as violências domésticas, apropriação do salário e do benefício por parte de familiares, abandono, práticas abusivas de algumas financiadoras e empresas ao oferecer empréstimos sem o devido esclarecimento das cláusulas contratuais, desrespeito por parte da população que não reconhece a prioridade no atendimento a serviços públicos e privados e demais situações se constituem um longo processo a ser superado.

Estas situações persistem em nosso cotidiano, porém, ações futuras tendem a atenuar esse cenário com a popularização do Estatuto da Pessoa Idosa e da Política Nacional da Pessoa Idosa ao nortear as relações que se pretendem estabelecer junto aos idosos promovendo a sua dignidade, cidadania, respeito e memória.

No que tange aos projetos e programas que atendem idosos, de modo especial na Bahia, menciona-se os trabalhos realizados pelas universidades

---

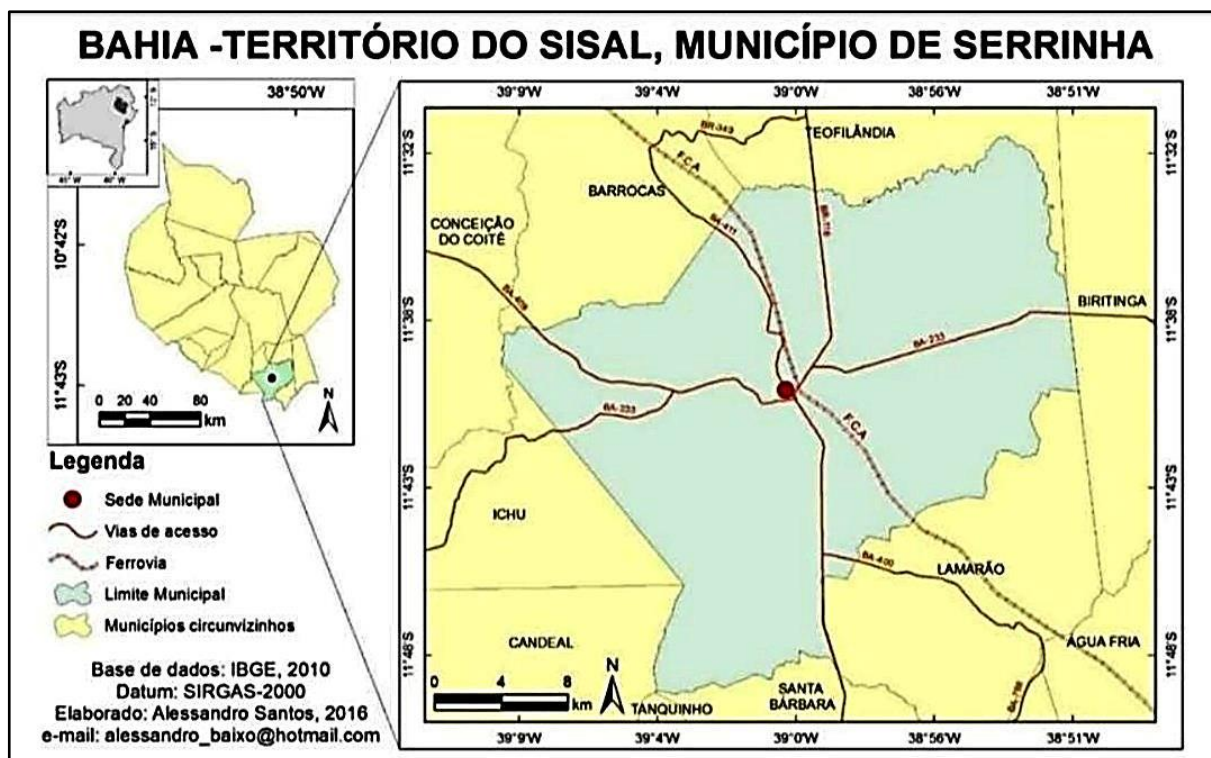
<sup>3</sup> Para mais informações, recomendo o seguinte conteúdo, disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/neoliberalismo-1.htm>>

públicas brasileiras que desenvolvem uma série de ações para além da valorização, mais especificamente, o empoderamento dos idosos no Brasil.

Dentre estas, destaco o trabalho valoroso da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), presente em todas as mesorregiões do Estado, alcançando os 417 municípios baianos com projetos coordenados por profissionais graduados e especializados para o mundo do trabalho.

A UATI<sup>4</sup> desenvolve muitas ações e atividades de cunho educacional, pedagógico, artístico, cultural, político, ambiental, tecnológico, psicológico e tantos outros em cidades com a presença de um *campus* da universidade, como ocorre na cidade de Serrinha, no interior da Bahia (Figura 1). E, para fins de esclarecimento, são admitidas no projeto idosas que possuem idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de idade, conforme classificação do Estatuto da Pessoa Idosa.

Figura 1 – Localização do município de Serrinha no Território do Sisal, Bahia

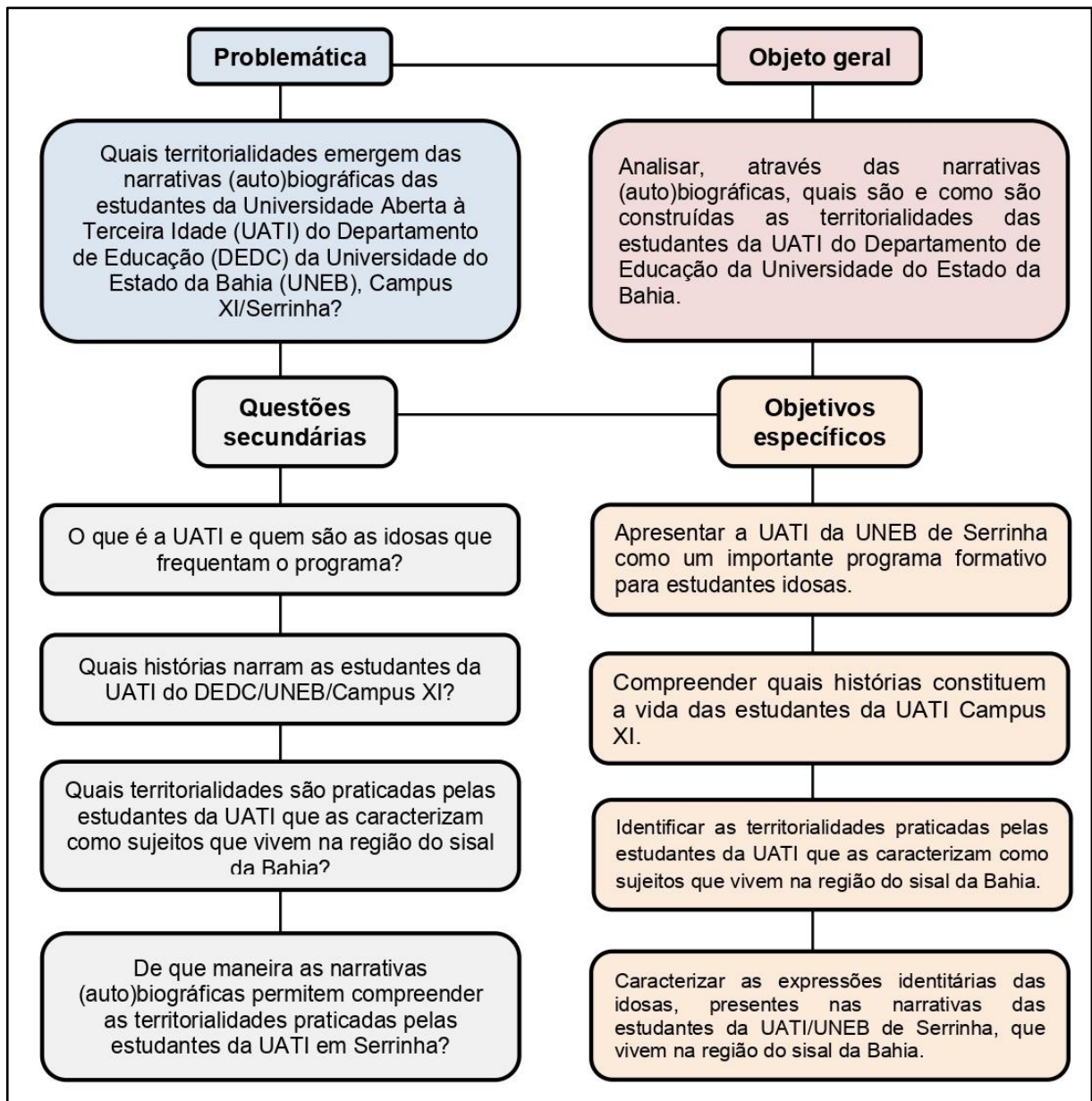


Fonte: Oliveira (2016, p. 59).

<sup>4</sup> O Programa é cadastrado no âmbito da Universidade / Departamento numa plataforma de projetos de ensino, pesquisa e extensão chamado Sistema Integrado de Planejamento - SIP, utilizado para a execução administrativa (fonte de dados e informações técnicas, estatística) e financeira (utilização para fins de destinação dos recursos públicos e orçamentários da Universidade), conforme item 10.2 - Anexo B: Projeto da UATI.

A problemática da pesquisa que dá origem a esta escrita envolve a seguinte questão norteadora/central: Quais territorialidades emergem das narrativas (auto)biográficas das estudantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) do Departamento de Educação (DEDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI/Serrinha*? Para uma leitura mais apurada da problemática, objetivos e questões secundárias, elaborei o seguinte organograma:

Figura 2: Organograma – problemática, objetivos e questões secundárias



Elaboração: Fernando de Souza Nunes, 2022.

De forma secundária, foram eleitas as seguintes questões secundárias: a) O

que é a UATI e quem são as idosas que frequentam o programa? b) Quais histórias narram as estudantes da UATI do DEDC/UNEB/*Campus XI*? c) Quais territorialidades são praticadas pelas estudantes da UATI que as caracterizam como sujeitos que vivem na região do sisal da Bahia? d) De que maneira as narrativas (auto)biográficas permitem compreender as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI em Serrinha?

A partir da questão que mobiliza a investigação e das demais questões norteadoras que alimentam a pergunta da investigação, objetiva-se analisar, através das narrativas (auto)biográficas, quais são e como são construídas as territorialidades das estudantes da UATI do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus XI/Serrinha*).

Os objetivos específicos deste estudo são: a) apresentar a UATI da UNEB de Serrinha como um importante programa formativo para estudantes idosas; b) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI que emergem das narrativas (auto)biográficas; c) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes do UATI; d) caracterizar as expressões identitárias das idosas, presentes nas narrativas das estudantes da UATI/UNEB de Serrinha, que vivem na região do sisal da Bahia.

Desse modo, esta dissertação possui relevância social e acadêmica ao contribuir para o debate sobre a condição da pessoa idosa a partir da valorização dos saberes, experiências de vida e vivências por meio das narrativas (auto)biográficas das alunas da UATI de Serrinha.

A temática apresentada neste estudo se justifica, sobretudo, pela relevância social da UATI, além das argumentações que caracterizam a escolha da temática, ancoradas nas dimensões pessoal e profissional. Em termos de relevância social, o estudo abordou uma questão que envolve a realidade local, subsidiando as ações dos poderes públicos municipais e demais profissionais, entidades não governamentais e pessoas interessadas na temática. Do mesmo modo, a escolha pelo objeto de pesquisa, qual seja, as territorialidades das estudantes da UATI da UNEB de Serrinha, justifica-se pela necessidade de elaboração de políticas públicas e projetos voltados para a terceira idade no município de Serrinha e no Estado da Bahia.

É importante mencionar que a UATI, localizada na cidade de Serrinha, se

destaca no Território de Identidade do Sisal da Bahia<sup>5</sup> e possibilita investigar muitas temáticas e revelar múltiplas questões territoriais no âmbito da Terceira Idade, a exemplo da formação continuada, das expressões identitárias e territoriais, a partir das narrativas (auto)biográficas concedidas pelas colaboradoras.

Quanto às argumentações de ordem pessoal que justificam a temática de pesquisa pelo pesquisador estão relacionadas à minha naturalidade, pois sou nascido em Serrinha e atuo profissionalmente na UNEB/DEDC/*Campus XI*, desde o ano de 2009, ocupando cargo sem vínculo com o Estado, realizando atividades funcionais de secretário, bem como de coordenador da UATI do referido *Campus* da UNEB desde o ano de 2012.

Vale salientar que a intenção da pesquisa que gerou esta dissertação foi ganhando força com a participação na condição de membro técnico no grupo de pesquisa Geo(BIO)grafar<sup>6</sup>, pois este espaço formativo se constituiu como um divisor de águas quanto ao desenvolvimento de novas pesquisas a partir de temáticas relacionadas às narrativas (auto)biográficas. Além disso, no que tange à questão profissional, esta dissertação de mestrado está relacionada com a minha atuação na Geografia Humana, no âmbito da extensão universitária, na condição de coordenador da UATI.

---

<sup>5</sup> O Território de Identidade é uma unidade de planejamento adotada no estado da Bahia, a partir do ano de 2008 e configura-se como “um espaço físico geograficamente definido, não contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meios de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial”. (BAHIA, 2016; 2015). O Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. São eles: Irecê; Velho Chico; Chapada Diamantina; Sisal; Litoral Sul; Baixo Sul; Extremo Sul; Médio Sudoeste da Bahia; Vale do Jiquiriçá; Sertão do São Francisco; Bacia do Rio Grande; Bacia do Paramirim; Sertão Produtivo; Piemonte do Paraguaçu; Bacia do Jacuípe; Piemonte da Diamantina; Semiárido Nordeste II; Litoral Norte e Agreste Baiano; Portal do Sertão; Sudoeste Baiano; Recôncavo; Médio Rio de Contas; Bacia do Rio Corrente; Itaparica; Piemonte Norte do Itapicuru; Metropolitano de Salvador; Costa do Descobrimento. O Território de Identidade do Sisal é um espaço geográfico que abrange uma área de 20.454 km<sup>2</sup>, o equivalente a 3,6% do território do estado da Bahia, composto por uma população de 582.331 habitantes (IBGE, 2015), abrangendo 4,15% da população absoluta deste estado. Do total deste percentual da população baiana, 57,20% é residente do espaço rural. Este Território de Identidade é mais conhecido como Região Sisaleira e está localizado no semiárido da mesorregião do Nordeste baiano, distante da capital baiana por aproximadamente 180 km, instituído a partir da política de desenvolvimento rural com abordagem territorial implantada pelo estado, e em consonância com o Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PNDSTR) do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Os municípios que compõem o Território do Sisal são: Araci; Barrocas; Biritinga; Candeal; Cansanção; Conceição do Coité; Ichu; Itiúba; Lamarão; Monte Santo; Nordestina; Queimadas; Quijingue; Retirolândia; Santaluz; São Domingos; Serrinha; Teofilândia; Tucano e Valente. (BAHIA, 2016; 2015).

<sup>6</sup> O Grupo de Pesquisa Geo(BIO)grafar – Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores, formado no ano de 2008 e vinculado a UNEB, tem como líder a Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal e a vice-líder a Profa. Dra. Simone Ribeiro Santos.

Do ponto de vista estrutural, esta dissertação de mestrado encontra-se organizada em sete principais seções textuais.

A primeira seção textual é esta, nomeada como “Notas introdutórias”, que intenciona situar o leitor sobre o objeto de estudo que gerou esta dissertação, bem como apresentar a justificativa e a forma de estruturação desta escrita.

A segunda seção, intitulada como “Tessituras do pesquisador: vida, formação, profissão e pesquisa”, tem a intenção de apresentar os elementos identitários do autor desta escrita, bem como justificar a escolha pelo objeto de estudo e a relevância de estudar a UATI e a implicação do autor desta dissertação com o objeto pesquisado.

A terceira seção, cujo título é “Caminhos metodológicos: a sustentação da pesquisa”, apresenta o viés metodológico, o tipo de pesquisa realizado, o método escolhido, o lócus e os sujeitos colaboradores, protagonistas deste estudo, bem como as fontes de recolha de informações e processo de análise das mesmas.

A quarta seção, “Interconexões: narrativas (auto)biográficas e territorialidades”, versa sobre a importância das narrativas (auto)biográficas para as pesquisas em educação, bem como sobre as narrativas de pessoas idosas como relevantes fontes de pesquisas sobre diversas territorialidades, sejam elas materiais e/ou simbólicas. Nesta seção será apresentada uma interconexão entre as narrativas (auto)biográficas e as territorialidades, não somente na forma de categorias de análises e conceitos sobre este derivado do território. Essa interconexão é aprofundada na confiança depositada pelas alunas da UATI, indicadas para a entrevista, ao compartilhar as suas experiências de vida e nas concepções materiais e simbólicas das territorialidades.

Na quinta seção, nomeada como “UATI: importância e desafios”, a intenção é apresentar a origem, importância da UATI no cenário nacional, bem como a implementação da UATI na UNEB de Serrinha, as ações e os desafios da educação de idosos.


Na sexta seção, intitulada como “Ser, estar e viver: as territorialidades das idosas da UATI de Serrinha-BA”, serão apresentadas as colaboradoras deste estudo, suas histórias de vida e as territorialidades que as constituem. Neste capítulo serão apresentados os fragmentos narrativos das idosas da UATI de Serrinha, enfatizando as suas concepções do ser, estar e viver ao longo das suas belas e riquíssimas trajetórias de vida. Para preservar as suas identidades, adotei o uso de

apelidos carinhosos pela reação de afeto que o pesquisador tem com as mesmas.

E, longe de encerrar o debate ou esgotar todas as possibilidades de discussões e análises, na última seção textual, nomeada como “Considerações Finais”, são retomadas a questão de pesquisa e os objetivos elencados no estudo, além de apresentar as informações coletadas e analisadas para tecer a escrita final desta dissertação, cuja intenção, também, é fazer uma chamada em defesa da valorização da pessoa idosa em nossa sociedade e diversos outros contextos aos quais elas estão inseridas.

Por último, estão as “Referências”, onde são apresentados os autores e suas obras, de forma detalhada, todas as fontes pesquisadas e citadas no texto dissertativo, que ajudaram a tecer reflexões sobre o objeto de estudo.

Na sequência estão os “Apêndices”, constituídos pelos seguintes documentos: Termo de Livre Esclarecimento da pesquisa, questionário sociodemográfico e roteiro da entrevista narrativa, seguido pelo “Anexo” do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos que autorizou o estudo que originou esta dissertação.



**2. TESSITURAS DO PESQUISADOR:  
VIDA, FORMAÇÃO, PROFISSÃO E  
PESQUISA**

*Eu sou meio o que fui  
E o que serei*

*Maysa, 1974.*

A epígrafe que abre esta seção textual, trecho da canção “Não sei”, cantada por Maysa (1974), foi selecionada porque possibilita pensar nas tessituras que compõem a história de vida pessoal, profissional e de pesquisador, do autor desta escrita, pois esta seção centra-se nas minhas memórias<sup>7</sup>, nas itinerâncias de vida, formação e profissão.

Para Passeggi, o memorial, gênero textual (auto)biográfico, é “[...] antes de tudo, um espaço-tempo de tensões contraditórias: o da injunção de falar de si e o da sedução de se reinventar pela narrativa” (PASSEGGI, 2011, p. 20). Neste memorial vivenciei tudo isso que a autora relata sem se dar conta de que era necessário para superar dilemas da pesquisa ao escrever em primeira pessoa; a tensão em compartilhar as vivências espaço-temporais que me conduziram onde estou e; aceitar que o método me permite expressar sentimentos que também são da coletividade.

Os termos “fui”, no tempo passado, e “serei”, no tempo futuro, se justificam pelo elo que está entre ambas, pois é quase inviável pensar uma isolada ou dissociada da outra quanto às ações dos sujeitos no conjunto da sociedade.

Do mesmo modo em que as ações das pessoas, no conjunto da sociedade, modelam o espaço através do tempo; esse mesmo tempo age na vida de cada pessoa permitindo rever o passado, presente e sentir as angústias de um futuro incerto de acordo com os caminhos que o indivíduo seguiu na jornada da vida.

Percebe-se isso nas autobiografias por se tratar de uma reflexão de suas próprias ações e de quem narra. E trabalhar as narrativas autobiografias dos outros exige do pesquisador a observação de determinados princípios e protocolos, pois “[...] não é possível trabalhar as biografias dos outros sem uma análise do nosso próprio percurso, como pessoas e como educadores [...]”. (SOUZA, 2006, p. 9).

Esta citação, contida na tese de doutoramento do referido autor, intitulada “Conhecimento de si”, evidencia que as narrativas de vida de quem narra e acolhe a narrativa do outro, se traduz num entrelaçamento e na descoberta de redes de humanidade.

---

<sup>7</sup> Como este estudo encontra-se assentado no método (auto)biográfico, sinto-me autorizado a utilizar a primeira pessoa do singular para entrelaçar a minha história de vida, formação e profissão para justificar o objeto de estudo com as experiências vivenciadas em outras dimensões da existência, pois, como afirma Josso (2004, p. 112), “A abordagem de histórias de vida pode não apenas provocar um conhecimento da sua existencialidade e do seu saber-viver como recursos de um projeto de si [...] mas convoca [...] a reconhecer-se [...] a colocar-se numa relação renovada consigo, com os outros.” Assim, justifico o modo de escrita desta dissertação, sobretudo nesta seção textual que reflete as histórias que constituem o autor deste estudo.

Conhecer a si é mergulhar em mares que constantemente estiveram calmos e turbulentos e, ao tempo, dialogar consigo mesmo e com os outros sujeitos que perpassam a nossa trajetória de vida. E, a forma mais condizente de fazer isso é narrando as principais passagens da nossa história, mesmo correndo o risco de descuidar de outros tantos momentos. Então, o resultado desse esforço se traduz na narrativa da minha (auto)biografia.

Nasci no dia 05 de novembro de 1985, na cidade de Serrinha-BA<sup>8</sup>, localizada a 172 Km da capital baiana, Salvador, em plena época de redemocratização no cenário político brasileiro com o fim da famigerada Ditadura Militar que deixou marcas difíceis de serem superadas e a posse do Vice-Presidente José Sarney, após a morte de Tancredo Neves. Sou o caçula / terceiro filho da Sr<sup>a</sup>. Maria de Jesus (natural do município de Teofilândia-BA<sup>9</sup>) e do Sr. Fidelício de Souza Nunes (natural de Lajedinho-BA<sup>10</sup> - e tenho como irmãos Fidelício Filho e Simone Nunes.

Minha relação com idosos começa com as vivências no meio familiar pela curiosidade e o interesse em conhecer as histórias da minha família e dos meus ascendentes. Sei que a mãe da minha avó paterna, Armelina Basília Nunes, se chamava Vitalina Basília Nunes (bisavó) e o meu bisavô Antônio Nunes. A mãe do meu avô, Francisco Bispo de Souza, chamava-se Maria Virgem de Souza (bisavó) e o meu bisavô paterno José Bispo de Lima. A mãe da minha avó, Rita Francisca de Jesus Santos, se chamava Ana Francisca de Jesus (bisavó), e o pai da minha avó era Gregório Ferreira da Paixão - ela me contava que meu bisavô era vaqueiro do tipo que 'pegava boi na unha em meio à caatinga braba'. Os pais do meu avô materno, Geraldo Pereira dos Santos, chamavam-se Manoel Pereira dos Santos e Umbelina Maria de Jesus.

Com esse relato dos meus avós, percebi algo diferente na origem do meu sobrenome, pois o Nunes vem da minha avó paterna e o Souza do meu avô paterno - o que não é muito comum numa sociedade tipicamente machista registrar o último sobrenome da mulher. Por isso meu sobrenome é inteiramente originado do meu pai, restando à minha mãe aderir o sobrenome do meu pai - esse é um dos benefícios em conversar longamente com as pessoas idosas da família.

---

<sup>8</sup> Município da Bahia localizado na porção Nordeste do Estado, mais especificamente no Território de Identidades do Sisal – Figura 1 – conforme Bahia (2016; 2015).

<sup>9</sup> Município brasileiro da Bahia, localizado na porção Nordeste do Estado, mais especificamente no Território de Identidades do Sisal, conforme Bahia (2016; 2015).

<sup>10</sup> Município brasileiro do Estado da Bahia localizado na Chapada Diamantina; antigo distrito do município de Ruy Barbosa até a sua emancipação em 1962.

Sobre a minha vida estudantil, entre 1989 a 1992, estudei o maternal e prontidão<sup>11</sup> na Escola Dengo da Mamãe, localizada no bairro Ginásio, da cidade de Serrinha-BA, que pertencia a minha tia – popularmente conhecida por Mariazinha – criada em meados dos anos de 1980, voltada à Educação Infantil, atendendo crianças de dois a cinco anos.

A unidade de ensino, onde conheci as primeiras letras do alfabeto e os números, funcionava no turno diurno e possuía uma média de oitenta alunos por turno. O ambiente era agradável, situado a poucos metros da minha residência e marcou a minha infância em um momento de encanto e entusiasmo pelo convívio social com outras crianças da minha idade.

Já nos anos de 1993 a 1996, estudei o antigo Fundamental de 1ª a 4ª série<sup>12</sup> na Escola Pinóquio, localizada no centro da cidade de Serrinha-BA. Atualmente desativada, a unidade de ensino foi criada na década de 1980 e era mantida pela iniciativa privada; funcionava no turno diurno e possuía uma média de 150 alunos por turno. Tinha como diretora uma professora aposentada que havia dedicado muitos anos de sua vida à educação. O projeto pedagógico da escola estimulava em muito a leitura e a escrita, sendo uma unidade escolar de destaque em Serrinha-BA – uma das mais requisitadas e indicadas pelos pais naquele período.

Todavia, o momento mais marcante da minha vida aconteceu entre os anos de 1997 a 2000, quando estudei o Ensino Fundamental II, da 5ª à 8ª série<sup>13</sup>, no Colégio Estadual Rubem Nogueira – o primeiro colégio ginásial do interior da Bahia, criado após apresentação do projeto do então Deputado e serrinhense Rubem Nogueira por meio da Lei n.º 130 que foi sancionada pelo governador Otávio Mangabeira em 14/12/1948 e inaugurado pelo governador Régis Pacheco em 19 de março de 1952.

O Colégio Estadual Rubem Nogueira é uma escola pública que já enfrentava evasão escolar, desinteresse por parte dos alunos, inserção das drogas, sucateamento do ensino público, no entanto, os professores me estimulavam desde cedo a estudar com seriedade e rigor e me preparar para ingressar no Ensino

---

<sup>11</sup> O maternal e prontidão correspondem, atualmente, à educação infantil, entre zero a cinco anos de idade, conforme alteração que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN 9394/96.

<sup>12</sup> O antigo fundamental do primeiro grau, de 1ª a 4ª série corresponde, atualmente, ao Ensino Fundamental 9 anos do primeiro ao nono ano conforme modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN 9394/96.

<sup>13</sup> Neste período, o Ensino Fundamental era de 8 anos e com a modificação através da Lei 11.274, de 06/02/2006, instituiu-se a ampliação para nove anos em todo o país.

Universitário (Imagem 4).

Imagem 4 – Fotografia do autor aos 5 anos (1990) e aos 37 anos (2023)



Fonte: Arquivo pessoal do autor - 2023

Estudei o Ensino Médio no Colégio Estadual Rubem Nogueira e, entre os anos de 2001 a 2003, vivi profundas transformações da minha vida referente à maturidade adquirida na adolescência e início da juventude, apesar das crises comuns a qualquer pessoa nessa fase da vida. Era a descoberta do namoro, das fortes amizades, da preparação para vestibular e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), das paixões ideológicas e políticas, da afinidade com a ciência (em especial a História, Geografia, Filosofia, Sociologia), da participação e representação no movimento estudantil escolar, reivindicando mais atenção aos estudantes frente à direção da escola.

Nesse contexto, no aniversário dos 50 anos da escola, do Colégio Estadual Rubem Nogueira, em 19 de março de 2002, conheci o fundador, Advogado, Professor de Direito, Ex-Deputado Estadual e Federal e membro da Academia Baiana de Letras, o Sr. Rubem Nogueira, quando proferi uma palestra em nome dos estudantes do Colégio numa cerimônia que contou com a presença de autoridades locais. E, a partir disso, construí amizade com um senhor octogenário,

extremamente lúcido, um intelectual que me motivou ainda mais a estudar e pensar de modo crítico a realidade sociopolítica e cultural da nossa sociedade. Ganhei muitos livros de diversos gêneros (jurídico, romântico, sociopolítico), tendo Rubem Nogueira como mestre e modelo de educador até sua morte aos 95 anos de idade, em 2010 – uma semana após a celebração do meu casamento.

Quanto às experiências profissionais, ainda com 16 anos, decidi aprender o ofício de sapateiro com um amigo da família, popularmente conhecido como Telo. Foi um momento de amadurecimento, formação do perfil de trabalhador e, também, da construção da personalidade, de valorização da cultura popular e o trato com as pessoas.

Como sapateiro, o objetivo era juntar umas economias e comprar uma sanfona, visto que, o sonho de infância era ser instrumentista, mais especificamente sanfoneiro, a exemplo de artistas nordestinos do quilate como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca e Flávio José. Todavia, mesmo ingressando na Filarmônica 30 de Junho, de Serrinha, para aprender música, não foi possível manter o sonho de infância por falta de apoio do meu pai (medo de ser tornar alcoólatra por puro preconceito) e a pressão dos demais familiares de que estudasse “para ser alguém na vida”, uma expressão pejorativa, comumente utilizada naquela época, na minha infância e juventude, utilizada para se referir aos profissionais que viviam da música e que não tinham outra renda, embora ainda seja muito utilizada.

Em 2003, troquei a sapataria pela experiência profissional de estagiário na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Departamento de Educação (DEDC), *Campus XI* – Serrinha, na condição de estagiário de Ensino Médio, mediado por um programa estadual de primeiro emprego voltado para estudantes de escolas públicas – naquele período estudava no Colégio Estadual Rubem Nogueira – o primeiro colégio ginásial do interior da Bahia, conforme Nogueira (1997). Considero esse momento marcante na minha vida profissional, pois, antes mesmo de ingressar na universidade, vivenciei o cotidiano do mundo acadêmico e do serviço público, construindo a minha identidade profissional.

Assim, continuei trabalhando no *Campus XI* da UNEB e, após a realização do estágio e posterior avaliação positiva do mesmo, surgiu a oportunidade de continuar atuando no Departamento de Educação por meio de contrato do Regime Especial de Direito Administrativo (REDA), por dois anos, na gestão da Profa. Luzmar da Silva

Cardoso<sup>14</sup> (Diretora do DEDC da UNEB/*Campus XI* nesse período) que me nomeou para Coordenador do Centro de Pesquisas em Culturas e Tecnologias do Sisal (CPCT).

Posteriormente, o Prof. Ivan dos Reis Cardoso<sup>15</sup> me nomeou para o cargo comissionado, sem vínculo com o Estado, para ser Secretário do Departamento no ano de 2009.

Após várias tentativas de ingressar no vestibular, no ano de 2006 fui aprovado para o Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação, *Campus XI – Serrinha*. Tratava-se da realização de um objetivo pessoal de cursar o Ensino Superior de uma graduação recém-implantada no *Campus* e com totais perspectivas de oferecer aos estudantes uma análise de intervenção da realidade social.

Na academia, fui influenciado pela leitura dos textos e livros de diversos autores e geógrafos, como Milton Santos (2006), Henri Lefebvre (2008), Rogério Haesbaert (2007), Ana Fani Alessandri Carlos (2011), Paul Claval (1999), Yves Lacoste (2010), Manuel Correia de Andrade (1988), dentre outros que me auxiliaram na formação geográfica.

Nesse contexto, das leituras que foram oportunizadas na DEDC/UNEB/*Campus XI/Serrinha*, no curso de Licenciatura em Geografia, destaca-se o baiano Milton Santos que ultrapassou os limites do preconceito, as perseguições políticas da Ditadura Militar e, apesar do exílio, produziu trabalhos reconhecidos internacionalmente, como as obras “Por uma outra Globalização<sup>16</sup>”, “Metamorfose do espaço habitado<sup>17</sup>” e o “Espaço do cidadão<sup>18</sup>”.

O convívio com a universidade me fez superar comportamentos e posturas típicas do senso comum e valorizar, cada vez mais, o saber científico e as amizades que surgiram ao longo dos períodos letivos, colegas que se tornaram amigos pela confiança e cumplicidade do cotidiano, atividades em grupo, os momentos de

---

<sup>14</sup> A Profa. Luzmar da Silva Cardoso, pedagoga, vinculada ao Colegiado de Pedagogia, foi diretora da UNEB *Campus XI – Serrinha* no ano de 2005 após a renúncia da titular, a Profa. Mônica Moreira de Oliveira Torres, que assumiu a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD, a convite do Prof. Lourivaldo Valentim da Silva.

<sup>15</sup> O Professor Ivan dos Reis Cardoso, geógrafo, vinculado ao Colegiado de Geografia, foi eleito diretor da UNEB *Campus XI – Serrinha* no biênio 2008 a 2010 e reeleito para o período de 2010 a 2012.

<sup>16</sup> Milton Santos (2009).

<sup>17</sup> Milton Santos (2008).

<sup>18</sup> Milton Santos (2007).

alegrias e festividade nas aulas de campo e encontros estudantis locais e regionais de Geografia.

Por considerar algo inerente para a defesa dos interesses estudantis na universidade, participei do movimento estudantil universitário na qualidade de colaborador – uma experiência inesquecível. Não concebia cursar a universidade sem pensar a sua situação no contexto nacional, regional e local e sem participar das decisões que afetavam diretamente a comunidade acadêmica. Graças ao movimento estudantil, compreendi que o mais importante na universidade não é simplesmente estar, mas contribuir com a defesa de uma instituição plural, pública, laica e de qualidade.

No meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em 2010, abordei o tema referente ao espaço urbano, cujo título foi “O espaço público na dinâmica da paisagem da Praça Morena Bela da cidade de Serrinha-BA” (NUNES, 2010), o qual, sob a orientação do Prof. Claudio Ressurreição dos Santos<sup>19</sup>, muito me ajudou nessa etapa, realizei um bom trabalho obtendo nota 9,2 como média e finalizei a graduação. Esse trabalho contou com a participação dos seguintes membros na banca: Prof. Ivan dos Reis Cardoso e a Profa. Janeide Bispo dos Santos<sup>20</sup>.

Motivado pelos professores e colegas a dar seguimento aos estudos, em 2011 fui aprovado no Curso de Especialização *Lato Sensu* em Dinâmica Territorial e Socioambiental do Espaço Baiano, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Este curso atendeu aos meus anseios de continuar os estudos, de ir mais longe e, como em todos os lugares, fiz diversas amizades, conheci diversos professores com larga experiência nos caminhos da Geografia e refleti com mais profundidade sobre o saber geográfico, por meio dos debates em sala de aula, das aulas de campo, dos seminários temáticos e de pesquisa.

Nessa especialização – Dinâmica Territorial e Socioambiental do Espaço Baiano da UEFS –, o meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O espaço público e as territorialidades nas Praças Luiz Nogueira e Miguel Carneiro da cidade de Serrinha-BA” (NUNES, 2013), sob a orientação da Profa. Mestre Oriana Araújo<sup>21</sup>,

---

<sup>19</sup> Professor Substituto do Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia da UNEB em Serrinha no período de 2009 a 2012. Licenciado em Geografia pela UEFS; Mestre em Geografia pela UFBA; Doutor em Geografia pela UNESP – Rio Claro. Atualmente é professor da UNEF e professor da Rede Pública do Estado da Bahia.

<sup>20</sup> Esses dois professores atuam no Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia, na área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Geografia, no DEDC/*Campus XI*/UNEB/Serrinha.

<sup>21</sup> Professora assistente da UEFS, no Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF), do

foi apresentado em abril de 2013 aos membros da banca: Profa. Vanessa da Silva Vieira<sup>22</sup> e o Prof. Claudio Ressurreição dos Santos<sup>23</sup>, e nesse trabalho, obtive a média final de 9.2, o que me deixou bastante entusiasmado a dar continuidade a minha formação acadêmica.

Ao longo dessa trajetória, os eventos estudantis, acadêmicos, científicos, institucionais, culturais e educacionais foram marcantes e relevantes para a formação, a socialização e o amadurecimento enquanto pessoa, sujeito pensante e cidadão do mundo.

No decorrer das experiências citadas acima, passei a me dedicar com mais intensidade nas publicações de trabalhos em eventos, revistas e outros meios científicos e acadêmicos. Atualizei e discuti as temáticas relacionadas ao espaço público urbano na graduação e pós-graduação e outros temas que já aspirava outrora, a exemplo de questões ambientais e sociopolíticas relacionadas ao município de Serrinha.

Além da pesquisa, outra experiência marcante em minha formação refere-se à extensão universitária. E, nesse período em que atuei no *Campus* da UNEB, em Serrinha, tive o privilégio de ser um dos articuladores (junto a outros servidores) da implantação da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) e ser o primeiro coordenador. Trata-se de um programa de extensão universitária com viés de educação para o público composto por adultos da terceira idade, configurando-se como educação continuada em espaços não formais.

Sua principal característica não é somente atender idoso com idade igual ou superior a 60 anos de idade dos diversos extratos sociais e, sim, a humanização das relações, o respeito à dignidade da pessoa e a compreensão dos processos de envelhecimento saudável e ativo, sem perder de vista a formação cidadã e o empoderamento de uma parcela da população cada vez mais representativa.

A experiência em me relacionar com idosos se ampliou do contexto familiar para um campo mais amplo, a partir da UATI, construindo elos com idosos que passaram a ser atendidos na universidade.

---

curso de Geografia. Licenciada em Geografia pela UEFS; Mestra em Ciências Ambientais pela UEFS e doutora em Geografia pela Universidade de Santiago de Compostela.

<sup>22</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de Santiago de Compostela, Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional/Local, Programa em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB; Graduada em Geografia pela UEFS e Professora Adjunta do Curso de Geografia da UEFS.

<sup>23</sup> Professor do Curso de Geografia da Faculdade Maria Milza – FAMAM, atualmente Universidade Maria Milza – UNIMAM e convidado a compor a banca avaliadora.

Outra experiência riquíssima, do ponto de vista pessoal, foi a sala de aula. Desde as primeiras atuações no antigo Colégio Estadual Plínio Carneiro, perpassando pelas atuações no Pré-Vestibular Universidade Para Todos (UPT), programa mantido pelo Governo do Estado da Bahia, em parceria com as universidades públicas estaduais, pude me realizar individualmente e profissionalmente enquanto sujeito e instrumento de intervenção sócio educativo, crítico e transformador. Por isso que a sala de aula é um ato de entregar-se por inteiro!

Outra pós-graduação que oportunizou aprendizagens e experiências foi o de Gestão Pública pela UNEB, na modalidade Ensino a Distância (EaD), por meio da Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UNEAD). E, na oportunidade, cursei ao lado da minha irmã, momento bastante gratificante porque estávamos juntos nessa jornada de pesquisa e debates. O tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desta pós-graduação pela UNEB foi “Gestão dos espaços públicos urbanos: uma análise geográfica sobre as praças do centro da cidade de Serrinha-BA” Nunes (2019), sob a orientação do Prof. Jailson Braga Brandão<sup>24</sup>.

Por outro lado, para além da trajetória educacional e acadêmica, a família é algo inerente a minha vida, em especial, a família que comecei a construir desde janeiro de 2010, quando me casei com Nil Carvalho, cuja união gerou os nossos dois filhos: Arthur, nascido em junho de 2014 (um dos meses que mais me anima por se tratar dos festejos juninos) e Yuri, em 9 de abril de 2018, no mesmo dia do aniversário da minha esposa - algo bastante emblemático e gratificante.

Entretanto, persegui por muito tempo, a aprovação em um programa de mestrado e, após muitas tentativas, frustrações, decepções e desânimos, consegui a aprovação no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), vinculado ao Departamento de Ciências Exatas e da Terra, da UNEB, *Campus I - Salvador*.

Não tive dúvidas em escolher o referido programa por ser da área de Geografia, ter um excelente corpo docente, composto especialmente por professores já conhecidos da graduação que cursei na UNEB, em Serrinha, e outros bastante conhecidos de eventos e trabalhos publicados. Havia naquele período a inscrição

---

<sup>24</sup> Mestre em Gestão da Educação e Trabalho; Graduado e Pós-Graduado na área de Psicologia pela Universidade do Estado da Paraíba. Professor auxiliar da UNEB lecionando na graduação e pós-graduação nos cursos de direito, psicologia, administração.

em outras seleções de mestrado, motivado por colegas professores, porém, abandonei as etapas por entender que não precisava nutrir uma vaidade desnecessária e nada mais justo que outros possam sentir a mesma alegria que tive em ver o nome na lista de aprovados.

Sobre a escolha da UATI de Serrinha, como lócus e objeto de estudo, não partiu do acaso e, sim, ancorado na dimensão pessoal do pesquisador, autor desta proposição investigativa, pois o mesmo é morador da cidade de Serrinha; possui familiaridade com idosos e com o tema porque faz parte da minha trajetória de vida pessoal, acadêmica e, sobretudo, pela relevância sociocultural e política que o programa possui.

Por acompanhar a elaboração do projeto de implantação no ano de 2011, passei a coordenar oficialmente a UATI, a partir da sua implantação em 22 de maio de 2012, juntamente com outras colegas servidoras e analistas, conforme narrado anteriormente. Houve um forte sentimento de insegurança e angústia por não ter tido a experiência e conhecimentos científicos sobre o público constituído por idosos, apesar de ter constante contato e afeto com as avós materna e paterna.

A UATI se configura como um importante espaço educativo/formativo, sobretudo para os serrinhenses, devido à oferta de atividades a um público específico, localizada na cidade polo do Território de Identidade do Sisal da Bahia, onde resido e trabalho.

O Território de Identidade do Sisal da Bahia é um recorte espacial que pode ser investigado a partir de variadas temáticas e objetos de estudo, podendo revelar diferentes questões territoriais e ampliar discussões sobre a Terceira Idade, por exemplo, pois a UATI possibilita formação continuada, bem como perceber diversas identificações territoriais e diferentes modos de vida presentes nas narrativas idosas atendidas pelo referido programa da UNEB de Serrinha.

Em termos de relevância social, a escolha feita por mim acerca da temática e lócus de investigação está assentada na questão que envolve a realidade local, podendo subsidiar ações dos poderes públicos municipais e demais profissionais, entidades não governamentais e pessoas interessadas na temática. Do mesmo modo, a escolha pelo objeto de pesquisa, qual seja, as territorialidades das estudantes da UATI da UNEB de Serrinha, justifica-se pela necessidade de elaboração de políticas públicas e projetos voltados para a terceira idade no município de Serrinha e no Estado da Bahia.

É importante mencionar que a UATI, localizada na cidade de Serrinha, se destaca no Território de Identidade do Sisal da Bahia, possibilita investigar muitas temáticas e revelar múltiplas questões territoriais no âmbito da terceira idade, a exemplo da formação continuada, das expressões identitárias e territoriais, a partir das narrativas (auto)biográficas.

Vale salientar que esta intenção de pesquisa foi ganhando força com a participação na condição de membro técnico no grupo de pesquisa Geo(BIO)grafar, pois este espaço formativo se constituiu como um divisor de águas, quanto ao desenvolvimento de novas pesquisas a partir de temáticas relacionadas às narrativas (auto)biográficas.

No que tange à questão profissional, a proposição de pesquisa que gerou esta dissertação está relacionada com a Geografia Humana, no âmbito da extensão universitária, pois saliento a minha militância com temáticas instigantes e inerentes às sociedades, tendo em vista as transformações vivenciadas pelos idosos, bem como os seus processos de envelhecimento. Pretende-se ainda, com este trabalho, dialogar com os profissionais da mesma área, com outros pesquisadores, com as lideranças comunitárias e demais pessoas interessadas na temática.

Assim, com esta seção, apresento as justificativas sobre a escolha do objeto de pesquisa não havendo nenhuma dicotomia entre o pessoal e o profissional e, sim, uma interconexão e interligação indissociável por parte do autor deste trabalho, um sujeito dotado de aspirações, desejos, sonhos, trajetórias e esperanças.

A minha implicação com o objeto, a aderência ao programa vinculado a ele, bem como as vivências e experiências que me trouxeram até aqui, endossam a realização do trabalho, uma vez que as narrativas (auto)biográficas, sobretudo da terceira idade, poderão revelar outras discussões sobre as diferentes territorialidades.

Portanto, a temática apresentada na pesquisa que gerou esta dissertação se justifica, sobretudo, pela relevância social da UATI, do mesmo modo, a escolha pessoal elencada acima, a atuação profissional junto a UNEB, além das argumentações que caracterizam a escolha da temática, ancoradas nas dimensões pessoal e profissional.

A próxima seção textual refere-se à metodologia da pesquisa, mais especificamente, ao tipo de pesquisa escolhido, ao lócus, aos sujeitos colaboradores da investigação, as etapas e ao processo de análise das informações coletadas.



### **3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: A SUSTENTAÇÃO DA PESQUISA**

*E se me perguntarem  
O que sei de mim  
Eu não sei... nunca sei*

*Maysa, 1974.*

Imagem 5: Os pés de uma pessoa idosa - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>

*“[...] caminheiro; Você sabe; não existe caminho. Passo a passo, pouco a pouco; E o caminho se faz!”*

Astúlio Nunes, 1980.

Essa frase me faz perceber que sou um “caminheiro” no qual, humildemente, caminha por logradouros nada calmos, até mesmo inseguros e, em grande parte, incertos, onde saberei, somente ao final, se o que vou encontrar ou alcançar contempla os meus objetivos ou, se vou abrir mão de tudo e enveredar por novos caminhos em busca de algo que dê sentido a minha vida e existência.

Esse movimento pressupõe a existência de premissas a serem observadas na prática cotidiana e de modo especial nas pesquisas científicas. Assim, comparo com a metodologia da pesquisa que pode ser, mesmo de maneira empírica, a migração dos pássaros nas estações do ano, os velejadores que atravessam mares e oceanos.

Isso não quer dizer que qualquer caminho leva a qualquer lugar, muito menos que qualquer caminho serve para chegar a algum lugar. Até mesmo caminhos diferentes podem levar ao mesmo lugar, mas a maneira de percorrer o caminho poderá indicar se foi válida chegar aonde se almeja. E, para que isso aconteça, as experiências de vida, que também se apresentam como experiências formadoras dos sujeitos, são elementos biográficos da pesquisa-formação, como assevera Josso (2004).

Essa percepção dialoga com o fragmento da música cantada por Maysa (1974), ao admitir as incertezas quanto às percepções que se têm e até mesmo questionar se as experiências adquiridas nos caminhos percorridos permitem ter a certeza daquilo que se conquistou ou deseja conquistar.

O caminho metodológico da pesquisa se sustenta pelos pressupostos teórico-conceituais indicados para tal missão, em consonância com os objetivos gerais e específicos em resposta à problemática ou questão norteadora apresentada outrora.

Nesta seção textual apresento a metodologia que sustentou a caminhada metodológica da pesquisa acadêmica que gerou esta dissertação, no que tange os procedimentos, percepções, o tratamento dado à fonte de informações, o olhar sobre o lócus e, sobretudo, às colaboradoras da pesquisa, sob o aspecto da coleta das narrativas (auto)biográficas.

### 3.1. Tipo de pesquisa e fonte

Este trabalho tem como premissa a pesquisa qualitativa por corroborar com Silva e Menezes (2005), ao concebê-la como uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de modo a se construir um vínculo inseparável entre o mundo objetivo e as subjetividades do sujeito que não pode ser traduzido por números.

A pesquisa qualitativa trabalha com inúmeras variáveis que ultrapassam as fórmulas matemáticas. Nisso, considero superada a ideia classista e elitista de que pesquisadores da área de Ciências Humanas não “dominam” e até “fogem” das Ciências Exatas e Sociais Aplicadas por não serem ‘capazes de fazer cálculos matemáticos’.

Por outro lado, a pesquisa realizada que gerou esta escrita textual possui um caráter interpretativo / compreensivo, numa perspectiva dialética de Paul Ricoeur (1996), tecida na fenomenologia, entendendo-as como ontologia da linguagem a serem compreendidas por símbolos inesgotáveis de referências objetivas, reais, mitológicas, poéticas, culturais, sem perder de vista a hermenêutica, a suspeita por haver conflitos, dilemas e contradições da linguagem humana, expressos nas narrativas.

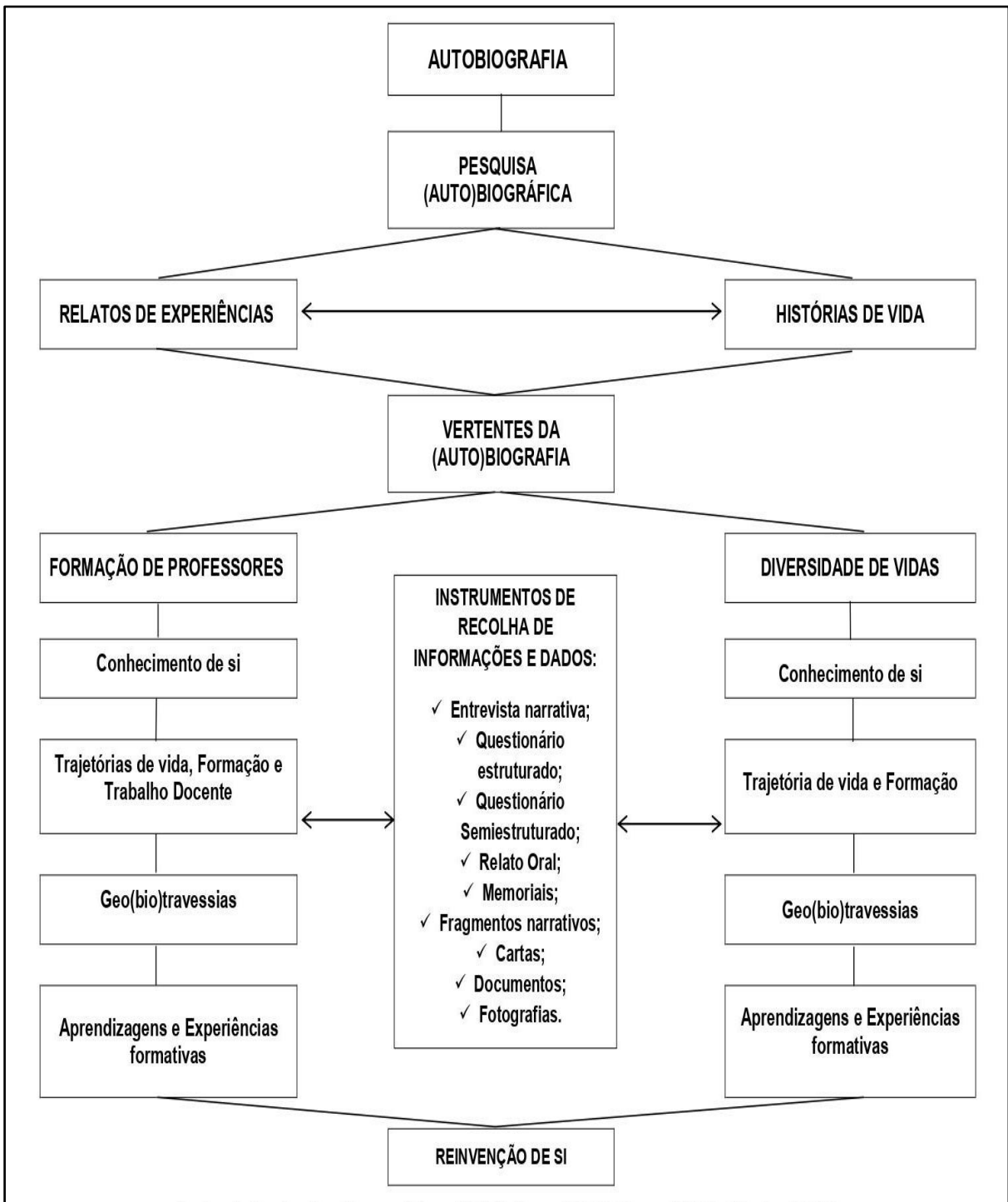
Por último, mas não menos importante, este trabalho decorre de um procedimento técnico, a pesquisa (auto)biográfica (Figura 3), ao se amparar por materiais já publicados em articulação com a pesquisa de campo.

Nesse contexto qualitativo, interpretativo / compreensivo e bibliográfico, destaca-se a narrativa (auto)biográfica, conforme é apresentado no próprio título deste trabalho dissertativo. Mas qual a diferença entre autobiografia e pesquisa (auto)biográfica?

A autobiografia é um gênero literário conhecido em relatar a vida de um sujeito, famoso ou não, com destaque para os principais acontecimentos e experiências de vida, podendo contribuir para a compreensão de determinados acontecimentos de sua trajetória. Destarte, tem-se a pesquisa (auto)biografia que se constitui como um procedimento de pesquisa científica, cujo surgimento se deu “[...] no final do século XIX, na Alemanha, como alternativa à sociologia positivista, sendo aplicada pela primeira vez de forma sistemática pelos sociólogos americanos dos anos 1920 e dos anos 1930 (Escola de Chicago)” (FINGER; NÓVOA, 2014, p. 20). A (auto)biografia se apresenta na forma de resposta à crise da Sociologia positivista e

marca o advento do movimento do ser e tornar-se, conforme prefacia Passeggi (2014), na obra organizada por Nóvoa e Finger (2014) sobre o método (auto)biográfico e a formação.

Figura 3 - Organograma (auto)biografia - 2022



Fontes de Inspiração: Nóvoa e Finger (2014); Josso (2004); Souza (2006); Oliveira (2017).  
Elaboração: Fernando de Souza Nunes, 2022.

A pesquisa (auto)biográfica “[...] permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador” (NÓVOA; FINGER, 2014, p. 22), possibilitando, assim, uma utilização sistemática do método (auto)biográfico no âmbito da educação permanente e da formação de adultos.

No Brasil, o método de pesquisa (auto)biográfica cresceu exponencialmente no início dos anos de 1980 e nas décadas seguintes, com o surgimento de organizações científicas sem fins econômicos, voltadas a essa temática, a exemplo da Associação Internacional de Histórias de Vida em Educação e Pesquisa Biográfica em Educação<sup>25</sup> que, em 1991, realizou eventos com a presença de pesquisadores renomados; a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (Biograph), em 2008, que promove o Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – CIPA.

A partir da Figura 3, pode-se afirmar que há dois aspectos essenciais na práxis – os relatos de experiências e a revisão bibliográfica sobre a pesquisa (auto)biográfica. Também entendo ser a “[...] expressão do vivido pelo ‘desdobrar narrativo’, quer essa enunciação seja oral ou escrita” (PINEAU, 2006, p. 340); e as histórias de vida, estando elas interligadas de alguma forma, resultando naquilo que se pode chamar de vertentes da (auto)biografia: formação de professores e diversidades de vida.

Vale destacar que, com base nos autores que fundamentam o organograma da Figura 3, histórias de vida é uma subdivisão, ou, categoria das narrativas (auto)biográficas, haja vista, conterem terminologias diferentes e, conseqüentemente, refletem em diferenças metodológicas.

Essas diferenciações emergem a partir do olhar do pesquisador conforme metodologia utilizada na pesquisa, pois “enquanto todas as histórias de vida são narrativas, nem todas as narrativas são histórias de vida<sup>26</sup>” (HATCH; WIESNIEWSKI, 1995, p. 114, tradução nossa). Basta observar o uso inadequado e desprovido de real sentido do termo narrativa, por membros de partidos e algumas lideranças religiosas.

As histórias de vida, articulada com a formação, considerando período de eclosão do método na década de 1980, é entendida “como práticas multiformes de

---

<sup>25</sup> Association Internationale des Histoires de Vie en Formation - ASIHVIF: <http://www.asihvif.com/>

<sup>26</sup> “While all life stories are narratives, not all narratives are life stories” (HATCH; WIESNIEWSKI, 1995, p. 114)

ensaio de construção de sentido por meio de fatos temporais vividos pessoalmente” (PINEAU, 2006, p. 333).

Tal afirmação indica que as histórias pessoais são histórias coletivas, vividas em comum, em recortes temporais e espaciais. Não obstante, “[...] a vida que busca entrar na história não é mais somente a dos notáveis, mas a de todos aqueles que, querendo tomar suas vidas na mão, se lançam nesse exercício, reservado até aqui à elite” (PINEAU, 2006, p. 337).

Por outro lado, a formação de professores emerge com muita força nas pesquisas educacionais nas áreas das Ciências Sociais e Humanas na Europa e, em especial, no Brasil. Coaduno com Souza (2006) quando compreende a formação “[...] como um movimento constante e contínuo de construção e reconstrução da aprendizagem pessoal e profissional, envolvendo saberes, experiências e práticas” (SOUZA, 2006, p. 36).

Além de ser uma premissa do Estado, o qual tem o dever constitucional de prover a educação e viabilizar a prática docente em sala de aula, a formação de professores, conforme Souza (2006), envolve a construção da identidade social, pessoal e profissional e se dá não somente pelo compromisso legal, mas de sua função social. Para tanto, ela apresenta como etapa o conhecimento de si que se constitui “[...] através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos pelos sujeitos.” (SOUZA, 2004, p. 72).

Quanto à trajetória de vida, no contexto das narrativas (auto)biográficas, com base em Oliveira (2017) e Souza (2006), entendo que ela pode significar a sucessão de acontecimentos e experiências vividas no contexto cultural, social e político; caminhos geográficos e percursos dos quais me recordo, gostaria de reviver ou esquecer e mecanismo de investigação da própria vida e de outras pessoas por meio da memória, narrativa, relato e outros.

A formação, tanto para a concepção e reflexão da prática docente, quanto na formação humana, com base em Freire (1996), possui uma dimensão social e política devido ao exercício ou prática formada. Entendo, a partir de Freire (1996), que a formação docente deve ser alçada para além da mera prática pedagógica, mais especificamente, pensar os saberes fundamentais, permanentes à prática educativo-crítica e progressista, pois:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (FREIRE, 1996, p. 13).

Nesse processo dinâmico, reflexivo, crítico, autônomo e amoroso, a formação docente é um ato ético para com o sujeito da educação em sua dimensão humana, transformadora e libertária da instrução bancária, sendo, pois, bastante valorizada no método (auto)biográfico.

O trabalho docente, apesar dos constantes ataques verificadas nas múltiplas escalas educacionais do Brasil, pela lógica capitalista / neoliberal / de mercado e, do oportunismo dos pseudos defensores da ‘pátria’ e ‘família’, está presente no cenário das narrativas (auto)biográficas.

Esse mesmo trabalho, sendo ele transformador, libertador e político, no exercício da cidadania plena, faz parte da vida humana, é fundante em sua dimensão histórica e reveladora da formação e trajetória de vida dos sujeitos que a exercem, de modo especial, dos/das docentes, a partir de suas geo(bio)travessias<sup>27</sup>.

As geo(bio)travessias, junção de três termos bastante significativos, em conformidade com Oliveira (2017), são compostas por “Geo”, mais especificamente os lugares que compõem o cenário do enredo de uma história de vida. “Bio”, referente aos modos como a vida foi/é tecida ao longo dos anos e “travessias” quanto às mobilidades geográficas, sociais e culturais experienciadas pelos sujeitos.

Segundo Oliveira (2017), as geo(bio)travessias são definidas como:

[...] processos que abrangem histórias de vida tecidas em diferentes cenários geográficos (*geotravessias*), sociais, econômicos e culturais (*biotravessias*) que envolvem sujeitos de lugares diversos e que, através de processos de auto-re-organização das aprendizagens e do conhecimento de si e do mundo, a partir das redes de relações construídas durante os percursos da história de vida e pelo acesso à educação [...]. (OLIVEIRA, 2017, p. 278).

Por isso, os sons, cheiros, sabores, cores, cicatrizes, registradas nas memórias, fotografias e vídeos fazem parte das nossas geo(bio)travessias, resultando em um conjunto de experiências marcantes sejam elas boas ou ruins.

Nas aprendizagens e experiências formativas, recorro a Josso (2004) para compreensão de algo ‘significativo’, sendo necessário sua compreensão através da aprendizagem por simbolizar “[...] atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades” (JOSSO,

---

<sup>27</sup> Termo criado por Oliveira (2017), em seus estudos de doutoramento.

2004, p. 48). Essa concepção se opõe frontalmente com o modelo de educação tecnicista, mecanicista, conteudista, desumanizador, que nega o ser, sentir e estar no mundo.

As experiências formadoras significam “[...] contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático” (JOSSO, 2004, p. 48) são, portanto, “[...] vivências particulares [...]” que [...] implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. (Idem).

Essas experiências formadoras são resultados das aprendizagens de cada sujeito em um contexto educacional e político dos que se rebelam contra o terror, a barbárie da violência empregada aos subalternos que reivindicam dignidade e respeito.

Na outra vertente do método de pesquisa, constato a diversidade de vidas, a qual concebo enquanto um princípio sócio-histórico ligado à cultura, ao diverso, àquilo que é diferente e pressupõe aceitação de sua existência, inclusão, respeito, sendo ela cor, raça, credo, crenças, identidades, sexualidades, correntes ideológicas / políticas e outros mais.

Na (auto)biografia, a diversidade de vidas presume infinitas formas de existir no mundo, conceber a vida, ser e está nas múltiplas escalas sócio-culturais. As histórias dos sujeitos, narradas de muitas formas, refletem as experiências pessoais que são também coletivas e auxiliam na compreensão dos recortes temporal-espaciais.

A diversidade de vida envolve o conhecimento si, trajetória de vida e formação, geo(bio)travessias, aprendizagens e experiências formativas, compreendidas como uma das principais fontes da narrativa (auto)biográfica, as quais discorri anteriormente e suas concepções teóricas auxiliam as ações dessa vertente.

É importante destacar que a existências daquilo que chamamos de vertentes da (auto)biografia não são dicotômicas, dissociadas e até mesmo dualistas; ao contrário, elas dialogam entre si quando observados os instrumentos de recolha de informações e dados por meio de entrevista narrativa, questionário estruturado, questionário semi-estruturado, relato oral, memoriais, fragmentos narrativos, cartas, documentos e fotografias.

Neste trabalho, dentre os instrumentos de recolha de informações e dados, conforme os objetivos e demais procedimentos, elegi a entrevista narrativa, advinda da narração que:

[...] é orientada pela reconstituição do que as pessoas pensam ser experiências significativas (situações, encontros, atividades, acontecimentos) para explicar e compreender o que, hoje, elas se tornaram no que diz respeito às suas competências, aos seus recursos, às suas intenções, aos seus valores, às suas escolhas de vida, aos seus projetos, às suas idéias sobre elas próprias e sobre o seu meio humano e natural (JOSSO, 2004, p. 148).

A narração envolve uma série de situações inesperadas que oscilam entre histórias gloriosas, emocionantes, encantadoras, dolorosas e traumáticas amplamente utilizadas pela Psicologia, a Psiquiatria e tantos outros ramos das Ciências. Por meio dela, pode-se compreender as experiências de vida, o passado, o presente e o que se pode traçar do futuro, bem fundamentadas, como bem colocava Josso (2004).

Parte-se do pressuposto de que as narrativas e narratividades - originadas da obra Poética do célebre filósofo grego Aristóteles em que contar histórias reflete os fenômenos sociais, conforme apontam Jovchelovitch e Bauer (2008) - é uma forma discursiva que resultam em narrativas de si. Ainda sim, registra-se o uso da narrativa de maneira aleatória e até vulgar, sem a devida precaução quanto ao real significado e conceito que o termo possui, mais especificamente, no campo partidário-ideológico para desqualificar determinados argumentos e correntes de pensamento opostos, empobrecendo o debate, a pluralidade de ideias, com risco de uma possível crise para os estudos acadêmico-científicos.

Esse cenário é apontado por Walter Benjamin e reiterado por Souza (2012), enquanto um cenário de crise no que tange as experiências, surgidas com o advento do capitalismo e da classe burguesa ao se sobrepôr às antigas formas de artesanato e do artesanato pela industrialização, as quais, posteriormente, não podem cessar o debate e empobrecê-las com a difusão da informação.

A consequência disso é o empobrecimento de histórias coletivas ao serem banalizadas pela informação, o controle sobre os pensamentos e ações humanas por parte do pragmatismo e do utilitarismo prático das ações humanas-sociais, de acordo com Souza (2012). É preciso resgatar a dimensão do pensamento, das ações humanas a partir das experiências formativas das narrativas para "que os sujeitos autorizem-se a falar de si, a cambiar experiências, a aprender com os outros

e consigo próprio” (SOUZA, 2012, p. 38).

As narrativas de/sobre si têm função terapêutica, tanto para quem narra quanto para quem ouve e simultaneamente para ambos porque estimula a colocar para fora situações que nos enobrecem, nos orgulham, emocionam, permitem aprender com os acertos e erros pessoais e coletivos, mas também, colocam a tona a dor, o sofrimento, a angústia, os medos, traumas e demais situações que não gostariam que fossem revelados nunca mais.

Em vista disso, as narrativas e a hermenêutica de si, bem colocadas por Meireles (2015), se configuram como lugar de reconstrução de saberes identitários, pela dimensão heurística em que os sujeitos se percebem em transformação, se reinventando, reconstruindo seus pensamentos e atitudes e inúmeros pensamentos sobre a trajetória de vida.

Outro instrumento de recolha de informações e dados são as entrevistas narrativas, utilizadas com os sujeitos da investigação, cujo enunciado conduz o(a) colaborador(a) a narrar o que o pesquisador precisa ouvir como fonte de pesquisa para depois organizar as narrativas a partir de eixos temáticos que nortearão o texto dissertativo.

No final de uma investigação, de uma pesquisa, o pesquisador terá como resultado os processos de reinvenção dos colaboradores, que me arrisco a definir como algo atrelado ao re-criar - criar uma nova versão sobre si próprio -, reinventar-se ou inventar uma nova percepção de si, através das experiências narradas e transformar-se em outro ser.

### **3.2. Lócus e sujeitos da investigação**

As pesquisas acadêmicas e investigações científicas, sejam elas em qualquer corrente de pensamento, tipos de pesquisa, métodos e metodologias, se desenvolvem a partir de três premissas: qualitativa, quantitativa e quali-quantitativo.

Para ser mais preciso, a pesquisa qualitativa “considera que há uma dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA, 2005, p. 20). Entre outras palavras, o sujeito da investigação é fundamental para a produção do conhecimento e a razão de ser / existir das pesquisas e trabalhos acadêmicos que contribuem para o entendimento e compreensão de

determinados fenômenos de acordo com o recorte espaço-temporal pretendido.

Esse mesmo sujeito, no contexto da noção de subjetividade, é a fonte do conhecimento, da verdade, da racionalidade e da consciência em termos filosóficos quanto à discussão epistemológica e dos modelos psicológicos; da explicação da realidade (objetiva, tangível, percebida, construída, complexa, múltipla, criada e virtual) que emerge no pensamento de Descartes até a ciência moderna e sua constelação de pesquisadores.

Na pesquisa empreendida que permitiu esta escrita, de um total de quarenta idosas que frequentam e atuam na UATI da UNEB *Campus XI - Serrinha*, elegi seis alunas / sujeitos da investigação / colaboradoras. E, o critério utilizado no momento da escolha das mesmas considerei: maior tempo de atuação no programa desde o início da implantação da UATI em Serrinha; a idade das participantes e a disponibilidade para conceder a entrevista narrativa.

Cabe destacar que a pessoa idosa é dotada de acúmulo de experiências e vivências, fazendo jus à riqueza de narrativas sobre diversos temas e recortes espaço-temporal que interessam à Ciência Geográfica.

Essas idosas usam, ocupam e se apropriam, mesmo que de forma temporal e permanente, dos espaços geográficos, fazendo emergir territorialidades que marcam as suas trajetórias de vida. Trata-se do lócus (a posição) que exerce no contexto sociopolítico e cultural da sociedade e, no presente trabalho, parte-se da UATI, um programa de extensão universitária da UNEB e demais territórios que lhes são destinados, percorridos e conquistados, sejam eles a casa, a comunidade, associações, igrejas, centros de acolhimento, instituições públicas e privadas e universidades.

### **3.3. Etapas e processo de análise**

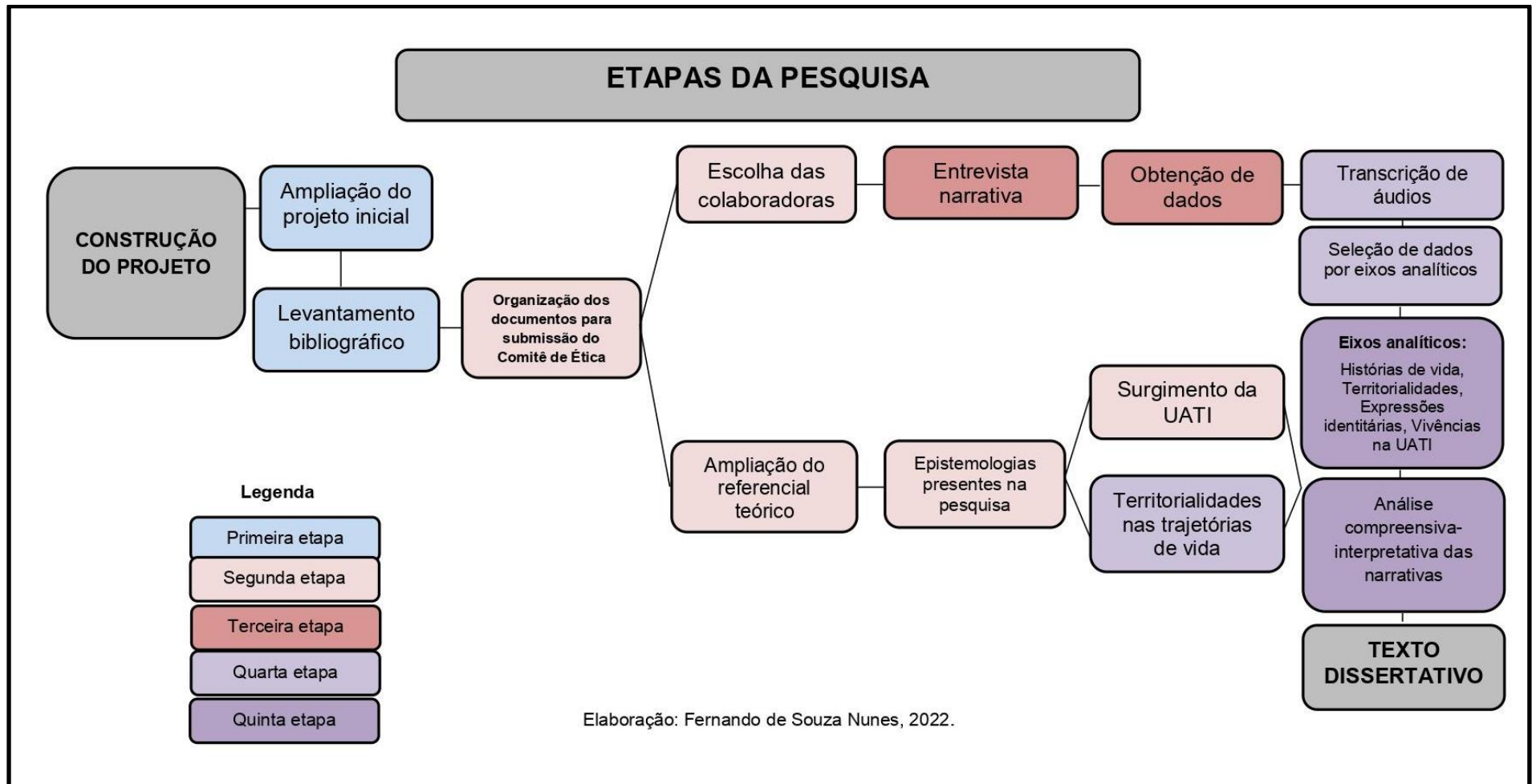
O método de abordagem deste trabalho se amparou na concepção (auto)biográfica, tendo como fonte as narrativas de seis colaboradoras, idosas da UATI, que revelaram territorialidades e expressões identitárias, a partir do narrado, revelando-as através da entrevista narrativa, cujas informações foram analisadas e organizadas por eixos analíticos.

As análises das narrativas (auto)biográficas se inspiraram nos trabalhos de Bueno (2002), Josso (2004), Medeiros e Aguiar (2018), Nóvoa e Finger (2014),

Oliveira (2017), Souza (2006; 2014).

Conforme Figura 4, em consonância com a problemática, objetivos e questões norteadoras, elegi etapas da pesquisa e, no contexto dessas, as fases do trabalho, sendo a primeira fase, a construção da ideia de pesquisa que passou por um processo de ampliação do projeto inicial e levantamento bibliográfico, contemplando temáticas e autores que estejam em consonância com a temática da pesquisa.

Figura 4 - Etapas da pesquisa - 2022



Elaboração: Fernando de Souza Nunes, 2022.

Na segunda fase foi marcada pela organização dos documentos para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNEB não apenas por mera formalidade da submissão e aprovação, mas por entender que o trato com os sujeitos da pesquisa perpassa pela ética do respeito e o rigor no tratamento de informações, dados e a intimidade da pessoa colaboradora do trabalho.

Essa fase se caracterizou por dois momentos que ocorreram de forma paralela, de um lado a escolha dos colaboradores que privilegiou 6 (seis) estudantes idosas vinculadas a UATI, identificadas por apelidos<sup>28</sup>, cujos critérios de seleção foram: maior tempo de atuação no programa desde o início da implantação da UATI em Serrinha; a idade das participantes e a disponibilidade para a concessão de entrevista narrativa. E, de forma simultânea, a ampliação do referencial teórico e identificação e escolha das epistemologias presentes na pesquisa e a investigação sobre o surgimento da UATI enquanto um programa formativo e educativo.

Na terceira etapa coletei o material primário - entrevistas narrativas - de forma individual das colaboradoras, gravadas em áudio, autorizadas pelas entrevistadas, no modo presencial, mediante comprovação de que receberam todas as doses da vacina contra a SARS-Covid-19<sup>29</sup> num intervalo de mais de dois meses, respeitando o distanciamento físico. Apesar de previsto anteriormente, não foi possível realizar a entrevista de forma virtual, através da plataforma do *Google Meet*, pela dificuldade das idosas em manusear os recursos necessários e não contar com parentes disponíveis para auxiliar na transmissão.

As entrevistas, instrumento de recolha de dados e informações primárias, facilitaram a coleta de informações, pois as idosas apresentaram suas histórias, a partir da seguinte consigna/enunciado:

Inicialmente, gostaria de agradecer pelo aceite em participar desta entrevista narrativa e dizer que as suas histórias, suas narrativas serão de grande importância para a pesquisa 'Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades', vinculada ao programa de Pós-graduação em Estudos territoriais da UNEB, sob a

---

<sup>28</sup> Mesmo as estudantes colaboradoras terem autorizado suas identificações nominalmente, optei por preservar seus nomes de batismo, identificando-as com apelidos, sobretudo por causa das orientações do Comitê de Ética em Pesquisas.

<sup>29</sup> Vírus que provoca a Covid. Detectada em 31/12/2019 na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, após relato de vários casos de pneumonia. Em 07/01/2020 as autoridades chinesas alertaram a Organização Mundial da Saúde (OMS) a qual, em 30/01/2020, declarou o surto de SARS-Covid-19 e em 11/03/2020, ao se espalhar por todo o planeta, reconheceu como cenário pandêmico. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em: 16 Mai. 2022.

minha responsabilidade. Neste momento, gostaria de conhecer um pouco mais sobre a senhora, quem é, onde nasceu, de onde é natural, onde vive, como vive, qual o seu contexto familiar, quais são as suas histórias de vida mais marcantes, em que trabalhava e/ou ainda trabalha, como chegou aqui na UATI (foi por indicação de alguém, como soube deste espaço de formação destinado ao público idoso) quais aprendizagens já adquiriu na UATI, qual o significado da UATI para a senhora, o que deseja neste espaço formativo da UATI, como são estabelecidas as suas relações com outras idosas e profissionais da UATI? Por se tratar de uma entrevista narrativa, a senhora informa o tempo que começa e termina a sua narração a partir do que foi exposto e pode utilizar o tempo que achar necessário para expor fatos e acontecimentos de sua história de vida e de formação na UATI. Caso ache necessário, ao final, farei alguns questionamentos. Então, fique a vontade para iniciar sua narrativa (APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA).

A consigna, contida numa única entrevista narrativa foi utilizada com as colaboradoras da investigação, cujas informações foram gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador, é entendida como situação-problema, utilizada como recurso instrucional para conduzir e identificar os conhecimentos prévios dos sujeitos dotados de sentidos, conforme afirmam Oliveira e Boccardo (2015).

As consignas, para este trabalho, suscitaram as narrativas (auto)biográficas das colaboradoras da UATI como forma de obtenção de dados a partir de material significativo para reflexão, avaliação e diagnóstico sobre as territorialidades e expressões identitárias que emergem desses relatos.

Vale salientar que as narrativas das colaboradoras foram mobilizadas pela consigna, considerando o tempo de cada uma para narrar a sua trajetória de vida. Ao final, o entrevistador / pesquisador pôde intervir, com a finalidade de solicitar mais informações a partir dos eixos analíticos (histórias de vida, territorialidades, expressões identitárias, vivências). Esse momento foi pertinente porque permitiu traçar relações com as concepções teóricas e conceituais a partir do que os autores mencionados no aporte teórico discutem no âmbito acadêmico e científico sobre o objeto pesquisado.

De maneira conjunta à entrevista, apliquei o questionário sociodemográfico (Apêndice C), junto às idosas, a fim de subsidiar a construção do texto dissertativo e apresentar uma amostragem panorâmica do perfil das colaboradoras da pesquisa. Nesse momento, para fins didáticos, dirigi as perguntas do questionário para as colaboradoras e preenchi, na sequência, as respostas das idosas.

Na quarta fase, após registro das entrevistas, realizou-se a transcrição dos áudios e organizados com a devida autorização e prudência de acordo com os termos e declarações, estipulado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e posterior

seleção de dados por eixos analíticos.

Investiguei, ainda, as territorialidades praticadas pelas alunas da UATI em Serrinha, no decorrer das suas trajetórias de vida, mediante um encontro com as alunas da UATI, para socializar fotografias delas que retratassem os seus diversos momentos e estágios de vida e, também, para identificar e caracterizar as territorialidades presentes na trajetória de vida dessas idosas e incluir tais informações neste trabalho dissertativo.

Posteriormente, a quinta fase se caracterizou como o momento de transcrição das entrevistas narrativas, conforme os seguintes eixos analíticos: I) As histórias narradas pelas idosas por meio das temporalidades dos eventos relatados (eventos históricos nas escalas local, regional, nacional e global); II) As territorialidades praticadas; III) As expressões identitárias reveladas; IV) Os tipos de narrativas (crítica social, aprendizagem reflexiva, trajetória e esperança); V) Resignificação dessas experiências (educação não formal e continuada) através das vivências na UATI.

No tratamento desses dados, utilizei a análise compreensiva-interpretativa das narrativas, comparando-as com as correntes teóricas e epistemológicas da pesquisa (auto)biográfica.

Para fins didáticos, elaborei um texto preliminar com os temas e conceitos-chave por meio de levantamento bibliográfico e revisão da literatura acerca do tema estudado através de livros, jornais, revistas e artigos científicos, em consonância com o levantamento das narrativas (auto)biográficas. Por fim, produzi o presente texto dissertativo sobre o tema da investigação. Depois de finalizada a pesquisa e a escrita da dissertação, este estudo estará disponível para os órgãos públicos governamentais, sobretudo vinculados ao governo municipal e estadual, por meio de reuniões e participações em eventos profissionais, além de socialização em reuniões de associações, movimentos sociais, ONG e eventos acadêmicos/ universitários.

Após delimitar o tipo de pesquisa, fonte, lócus e sujeitos da investigação, etapas e processos de análises, fundamentais para realização do trabalho, no próximo capítulo demonstrarei as interconexões que existem entre as narrativas (auto)biográficas e as territorialidades<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Termo derivado do território, a partir da concepção geográfica.

#### **4. INTERCONEXÕES: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E TERRITORIALIDADES**

*Meu amanhã  
Já vi passar  
Por entre as horas  
De um ontem que se foi  
E vai voltar*

*Maysa, 1974.*

Esta quarta seção decorre de uma das etapas mais desafiadoras da pesquisa porque se propõe a apresentar uma interconexão que pressupõe fatores relacionados / ligados entre si / fenômeno, entre as narrativas (auto)biográficas e as territorialidades - conceitos entrelaçados para dar conta da proposição metodológica e procedimental do trabalho.

Os referenciais teóricos da pesquisa se mesclam com as interconexões que existem entre o passado, presente e futuro, pois, coadunando com o fragmento da música cantada por Maysa, o amanhã é reflexo de um ontem que parece encerrar um ciclo e ressignificar uma nova fase caracterizando um processo contínuo e constante. Não obstante, tempo e espaço constituem um processo indissociável e dialético para Geografia que estuda o espaço geográfico - uma das, senão a principal, categoria de análise e conceito da Ciência Geográfica.

Verifico o mesmo com as categorias de análises e os conceitos que seguem adiante, em se tratando do papel que eles exercem no referencial teórico da pesquisa em ser um dos sustentáculos do trabalho acadêmico.

#### **4.1. Narrativas (auto)biográficas e sua importância para a educação**

O método (auto)biográfico possui uma perspectiva epistemológica e um pressuposto metodológico que dialoga com as grandes áreas do conhecimento, tendo como instrumento de recolha de informação e dados as narrativas no contexto educacional, pois:

[...] a abordagem biográfica tem a sua origem num processo educativo, não constituindo apenas uma orientação metodológica. [...] a biografia é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Essa dupla função da abordagem biográfica caracteriza a sua utilização em ciências da educação (DOMINICÉ, 2014, p. 136-137).

Não restam dúvidas de que a (auto)biografia se constitui em um método eminentemente voltado para os processos educativos. Ainda assim, comprometida com uma educação crítica-reflexiva, emancipadora e contrária a uma educação bancária, conforme pontua Freire (2011), os quais, docentes e educadores / educadoras populares assumem o papel de não depositar conteúdos para os alunos de forma autoritária, tratando-os como coisa e se distanciando de um pensamento autêntico.

O método (auto)biográfico coloca a pessoa no centro da ação pedagógica, formativa e emancipatória, favorável ao conhecer-se, tornar-se e ser-estar no tempo-espaço. No entanto, o crescimento de trabalhos e pesquisas sobre o método ultrapassa o campo educacional, sendo utilizado por setores da saúde, da jurisprudência e outras áreas do saber.

Por isso, concordo com Souza (2006) ao utilizar a narrativa (auto)biográfica como opção metodológica pela possibilidade de investigação e entendimento sobre os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação.

Esse processo de formação e autoformação, mediadas pela narrativa (auto)biográfica, de acordo com Josso (2004), permite entender que a construção e acúmulo de experiências ao longo da vida, resulta na construção de identidades e subjetividades, haja vista que “formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos” e que “aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração” onde “[...] aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas” (JOSSO, 2004, p. 39).

Não restam dúvidas de que a aprendizagem, no cenário educacional que se pretende realizar, envolvem questões e princípios das humanidades considerando-se as subjetividades quanto às vivências que nos fazem ressignificar o nosso entendimento sobre temas diversos. Mas, o que são narrativas? Souza e Souza (2015), após tratativas da escrita (auto)biográfica da Antiguidade Clássica, enfatizam que narrar é tomar consciência de sua própria existência.

A narrativa é “[...] tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação, porque parte das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas” (SOUZA, 2006, p. 97).

Neste trabalho, a narrativa a que me refiro é a narrativa autorreferente, mais especificamente na primeira pessoa do singular a partir de eventos e acontecimentos vividos de forma tanto individual quanto coletiva. E, por que narrar as histórias de vidas das pessoas? Sobre isso, Souza (2006) afirma que elas podem revelar

[...] os sentidos e significados que são vinculados ao processo de interiorização e exteriorização eleito por cada atriz da pesquisa ao falar de si, das suas aprendizagens, dos valores construídos e internalizados em

seus contextos social e histórico, por caracterizar subjetividades e identidades. (SOUZA, 2006, p. 121).

Daí o reconhecimento da riqueza que a narrativa (auto)biográfica proporciona pelo entrelaçamento existente entre o mundo interior e exterior, com destaque maior para quem expressa as suas experiências de vida e formação, a partir de determinada consigna, podem revelar e contribuir para o processo educativo emancipatório dos sujeitos. E, nessa dinâmica, o pesquisador, envolvido com os colaboradores, expõe as suas questões, assim como o objeto da pesquisa, vivência constante, ressignificação da práxis junto aos sujeitos da pesquisa / colaboradores.

Entretanto, quem ouve as narrativas desses indivíduos é inserido não somente na vida, mas na intimidade da pessoa, através das inúmeras experiências de sua longa trajetória porque:

como a narrativa congrega e entrelaça experiências muito diversas, é possível interrogarmos-nos sobre as escolhas, as inércias e as dinâmicas. A perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento presente (JOSSO, 2004, p. 41).

A narrativa (auto)biográfica envolve dilemas psicossomáticos, já que narrar a si mesmo não se distancia da formação, das experiências por intermédio daquilo que a autora chama de 'recordações-referências' de toda uma vida.

Por isso, entendo que as experiências vividas no passado e no presente são constantemente ressignificadas e reeditadas no futuro porque o acúmulo de experiências vividas decorrentes da superação de problemas e o amadurecimento modificam o olhar transformando as opiniões individuais do ser (identitário) e estar no espaço.

Quanto à memória, cabe mencionar uma antiga obra que ficou marcada na literatura e na fenomenologia por ter ressignificado a tese de Descartes de que havia uma distinção entre a memória cartesiana e a escolástica, apresentando a memória intelectual ligada às coisas materiais: "Certamente, Descartes colocava a matéria demasiado longe de nós quando a confundia com a extensão geométrica. Mas, para reaproximá-la, não havia necessidade de fazê-la coincidir com nosso próprio espírito" (BERGSON, 1999, p. 6).

Especificamente sobre memória, Bergson (2006) apresenta os princípios e duração da mesma, ao passo em que:

[...] o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, em dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde a nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente e que ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora (BERGSON, 2006, p. 47-48).

A memória é indissociada da vida, sujeita a sofrer modificações ou ser afetada por doenças como Alzheimer, ou, ser intencionalmente esquecida quando se tratar de lembranças desagradáveis que podem emergir por estímulo ou gatilhos que a despertam no presente momento.

Bosi (2003) também contribui para os estudos da memória, mais especificamente a oral, enquanto instrumento que se deseja constituir a crônica do cotidiano, apesar do risco em haver uma 'ideologização' da história do cotidiano. Ela adverte para o risco de "ideologização" da história do cotidiano, vista como o avesso oculto da história política hegemônica, excluindo velhos, mulheres, negros, trabalhadores e demais excluídos da história oficial ensinada na escola, até porque "[...] A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios" (BOSI, 2003, p. 15). Vejo isso como um confronto do que restou do positivismo científico, acadêmico e intelectual e as novas matrizes e vertentes de pensamento contemporâneo ao se lançarem na pesquisa sobre as humanidades, a exemplo das pesquisas (auto)biográficas.

E sobre a memória dos velhos, tema importante nesta pesquisa,

[...] pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermédio informal da cultura, visto que, existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) (BOSI, 2003, p. 15).

E, para além das formalidades e intencionalidades dessas instituições que têm a capacidade de influenciar e, até mesmo moldar o pensar, falar e agir das sociedades, reconheço que a memória também é afetada pelas instituições ao analisar determinados valores, concepções, percepções de mundo, comportamentos, atitudes, expressões identitárias, dentre outros.

Nisso ressalto que a memória dos velhos, uma classe social dentre as classes sociais existentes, é marcada por imagens, sentimentos e sons, contribui para o conhecimento e a cultura científica, em consonância com a autora que assim entende como História das Mentalidades e das Sensibilidades. Então, nesse caso:

[...] grande mérito dos depoimentos é a revelação do desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilham a mesma época. [...] podemos colher enorme quantidade de informações factuais mas o que importa é delas fazer emergir uma visão do mundo (BOSI, 2003, p. 19).

E, para traçar essa visão de mundo, com especial atenção para o campo da educação, se faz necessário citar algumas obras que podem contribuir para a Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Literatura e outros campos do saber.

#### **4.2. Narrativas (auto)biográficas de pessoas idosas: a riqueza das experiências de vida**

Nesta subseção, menciono trabalhos que considero basilares sobre narrativas (auto)biográficas de idosos, ou, que sejam sobre velhice voltadas ao referido método, constituindo o estado da arte. As obras, a seguir, salientam algumas das inúmeras obras existentes sobre o tema sem desmerecer a sua relevância para o debate.

Considero que a obra de Beauvoir (2018), 'A velhice', é uma narrativa (auto)biográfica por se tratar de um livro escrito em primeira pessoa, cuja autora faz duras críticas, àquilo que ela chama acertadamente de um escândalo, a desumanização da velhice por parte da sociedade capitalista, pois “[...] aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (BEAUVOIR, 2018, p. 6).

A velhice é um fardo que se impõe muito mais às mulheres do que aos homens, visto que, examinando a fundo essa obra de Beauvoir (2018), a autora fala de si própria ao se perceber mulher, em processo biológico, cultural e social de velhice, refletindo a forma como as mulheres idosas europeias são tratadas pela sociedade.

Apesar das críticas ao trabalho de Simone de Beauvoir estar voltado para a mulher branca européia, a autora se destaca enquanto uma das primeiras feministas a confrontar o machismo, patriarcado e sexismo daquela época.

O trabalho de Bosi (1994), resultado da defesa de livre-docência da referida autora, é considerado uma obra primorosa por denunciar a condição de vida do idoso no Brasil ao tempo em que exalta a 'memória dos velhos' delineando-a como “[...] evolução 'pura' 'onírica' do passado [...] fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez” (BOSI, 1994, p. 23).

Eclea Bosi também publicou um trabalho que merece menção (2003) e, ao revelar as narrativas dos idosos que vivenciaram e combateram no período da chamada Revolução de 1932 ou Revolta Paulista e constatar a não aceitação da derrota das elites de São Paulo para o exército federalista de Getúlio Vargas, compreendeu que:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relaciona, através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003, p. 31).

Esta citação reforça a existência de inúmeras situações em que a história é contada pelos “vencedores” e detentores do poder em detrimento dos “derrotados” dos eventos que se amparam na liberdade em lembrar ações coletivas.

Dentre as obras que tratam de narrativas (auto)biográficas de idosos no recorte estadual, menciono a importante tese de Pereira (2014), ao nos apresentar as narrativas (auto)biografias de idosas em processo de letramento na velhice – haja vista que lhes foram negadas o direito à escolarização quando eram adolescente e jovens – vinculadas ao programa institucional Todos pela Alfabetização (TOPA), na comunidade rural de Saquinho, localizada no município de Inhambupe<sup>31</sup>, Bahia.

Também Marinho (2016) busca compreender as identidades de idosos longevos, por meio de suas memórias, tendo sustentação de recolha de dados a história oral e memória de idosos - vinculada à (auto)biografia - de uma unidade de saúde no município baiano de Vitória da Conquista.

Souza Filho (2019) discute a Educação de Jovens e Adultos (EJA), voltada ao processo socioeducativo da pessoa idosa vinculada à UATI, por meio do acesso e permanência no programa, a partir das narrativas (auto)biográficas de algumas colaboradoras da pesquisa. O autor recomenda a reivindicação e manutenção da UATI para o fortalecimento da defesa da pessoa idosa e das carências educacionais por parte do Estado.

Outra pesquisa que considero importante sobre a terceira idade é o de Bernardo (2010) que verificou a ausência de políticas públicas sobre velhice na segunda metade do século XIX, mais especificamente no período em que Salvador

---

<sup>31</sup> O município de Inhambupe está situada na Mesorregião Nordeste da Bahia, localizada a cerca de 153 Km da capital baiana e faz divisa com Alagoinhas, Aramari, Aporá, Sátiro Dias, Olindina, Crisópolis, Entre Rios e Água Fria.

era uma província, estando a cargo de instituições filantrópicas, de piedade e as relações em que a sociedade estabelecia com a velhice - uma construção social.

Ao pesquisar essas obras relatadas, constatei que narrar as histórias dos idosos, a memória dessas pessoas e pesquisar trabalhos sobre a terceira idade é o fio-condutor para a (re)construção de trajetórias de vida, apesar do risco dessa mesma memória ser traiçoeira devido a sua falta no cotidiano, percebida pela hesitação, a desistência, o não-dito, no que não foi lembrado, conforme Souza e Souza (2015), ao discutir as escritas históricas da (auto)biografia.

Daí a importância de registrar, a partir das histórias de vida, as narrativas das idosas pela potencialidade de reconstruir temporalidades passadas de territórios que constantemente se modificam pelo tempo da ação social.

Constato, metaforicamente, que narrar as (auto)biografias de pessoas idosas significa imaginar que estou em um ambiente nunca antes visto, necessitando conhecê-lo, saber da sua história e entender como se relaciona em um contexto mais amplo.

#### **4.3. Territorialidades: concepções materiais e simbólicas**

A Geografia é uma ciência de múltiplas conceituações, mas, neste trabalho, entendo-a como um ramo do conhecimento científico que supera a mera síntese kantiana; estuda a relação entre sociedade e natureza e suas implicações no espaço geográfico. O estudo dessa relação é amparada por categorias de análises que exercem uma função de auxiliar a compreensão do espaço geográfico, com destaque para a territorialidade - derivado do território – de acordo com Saquet (2015).

Inicialmente, faz-se necessário entender a etimologia da palavra território relacionada à terra-*territorium* e *terreo-territor* que significa terror, assustar, aterrorizar e dominar no sentido (jurídico-política) a terra pelo terror, com base nos estudos de Haesbaert (2007).

O território adquiriu um caráter notório na Geografia devido à sistematização da mesma enquanto uma ciência, a partir da formulação que a entendia como “[...] uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano” (MORAES, 1990, p. 23). Para este mesmo autor, Friedrich Ratzel foi um dos

primeiros a perceber o papel do Estado no controle e dominação do território - saliento que o pensamento geográfico vai além dessa observação.

Se o Estado domina o território há uma assimilação entre ambos a tal ponto de ser a concepção mais citada no imaginário popular e nos dicionários de língua portuguesa enquanto “[...] porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo” (GOTTMANN, 2012, p. 523).

Este autor permite observar que há “[...] uma conexão ideal entre espaço e política, “[...] expressão dos relacionamentos entre tempo e política” (GOTTMANN, 2012, p. 523), pois a política é o meio pelo qual se pode atuar onde o Estado e os demais agentes sociais moldam o território em suas múltiplas escalas de poder.

Apesar de bastante ampla e densa, as discussões sobre a temática do poder é debatido na ciência geográfica quando envolve o território e, conseqüentemente, a territorialidade porque faz parte do processo político de toda sociedade, uma vez que “o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144).

Nisso, uma das concepções mais clássicas da Geografia brasileira aponta que o território é “[...] fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2000, p. 78), pois há uma relação dialética entre sociedade e espaço, cuja correlação de forças, percebidas nas múltiplas escalas sociais, atreladas a fatores culturais, econômicos e históricos da vida, se dão pelo poder.

Concordo com Haesbaert (2007) ao observar que o território “[...] diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação” (HAESBAERT, 2007, p. 20-21).

Na perspectiva deste autor, há no território a realização de duas práticas classificadas como material, mais especificamente palpável, concreto e, práticas imateriais relacionadas às formas, como são percebidas e concebidas pelos sujeitos envolvendo questões complexas da subjetividade.

Em vista disso, o território está “[...] imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica”. (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

Os agentes sociais<sup>32</sup>, mais especificamente o Estado, empresas e instituições, a exemplo de Igrejas e grupos criminosos, usam e se apropriam do território de acordo com os seus interesses e necessidades.

Consoante a Haesbaert (2021), existem vários termos relacionados / correlatos ao território, tal como as territorialidades, apreendido como “[...] um fenômeno comportamental associado à organização do espaço em esferas de influência ou territórios claramente demarcados que são distintos e considerados pelo menos parcialmente exclusivos por seus ocupantes que o define”, conforme expõe Soja (1971, p. 19, tradução nossa)<sup>33</sup>.

Por se tratar de um comportamento atrelado à forma de organização do espaço geográfico, no caso em questão inserida no território, é definida exclusivamente por quem o ocupa, havendo uma ou mais práticas territoriais, tanto materiais quanto simbólicas.

Não posso deixar de mencionar a ação e luta das organizações não governamentais e movimentos sociais das mais variadas vertentes (campo, cidade, negros, mulheres, sindicatos, associações, LGBTQIA+, quilombolas, jovens, dentre outros) ao imprimir dinâmicas específicas na correlação de forças, em contraponto aos grupos hegemônicos, onde a:

[...] territorialidade são os nexos que os coletivos organizados construíram entre si e com o espaço, permitindo-lhes uma apropriação e uma significação que lhes possibilita construir novas formas de reprodução social. A territorialidade se manifesta no fortalecimento da organização e participação política, na inserção ao sistema produtivo e na (re)construção da identidade regional, condição que, imbricada, constrói novos horizontes para os sujeitos territoriais (COELHO NETO, 2016, p. 24).

Este autor permite compreender que o nexo, que significa vínculo, ligação entre acontecimentos e ideias dando-lhe coerência, união, junção entre o movimento e o espaço imprimindo-no relações produzidas, tecidas e forjadas em identidades territoriais se contrapõe a uma dominação aliente. Essas ações territoriais, assertivamente apresentadas por Coelho Neto (2016), diz muito sobre a coletividade dos movimentos tecidas a partir de princípios da dimensão política, cultural, econômica de forma inclusiva nas territorialidades.

---

<sup>32</sup> Termo defendido por Vasconcelos (2011) para denominar as forças que atuam, modificam e afetam o espaço geográfico, sejam elas os sujeitos, as corporações e o Estado.

<sup>33</sup> [...] a behavioral phenomenon associated with the organization of space into spheres of influence or clearly demarcated territories which are made distinctive and considered at least partially exclusive by their occupants or defines. (SOJA, 1971 p. 19).

O discernimento dessas práticas territoriais, aqui também chamadas de territorialidades, se modifica em termos temporais, sendo uma “[...] tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”<sup>34</sup> (SACK, 1986, p. 19, tradução nossa).

A contribuição desse autor, para o entendimento sobre a temática da territorialidade é válida para identificar como ocorre o controle de pessoas, coisas e áreas, sejam elas públicas ou privadas, é reafirmada em outra obra, ao justificar tais tentativas de indivíduos e grupos por intermédio de inter-relação entre espaço e sociedade, notadas nas relações históricas, culturais, políticas e outros, assegura Sack (2011).

Contudo, para dar conta do amplo sentido dessa temática, Saquet (2015) esmiúça a territorialidade com base em quatro níveis correlatos:

a) como relações sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitualidades; b) como apropriações do espaço geográfico, concreta e simbolicamente, implicando dominações e delimitações precisas ou não; c) como comportamentos, objetivos, metas, desejos e necessidades e, por fim, d) como práticas espaço-temporais, pluridimensionais, efetivadas nas relações sociedade-natureza, ou seja, relações sociais dos homens entre si (de poder) e com a natureza exterior por meio dos mediadores materiais (técnicas, tecnologias, instrumentos, máquinas...) e imateriais (conhecimento, saberes, ideologias...). A territorialidade é processual e relacional ao mesmo tempo (SAQUET, 2015, p. 107-108).

Com esses chamados quatros níveis correlatos propostos por Saquet (2015), posso inferir que os indivíduos têm interesses comum e possuem certa clareza da sua politização e o contrário também, de usar e se apropriar do espaço gerando territorialidades múltiplas, de forma empírica, sejam elas pelas vivências de jovens, mulheres e idosos, por exemplo.

Existem muitas pesquisas que tratam dessas territorialidades praticadas por sujeitos que atuam sob o espectro político, econômico, cultural, a exemplo de mulheres, negros, de gênero e sexualidade, trabalhadores rurais e composeses, jovens, movimentos sociais e tantos outros. A questão a se pensar é: os idosos também praticam territorialidades? E quais seriam elas?

---

<sup>34</sup> “[...] attempt, by an individual or group, to affect, influence, or control people, phenomena, and relationships, by delimiting and ensuring their control over a certain geographic aerial” (SACK, 1986, p. 19).

De uma forma ou de outra, os idosos são sujeitos, dotados de autonomia, cidadania e direitos por estarem inseridos em todas essas vertentes sociais. Eles participam de sindicatos e associações rurais e urbanas (testemunharam o surgimento e a criação de tais iniciativas), sofrem violências domésticas e também as consequências do patriarcado, do machismo, da misoginia, sexismo. Eles estão cada vez mais presentes nas redes sociais, nas universidades, em eventos culturais, nas feiras, nos ambientes religiosos e ajudam a família no sustento da casa. Ou seja, mesmo havendo poucas pesquisas sobre territorialidades na terceira idade, seja por desinteresse, indiferença e invisibilidade - reflexo do que persiste na sociedade - posso afirmar que os idosos também exercem multi-territorialidades em múltiplas escalas espaciais, não sendo uma exclusividade de determinadas parcelas da população economicamente ativa.

A territorialidade, a partir das reflexões sobre temporalidade, das expressões identitárias e das subjetividades, atrelada aos múltiplos recortes, se tornou (e torna) cada vez mais diversa e ampla, associada a outras categorias de análise da Geografia, como a de rede, paisagem e lugar.

#### **4.4. Expressões identitárias territoriais: uma discussão necessária**

Na Geografia, existe outro aspecto que desponta na territorialidade, a sua polissemia e complexidade - as expressões identitárias territoriais. Neste tópico, concentrei esforços para discutir de forma conceitual e empírica aquilo que concebo como expressões identitárias territoriais, por concordar que há implicações com o território e, conseqüentemente, a territorialidade. Outrossim, discuti, anteriormente, sobre território e territorialidade, mas o que é identidade?

Partiremos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Nisso compreendo que não existe uma identidade territorial sólida, consistente, única, homogênea e unificada que seja capaz de dar conta das múltiplas e plurais expressões existentes por causa da complexidade de vida da

sociedade, e sim, as identidades territoriais de acordo com a multiplicidade da vida e do cotidiano dos sujeitos.

Cruz (2007) parte do entendimento de que “[...] a identidade é sempre uma construção histórica e relacional dos significados sociais e culturais que norteiam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo” (CRUZ, 2007, p. 15). Ou seja, é uma construção inacabada, aberta, em movimento, que ocorre na sociedade estando em curso e se realizando constantemente. Por outro lado, a partir dessas leituras, constato que a identidade, além de múltipla, é também fragmentada, pois um mesmo sujeito e os grupos sociais possuem não somente uma, mas várias expressões identitárias territoriais, vivendo num único território - algo possível de acontecer.

Essas formas de identificação, na perspectiva desse autor, também se relacionam com as individualidades, as sociabilidades, as subjetividades, as quais, mesmo que isoladas, contribuem para uma identidade social mais ampla, ou seja, na relação entre as escalas locais, regionais e nacionais, vide o ser negro, baiano, nordestino, brasileiro, vaqueiro, indígena e outros mais. E, posso afirmar que a identidade não é algo pronto, acabado, hierárquico, superior ou inferior, único e imutável e sim, dinâmico, processual porque é diferente, cultural, simbólico e complexo.

Concordo com Haesbaert (1999, p. 173) que “a identidade, em primeiro lugar, pode tanto estar referida a pessoas como a objetos, coisas. Em segundo lugar, ela implica uma relação de semelhança ou de igualdade”. Nisso, compreendo a identificação de determinados sujeitos com eventos (vaquejadas, festas juninas), com coisa ou objetos (quilombos, religiões, rios e sisal na Bahia), dentre outros.

Identidades territoriais e sociais tratam de uma construção temporal da sociedade mediada pelo território, evidenciando a sua razão de existir, entretanto, “[...] nem toda identidade social (como a identidade de gênero, por exemplo) toma, obrigatoriamente, como um de seus referenciais centrais, o território ou, num sentido mais restrito, uma fração do espaço geográfico” (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Em outro contexto, se discute, na Geografia, o impacto que o aparato virtual vem ocupando na sociedade, a exemplo do fim do território, possivelmente atrelando-o aos processos de globalização com a noção de aldeia global, ou, a desterritorialização. É como se “tanto as relações socioeconômicas quanto os processos de identificação fossem agora fluídos ao ponto de não necessitarem mais

do 'território', e como se este fosse unicamente formado por uma base concreta, material". (HAESBAERT, 1999, p. 171).

De que forma isso afetaria as expressões identidades territoriais? Seria o seu fim? Ou apenas uma mudança de paradigma na forma clássica que a conhecemos? Não identifiquei elementos e processos capazes de pôr fim ao território e as expressões identitárias, pois o próprio Haesbaert (1999) indica que grupos sociais podem forjar territórios e dimensões simbólicas promovidas pelas identidades sobrepondo ao concreto. Empiricamente, observo que as sociedades vivem num determinado território e, por mais que essas indagações transitem no contexto simbólico, devido à importância que os ciberespaços vêm ocupando no cotidiano de vida das pessoas, é algo que transpassa as barreiras físicas do território.

Para sintetizar de forma didática as discussões sobre esta temática, destaco as seguintes questões: subjetivas e psicológicas; históricas e relacionais; sociais; políticas / econômicas e culturais. Por isso, as expressões identitárias territoriais não podem ser tratadas isoladamente pelo risco de incorrer num discurso típico de grupos dominantes com práticas autoritárias que não reconhecem a diversidade de cores, sons, corpos, sabores, histórias, experiências, trajetórias e percepções de mundo e de espaço.

Sobre as questões subjetivas e psicológicas há uma gama de fatores que vão desde as vivências dos sujeitos no seio familiar e comunitário até as experiências de vida. Essa relação entre identidades e subjetividades, para Cruz (2007) e Hall (2006) são constituídas nos processos de identificação e vínculos de pertencimento a partir das tradições que ele associa às raízes, heranças, passado, memórias e outros, de igual modo, pelas traduções que ele relaciona a estratégias para o futuro, rotas, rumos e tantos outros.

Entretanto, retomando Haesbaert (1999), o território é produto e produtor de identidade onde o "ser" de determinado território exerce uma força considerável podendo até mesmo segregar e transmutar as suas barreiras e fronteiras para outro espaço. Daí percebo as tensões onde:

[...] as identidades e os sentimentos de pertencimento são construídas de maneira [...] conflitiva entre auto-identidade (auto-atribuição, auto-reconhecimento) e uma hetero-identidade (atribuição e reconhecimento pelo "outro"). São nessas teias complexas de valorações e significados de reconhecimento e alteridade que se estabelecem o diálogo e o conflito entre os grupos, forjando as identidades (CRUZ, 2007, p. 17).

É nesse momento que identifico a existência de conflitos de todas as ordens no que tange às expressões identitárias territoriais, ao observar as questões históricas e relacionais por estarem sujeitas às ressignificações (produzidas no espaço geográfico e pela diferenciação), construídas por dentro dos discursos e não por fora, segundo Hall (2006).

Seria uma enorme ingenuidade negar ou ignorar que, no território, existem tensões, dilemas e contradições, expressas tanto nas suas territorialidades, quanto nas identidades por envolverem correlações de forças mediadas pelo poder.

Não tenho dúvidas de que a ação do poder, junção entre o campo político e o cultural, sobre as expressões identitárias territoriais gera representações forjadas na (auto)identificação, (auto)afirmação e (auto)diferenciação reconhecidas pelo discurso, as narrativas, as quais, fazem parte das subjetividades coletivas, legitimada ao longo do tempo. Isso se torna ainda mais complexo observando as identidades hegemônicas, institucionalizadas e normalizadas, que têm origem nos processos coloniais / colonialistas, sendo confrontadas pelas identidades subalternas, transgressoras, periféricas, de resistência e marginalizadas ao se lançarem num movimento de alteridade, também, das expressões identitárias territoriais.

Do mesmo modo, a questão social emerge no debate sobre as expressões identitárias pelo fato de haver laços coletivos e comunitários que estes sujeitos estabelecem com o espaço geográfico mediante inúmeras ações. Retomo Haesbaert (1999) ao discutir o poder da identidade social pela sua força e eficácia em naturalizar as identidades transformando-as em objetivos, mediadas pela política, cuja característica é tanto complexa, concreta, simbólica e racional quanto normalizada, a-histórica, imóvel e naturalizada pelo senso comum. Parece-me que a “região nordeste” do Brasil, assim classificada pelo IBGE em meados dos anos 1970, diz muito sobre esse debate por ser alçada à condição de identidade socioterritorial - apesar da redundância que pode soar para alguns geógrafos por ser o território uma instância social.

Desse modo, observo que as expressões identitárias territoriais são importantes para o estudo das relações que as sociedades estabelecem com o espaço geográfico, pois:

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas ‘geografias imaginárias’

(Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de ‘lugar’, de ‘casa/lar, ou heimat, bem como suas localizações no tempo - nas tradições inventadas [...] (HALL, 2006, p. 71-72).

Além de forjadas no tempo e no espaço, de forma simbólica ou concreta, as identidades podem ser apropriadas por grupos que exercem poder de convencimento, afetação, afirmação e aglutinação em torno daquilo que projetam tendo como resultado o pertencimento a determinadas expressões.

Por isso, acrescento as questões políticas e econômicas devido à dinâmica que os grupos imprimem ao território, as mercantilizações presentes no cotidiano e as implicações existentes entre as escalas geográficas e sua relação com a geopolítica global, os processos de globalização e, também, aos movimentos regionais, com base em Hall (2006) e Santos (2009).

E, por último, mas não menos importante, os fatores culturais percebidos pelas diferenciações históricas, simbólicas, imateriais e estéticas presentes nas relações sociais. Sobre as influências dos fatores culturais na identidade, de acordo com Castells (2000), a identidade é "um processo de construção de significados com base em um atributo cultural ou, ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significação" (CASTELLS, 2000, p. 22). Observo que não é possível dissociar identidade de cultura no conjunto dos significados e identificações que podem ocorrer em rede, pois o célebre autor reconhece as ações dos indivíduos e do sujeito coletivo por meio das instituições e organizações da sociedade.

Em Claval (1999), encontrei uma aproximação dialética entre cultura e identidade ao afirmar que “a identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: ‘quem sou eu?’” (CLAVAL, 1999, p. 15). Para o autor, a identidade é resultante da cultura e o mesmo complementa a sua argumentação por meio de elementos, ou parte deles que, ao mesmo tempo, caracteriza o sujeito e o grupo: “[...] artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo [...]” (CLAVAL, 1999, p. 15).

Por fim, as expressões identitárias não são algo natural, normal, (a)histórico e (a)político e sim, um recorte dos processos sociais que ocorrem e têm como

referencial o território e dialogam com a territorialidade enquanto um conjunto de práticas territoriais concebidas como espaço produzido e vivido.

Na próxima seção tratarei sobre a importância da UATI nas diversas escalas geográficas e os desafios de gerir e manter um programa de extensão universitária voltada aos idosos no Estado da Bahia, de forma específica, na cidade de Serrinha.

## **5. UATI: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS**

*Por favor alguém me diga  
Mil caminhos uma vida*

*Maysa, 1974.*

*Imagem 7: Idosa em trajes populares - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

A seção em questão é dedicada a refletir sobre o surgimento e disseminação no Brasil evidenciando a sua importância, relevância e desafios para projetos dessa natureza nas múltiplas escalas do Brasil, com destaque para o trabalho da UNEB, no Estado da Bahia. Investigar esses processos permitiu-me observar que é preciso superar a ideia de que as universidades, especificamente as públicas, é espaço privilegiado e dominante dos jovens.

Nestes termos, o fragmento da música, interpretada por Maysa (1974), que abre esta seção textual, é uma súplica para que alguém responda algo em que, tendo mil caminhos a serem trilhados, fazem parte de uma mesma e única vida, a pois a vida é constituída por múltiplas vivências e experiências, adquiridas pela pessoa na jornada vivida.

Entendo que esses mil caminhos, como coloca a artista Maysa (1974), são as inúmeras ações de que a vida/universidade pode seguir na observância da sua missão constitucional, da relevância social e da sua contribuição para as políticas públicas - a pessoa idosa merece ser acolhida por estas instituições.

### **5.1. A UATI na escala nacional: origem e importância**

Universidade da Terceira Idade, Universidade para a Terceira Idade, Universidade da Pessoa Idosa ou Universidade Aberta à Terceira Idade, seja qual for a denominação a ser direcionada, ambas tratam de uma mesma iniciativa da academia: projeto ou programa de extensão universitária voltada aos idosos.

Essa iniciativa, segundo Assis, Dias e Necha (2016), surgiu na França, na década de 1960, sendo ela precursora da universidade de tempo livre com o objetivo de ocupar o tempo de uma parcela da população, já descrita como longeva, por meio de atividades ocupacionais e lúdicas. Mais adiante

Em 1973, na cidade de Toulouse, Pierre Vellas fundou a primeira universidade da terceira idade (a *Université du Troisième Âge* – UTA) com o objetivo de tirar os idosos do isolamento, promover sua saúde, estimular seu interesse pela vida e modificar sua imagem diante da sociedade. (ASSIS, DIAS & NECHA, 2016, p. 202).

A partir disso, teve início um processo de conquista da autonomia desses idosos, de decidir sobre seus próprios problemas, combater a marginalização, ampliar as pesquisas na área de geriatria e gerontologia, estando a universidade a serviço dos idosos. Debert (1997) indica que o termo universidade da terceira idade

foi incorporado ao vocabulário anglo-saxão com a criação, em 1981, em *Cambridge* na Inglaterra, da *Universities of the Third Ate*.

Assis, Dias e Necha (2016) apontam que a universidade da terceira idade chegou na América Latina no início da década de 1980, por meio da Universidad Abierta Uruguay (UNI 3 Uruguay), sediada em Montevidéu, desvinculada do modelo de universidade tradicional, sob o princípio da educação permanente e participativa com o objetivo de recuperar os valores socioculturais e econômicos da pessoa idosa, realizando atividades física e de saúde emocional, bem-estar social e tecnológico dos idosos.

No Brasil, Assis, Dias e Necha (2016) identificaram as escolas abertas da terceira idade, no final do anos de 1970, como a primeira experiência dessa natureza pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) de São Paulo, por meio de cursos sobre o envelhecimento. Mas, no início da década de 1980, as primeiras, dentre as universidades públicas brasileiras a implantar essas iniciativas voltadas à terceira idade, de acordo com as autoras, em 1982, foram a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por meio do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti); e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade – Nieati.

A multiplicação dessas iniciativas por parte das universidades, considerando as características culturais, políticas e históricas de cada país e região, por si somente, indicam uma preocupação não apenas de tornar essas instituições mais inclusivas, diversas e plurais, mas, sobretudo, estudar os processos de envelhecimento da população global e oferecer dignidade aos idosos, considerando o aumento da população idosa em todos os continentes do planeta.

Por outro lado, esse processo evidencia a capilaridade e a potencialidade da educação para que a pessoa idosa possa envelhecer com mais saúde, vitalidade e autonomia. É claro que a educação unicamente não resolve os problemas sociais vividos na sociedade - por ser ilusório e fantasioso, porém, sendo ela uma política pública garantida pelo Estado, a serviço da humanidade, na forma de direito básico e elementar a todos os indivíduos, pode melhorar os indicadores socioeconômicos dos povos.

Penso que não se trata de uma educação qualquer, e muito menos qualquer educação, é uma corrente educacional que se esmera na emancipação, valorização e empoderamento da pessoa idosa que ainda enfrenta os preconceitos em relação à

velhice e antagônica a sanha de mercado e do produtivismo que reduz a sua importância na sociedade a problema econômico para as contas públicas e previdenciárias - o mesmo acontece com a concepção alarmista que o aumento dessa parcela demográfica gera mais escassez de recursos públicos, conforme o discurso dos neomalthusianos e neoliberais.

Concordo que além de ser uma tendência global, a universidade aberta à terceira idade é, também, uma conquista social dos idosos em todo o mundo que se organizam para superar preconceitos, mitos e várias formas de violência, sejam elas físicas, econômicas, domésticas e psicológicas.

Constato ainda a baixa produção literária acerca desses programas para a pessoa idosa nas universidades públicas; do mesmo modo, um mapeamento confiável e permanente a fim de gerar um banco de dados que reúna informações necessárias para conhecer e traçar um panorama nacional, estadual, municipal e privado. Noto que há uma dificuldade na articulação entre as instituições e uma rede de apoio financeiro às universidades que desenvolvem tais projetos.

Todavia, apesar do reconhecimento, importância e relevância das universidades abertas à terceira idade, há quem critique a UATI, a exemplo de Peres (2013) que considera tal iniciativa como “elitista” e “neoliberal”; indica haver cobrança de uma tarifa onde os idosos ingressantes, em sua maioria, privilegiados financeiramente e preocupados em ocupar o tempo enquanto o trabalhador analfabeto não é contemplado; critica as publicações sobre envelhecimento sob o argumento de serem direcionados a uma pequena elite de idosos letrados que não passam de mero serviço e lidam com o paradoxo de não superarem o analfabetismo entre os idosos.

Apesar de reconhecer, mesmo que timidamente, a importância das UATI's, Peres (2013) não apresenta um dado ou exemplo concreto que fundamente as críticas de que há cobrança para idosos ingressarem no programa - contrariando o princípio da democratização do acesso dos idosos às universidades abertas à terceira idade. Esse mesmo autor, analisando a fundo as críticas, utiliza muito mais o método indutivo e dedutivo para insinuar que a UATI é um programa elitista e neoliberal, ao contrário do método histórico-dialético que estuda o fenômeno de forma ampla, dialética e aprofundada.

Peres (2013) aponta um paradoxo ou contradição da existência desses programas com o analfabetismo entre a população idosa porque a UNATI oferecem

“um tipo de educação que está restrita a uma clientela que pode custear os serviços educacionais oferecidos por instituições universitárias não tem nada de educação popular.” (PERES, 2013, p. 128-129). Quais são as UATI's que cobram taxas aos idosos, uma vez que, não há informações gerais sobre o funcionamento desse programa em escala nacional?

Ora, a UATI é um projeto que está presente em muitas universidades públicas com a missão de ser um espaço privilegiado da/para a pessoa idosa, democratizando o seu acesso, garantindo bem estar e, dessa forma, não possui capilaridade e poder do Estado que tem o dever constitucional de garantir os direitos dos idosos não se eximindo ou transferindo a sua responsabilidade para terceiros.

Existem ainda outras perguntas a serem respondidas: o analfabetismo na população idosa é culpa das UATI's? O analfabetismo entre os idosos não seria uma intencionalidade desse Estado-Nação, dominado pela classe burguesa, construído sob os pilares do colonialismo, patriarcado, sexismo, da exploração das riquezas naturais, da escravidão e da violência contra africanos, afro-brasileiros, quilombolas, camponeses, indígenas e demais excluídos?

A experiência humanizada e humanizadora da UATI me permite atestar que o desafio é contemplar o maior número de idosos com o devido apoio administrativo e financeiro e que há sujeitos envolvidos na lida com os idosos que pautam suas ações por meio da pedagogia histórico-crítica<sup>35</sup> e lutam por melhores condições para os mais pobres e analfabetos, cientes das desigualdades socioeconômicas, políticas e culturais neste país.

Por outro lado, existem alguns eventos que conseguem agregar debates sobre a temática, a exemplo do Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade e do Encontro Nacional dos Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior - realizados anualmente em cidades e capitais com infraestrutura capazes de sediar esses eventos. E, acrescento o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) que se constitui em um importante espaço para debate e reflexão sobre a extensão voltada à terceira idade.

---

<sup>35</sup> A pedagogia histórico-crítica tem por proposta a ação pedagógica fundamentada na articulação entre a teoria e a prática (práxis), contribuindo para que os indivíduos ultrapassem a visão imediata dos fenômenos. Entendo que se trata de um projeto comprometido com a transformação social, ancorado na prática educativa questionadora, crítica e emancipadora.

Dentre as pautas discutidas nesses espaços, menciono que os poucos recursos destinados às universidades abertas à terceira idade são da própria instituição mantenedora, angariadas via repasse feito por parte dos governos estaduais e federais. Isso indica tensões internas na distribuição dos recursos para os projetos de extensão.

Na Bahia, além das instituições públicas de ensino superior federais: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); as estaduais possuem um programa voltado à terceira idade: a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

## **5.2. A UATI na UNEB: surgimento e implantação departamental**

Para tratar da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI)<sup>36</sup>, considero importante contextualizar o surgimento da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na qual, segundo Boaventura (2009), então secretário estadual de educação, surge em 1983<sup>37</sup>, com assente na estrutura do antigo Sistema Estadual de Educação Superior no Estado da Bahia (SESEB) que mantinha o Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA); as Faculdades de Agronomia do Médio São Francisco; de Formação de Professores de Alagoinhas, Jacobina e Santo Antônio de Jesus e; Filosofia, Ciências e Letras, de Caetité.

O CETEBA recebeu autorização para funcionar por meio de convênio entre o Ministério da Educação e Cultura e o Governo do Estado da Bahia, via Secretaria de Educação e Cultura, mediante Portaria Ministerial n.º 111 de 19/02/1968 e do Decreto Estadual n.º 21.455/69, referente ao funcionamento, manutenção e administração do CETEBA pela secretaria estadual de Educação.

Com o apoio da recém-criada Superintendência de Ensino Superior do Estado da Bahia e do Conselho Estadual de Educação, Boaventura (2009), transformou os centros e redes de faculdades, que estavam distribuídas regionalmente no Estado

---

<sup>36</sup> Entendo que a UATI é uma Entidade Pública Governamental de atendimento à pessoa idosa, conforme a Lei 10.741/2003 - Estatuto da Pessoa Idosa.

<sup>37</sup> Este ano, de 2023, a UNEB completa 40 anos de fundação.

na então UNEB, com a missão de interiorizar o ensino superior de forma organizada, racional, a fim de superar o baixo número de graduados em Nível Superior, especialistas e pós-graduados. Esta Universidade passa atuar a partir do modelo multicampia - *Campi* sediados em diferentes localidades baianas com certa vocação econômica, política e cultural.

Boaventura (2009) apresentou a proposta da UNEB, inspirada no modelo *multicampia* adotada pela Universidade da Califórnia e da Universidade do Estado de *New York* que ele conheceu em Albany e da *Penn State* na *Commonwealth*, na aula inaugural da antiga Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI).

Segundo Boaventura (2009), o nome Universidade do Estado da Bahia (UNEB) foi sugerido por Alírio de Souza e Armando Otávio Ramos, em ocasião ao congresso da Organização Universitária Interamericana (OUI), com base no modelo da UNESP; e Dom Timóteo Anastácio Amoroso, em 1983, sugeriu o lema *Hominem augere*, tradução do latim 'para o aperfeiçoamento do homem' e posterior apoio de Pierre Casalis<sup>38</sup>, vindo da Université du Québec, Canadá.

Em termos legais, o Conselho Estadual de Educação (CEE/BA), aprovou o funcionamento (Parecer n.º 375/86) e o regimento da UNEB (Resolução n.º 1.653/86). O então Governador da Bahia, João Durval Carneiro, assinou a Lei Delegada 66/83 e o Decreto n.º 31.299/83 que tratam dos limites de atuação, prerrogativas da universidade, limites de tutela do Estado, simplificam exigências de documentos e dá outras providências.

O então Presidente da República Federativa do Brasil, daquela época, José Sarney, assinou o Decreto n.º 92.937, de 17 de julho de 1986, autorizando o funcionamento da UNEB. Após dez anos de autorização, a UNEB foi avaliada e reconhecida pelo Ministério da Educação, por meio da Portaria n.º 909/95, publicada no Diário Oficial da União (D. O. U.), no dia 01 de agosto de 1995, afirma Boaventura (2009).

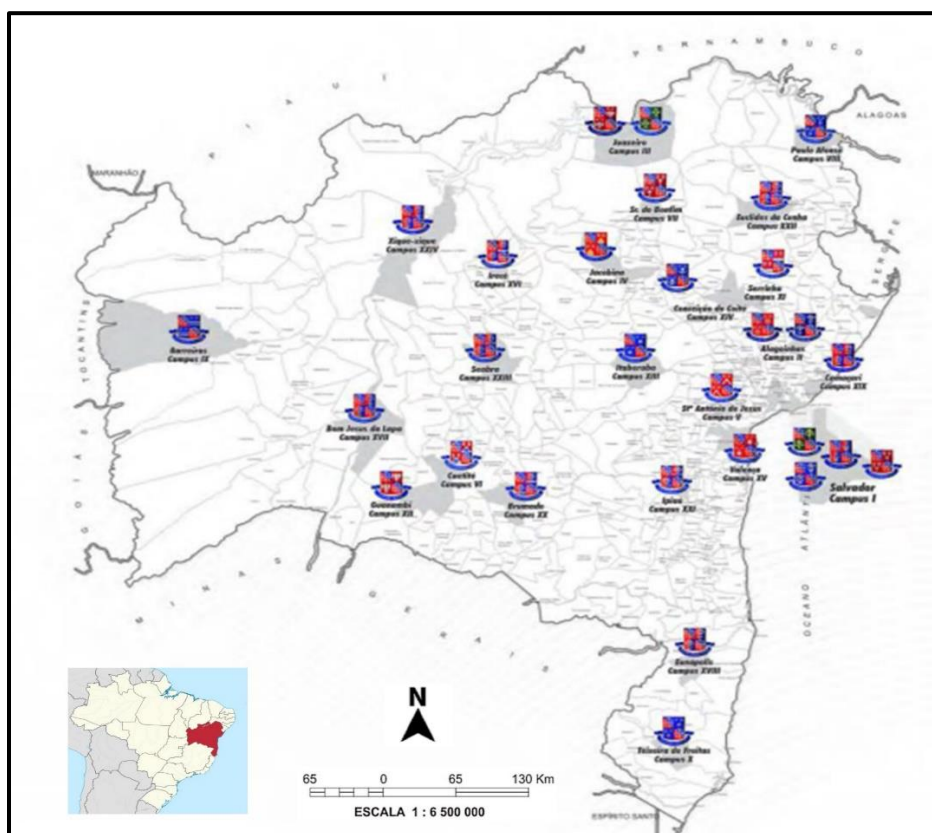
Soma-se ainda a Lei Estadual n.º 7.176 de 10/09/1997, regulamentada pelo Decreto Governamental de n.º 7.223/98 de 20/1/98, confirmado pela Portaria n.º 909 de 31/07/1998, que modificou a sua estrutura orgânica em departamentos, substituindo as antigas faculdades e centros que existiam.

---

<sup>38</sup> Pierre Casalis foi professor, Pró-Reitor de Planejamento e Vice-Presidente para assuntos internacionais da Universidade de Québec, Canadá.

Atualmente, com a expansão da multicampia, equivalente a rede de gestão administrativa, a UNEB é mantida pelo Governo do Estado da Bahia, subordinada à Secretaria Estadual de Educação, articulada com a Superintendência de Ensino Superior do Estado; estando presente em 24 cidades-polo de maior densidade populacional (sede administrativa, na capital da Bahia, Salvador, e os demais no interior), contendo 30 Departamentos, a saber: Salvador – *Campus I*; Alagoinhas – *Campus II*; Juazeiro – *Campus III*; Jacobina – *Campus IV*; Santo Antônio de Jesus – *Campus V*; Caetité – *Campus VI*; Senhor do Bonfim – *Campus VII*; Paulo Afonso – *Campus VIII*; Barreiras – *Campus IX*; Teixeira de Freitas – *Campus X*; Serrinha – *Campus XI*; Guanambi – *Campus XII*; Itaberaba – *Campus XIII*; Conceição do Coité – *Campus XIV*; Valença – *Campus XV*; Irecê – *Campus XVI*; Bom Jesus da Lapa – *Campus XVII*; Eunápolis – *Campus XVIII*; Camaçari – *Campus XIX*; Brumado – *Campus XX*; Ipiaú – *Campus XXI*; Euclides da Cunha – *Campus XXII*; Seabra – *Campus XXIII*; Xique-Xique – *Campus XXIV* (Figura 5).

Figura 5: *Campi* da UNEB no território baiano – 2022



Fonte: Portal UNEB, 2022.

Disponível em: <<https://www.dch1.uneb.br/wp-content/uploads/2021/07/PROJETO-PEDAGOGICO-18.pdf>> Acesso em: 20 Jun. 2022.

Adaptação: Fernando de Souza Nunes, 2023.

Com base na Figura 5, a UNEB está presente nas sete mesorregiões baianas<sup>39</sup> e em quase todos os 27 (vinte e sete) Territórios de Identidade da Bahia. A partir dessa observação, a UNEB alcança os 417 municípios baianos, através de projetos inspirados na tríade do ensino superior público - ensino, pesquisa e extensão – preceituada pela Constituição Federal de 1988.

Em comparação com a dotação orçamentária das universidades públicas estaduais, a UNEB é a Instituição de Ensino Superior que mais recebe recursos públicos do Tesouro, dentre as demais instituições baianas, segundo levantamento de Silva (2019). No entanto, os recursos públicos repassados para a UNEB são baixos comprometendo a qualidade do serviço prestado à comunidade baiana, perante a necessidade de aquisição de equipamentos de última geração, administração de programas e projetos, o volume de ações de pesquisa e extensão, auxílio permanência dos estudantes de baixa renda e demais atividades, evidenciando a precarização do setor.

E, entre os projetos de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidos para a comunidade acadêmica e local, em pleno funcionamento na universidade, sobressai o único programa de extensão com destaque na Região Nordeste do Brasil: a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI).

O programa foi criado em meados do mês de agosto do ano de 1995, quando ainda era denominado Grupo de Trabalho da Terceira Idade (GTTI), por iniciativa de um grupo de servidores técnicos administrativos e docentes, sob a coordenação da Professora Kátia Jane Chaves Bernardo, o professor Lourivaldo Valentim da Silva – Pró-Reitor de Extensão, tendo como Reitora a primeira mulher negra a assumir a reitoria da UNEB, professora Ivete Alves Sacramento.

---

<sup>39</sup> O estado da Bahia está dividido em sete mesorregiões: Metropolitana de Salvador, Nordeste Baiano, Sul Baiano, Vale São-Franciscano da Bahia, Extremo Oeste Baiano, Centro Sul Baiano e Centro Norte Baiano. Esta divisão foi feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1990. As mesorregiões constituem grandes regiões do estado, que foram determinadas tendo como critério três aspectos: as semelhanças naturais, sociais e as relações entre seus habitantes e a natureza. As mesorregiões divergem umas das outras pela posição geográfica, pelos aspectos naturais, pelo número de municípios e habitantes, pelas atividades econômicas, dentre outros aspectos. Cada uma das mesorregiões baianas divide-se em microrregiões, as quais reúnem certo número de municípios, sendo um deles o município-sede. O município-sede geralmente é o mais populoso ou de maior desenvolvimento econômico e procurado pelos habitantes da região por apresentar uma diversidade de serviços. Esses municípios comumente são servidos pelas melhores estradas da região e oferecem maior opção de transporte coletivo urbano e interurbano.

O GTTI foi criado para atender idosos e pesquisar os processos de envelhecimento da população baiana e sua relação com a terceira idade; inspirado nas experiências já existentes em algumas universidades brasileiras e internacionais<sup>40</sup>, conforme Bernardo (2010).

De acordo com Guerra (2012), em 1997, o GTTI registrou um aumento do número de idosos atendidos e o envolvimento de colaboradores, voluntários e estudantes realizando estágio supervisionado, desse modo, para dar conta do crescimento do projeto e os novos desafios, o grupo passou a ser denominado de Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), tendo como coordenadora Sônia Maria Nogueira Bamberg, servidora do efetivo, com a missão de fomentar políticas públicas e cidadania para a terceira idade.

Mais adiante, em 2013, tendo como reitor o Professor Lourivaldo Valentim da Silva, a UATI foi criada em outros *Campi* da UNEB. Essa expansão motivou a criação e o reconhecimento do Núcleo da Universidade Aberta à Terceira Idade (NUATI), transformando-se num programa de extensão universitária, segundo Nunes (2018).

O programa de extensão UATI está vinculado ao Gabinete da Reitoria e à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), do mesmo modo, aos *Campi* / Departamentos da UNEB, viabilizando as ações das coordenações que são geridas por servidores e professores do quadro permanente e temporário da instituição. Ela opera sob o princípio da educação em espaços não escolares, educação de jovens e adultos, educação continuada. A UATI possui total sintonia com a pedagogia histórico-crítica, a pedagogia da autonomia, além de outras correntes de pensamento que lutam pela promoção e dignidade da pessoa idosa.

A UATI está presente, atualmente, em 24 *Campi* da UNEB (Figura 6): Salvador, Alagoinhas, Juazeiro, Jacobina, Santo Antônio de Jesus, Caetité, Senhor do Bonfim, Paulo Afonso, Barreiras, Teixeira de Freitas, Serrinha, Guanambi, Itaberaba, Conceição do Coité, Valença, Irecê, Bom Jesus da Lapa, Eunápolis, Camaçari, Brumado, Ipiaú, Euclides da Cunha, Seabra e Xique-xique.

---

<sup>40</sup> A tese de Bernardo (2010) discute a questão da pessoa idosa e o envelhecimento em Salvador.

Figura 6: Mapeamento da UATI e Campi da UNEB no território Baiano



Fonte: PROEX; NUATI, 2021.  
Adaptação: Fernando de Souza Nunes, 2023.

O modelo multicampia da UNEB favorece a UATI, permitindo alcançar a população idosa estadual articulando parcerias com outros projetos e ações da própria universidade, a cooperação do poder público local, dando capilaridade às iniciativas de valorização da pessoa idosa na Bahia e empresas privadas que atuam nas áreas em comum ou podem ser geridas por gestores sensíveis a temática.

Nos *Campi* da UNEB, a UATI promove diversos encontros, palestras, seminários, atividades artístico-culturais e de lazer; intercâmbio com crianças, adolescentes e os estudantes da universidade por meio dos estágios curriculares supervisionado obrigatório, projetos de pesquisa e ensino e oficinas em parceria com os órgãos e instituições das escalas municipal, estadual e federal.

E, sobre as oficinas, as UATI's, diariamente desenvolvem ações vinculadas aos núcleos teóricos (saúde na terceira idade, alfabetização de adultos, memória, nutrição, línguas estrangeiras, dentre outros), vivências corporais (lazer e qualidade de vida, danças, Yoga, Tai Chi Chuan e outros) e trabalhos manuais (artes, artesanatos, pinturas, dentre outros), conforme distribuição abaixo.

Quadro 1 – Distribuição das atividades da UATI/UNEB

Núcleo	Objetivo	Oficina
Teórico	Refletir criticamente sobre a realidade do idoso na Bahia, no Brasil e no mundo, com base em conceitos sobre cultura e meio ambiente, fazendo-o participar da construção da cidadania.	Saúde na Terceira Idade, Alfabetização de Adultos, Educação para o Consumo, Identidade e Memória, Nutrição na Terceira Idade, Meio Ambiente, Francês, Informática, Psicologia no Envelhecimento, Pra saber o que é Brasil, Inglês, Tecendo Redes de Saberes, Espanhol.
Vivências Corporais	Desenvolver a prática de atividades físicas e de lazer a fim de melhorar as condições físico-morfológicas, psicológicas e sociais.	Lazer e Qualidade de Vida, Dança de Salão, Coral, Dança Flamenca, Dança Moderna, Rodopiando na Cultura Popular (Danças Regionais), Yoga, Expressão Corporal, Tai Chi Chuan, Dança do Ventre.
Trabalhos Manuais	Estimular a autoestima, a sociabilidade, a criatividade e aguçar o senso estético e a coordenação motora.	Artesanato Regional, Embalagem, Mãos e Criação, Pintura em Gesso e Madeira, Artes Plásticas, Artes Visuais.

Fonte: (NUNES, 2016, p. 68).

Dentre os *Campi* da universidade, destaca-se o Departamento de Educação do *Campus XI* (Imagem 8), originada da antiga Faculdade de Educação de Serrinha (FES), criada pelo Ato n.º 32.307 de 7 de outubro de 1985. Em 1988, iniciou as atividades com a oferta do Curso de Licenciatura em Pedagogia com habilitação em séries iniciais, gestão escolar e de projetos.

Imagem 8 – Departamento de Educação da UNEB, *Campus XI* - Serrinha



Fonte: Portal da UNEB, 2019.

A implantação do *Campus* da UNEB em Serrinha contou com o apoio da classe política e partidos, tanto da esquerda quanto a direita, alguns poucos empresários, sindicatos e associações de trabalhadoras e trabalhadores rurais e urbanos, movimentos estudantis, organizações não governamentais, educadoras e educadores, imprensa local, dentre outros.

Mais adiante, a Lei n.º 7.176/97, reestruturou as Universidades Estaduais e a Faculdade de Educação de Serrinha (FES), foi substituída pelo Departamento de Educação do *Campus XI* – Serrinha.

O DEDC *Campus XI* funcionava num terreno cedido pela prefeitura no entorno da Praça Astrogildo Guimarães, mais conhecida como Praça Morena Bela, em Serrinha, no Bairro do Ginásio. No ano de 2002, o Governo da Bahia concluiu a construção da nova sede, num terreno doado pelo ex-prefeito do município de Serrinha, Antônio Josevaldo Silva Lima, cuja atual sede encontra-se localizada na Rua Álvaro Augusto, ao lado do Terminal Rodoviário.

O antigo prédio onde funcionava o Departamento, localizado na Praça Morena Bela, tornou-se um prédio anexo da UNEB, rebatizada de Centro de Pesquisas em

Culturas e Tecnologias do Território do Sisal (CPCT), destinado ao funcionamento dos pré-vestibulares sociais, Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), Brinquedoteca, Núcleo de Educação Inclusiva do Campus XI, Laboratório de Estudos Interdisciplinares (LIFE), Empresa Realiza Junior, Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), grupos de pesquisas, dentre outras ações.

Imagem 9 - CPCT - 2023



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2023.

Segundo Nunes (2016), na década de 1990, anterior ao surgimento da UATI no Campus de Serrinha, um grupo de servidoras indicava o desejo de realizar atividades de extensão voltadas aos idosos. Posteriormente, em meados do ano de 2008, o então diretor do *Campus*, o Prof. Ivan dos Reis Cardoso, conheceu a UATI concomitante a realização de um evento que participara no Campus I - Salvador. Entusiasmado com o projeto, estimulou o grupo de servidoras a implantar a UATI no *Campus XI - Serrinha*.

Posteriormente, Nunes (2016) relata que o projeto não havia saído do papel e o diretor convidou mais servidores para assumir a coordenação e este grupo visitou as instalações da sede da UATI e do NUATI, em Salvador para participar de encontros, formações e dialogar com a coordenação do *Campus* de Conceição do Coité que faz divisa com o município de Serrinha. E no ano de 2011, foi indicado as

instalações do prédio anexo do *Campus XI*, o Centro de Pesquisas em Culturas e Tecnologias do Território do Sisal – CPCT para a realização das atividades da UATI pela centralidade e facilidade de deslocamento das idosas, todavia, foi necessário adaptar as instalações físicas do CPCT com rampas, corrimão, sinalização, sala de coordenação e equipamentos.

A espera foi necessária devido os trâmites burocráticos e a execução de obras por meio de licitação até a implantação oficial da UATI em Serrinha, no dia 22 de maio de 2012<sup>41</sup>, com a presença do prefeito do município, secretários municipais, vereadores, lideranças locais, membros da comunidade interna do Departamento e participação virtual do Reitor Lourivaldo Valentim e da Pró-Reitora de Extensão Adriana dos Santos Marmori Lima<sup>42</sup>, conforme Nunes (2018).

Ao longo desses anos, a UATI em Serrinha desenvolveu parcerias com o Poder Público local, visitas a instituições de longa permanência<sup>43</sup> e mantém diálogo com o Fórum Permanente em Defesa da Pessoa Idosa da Bahia, do Conselho Municipal da pessoa idosa, Ministério Público da Bahia e demais organismos. Diferente de muitos programas de extensão universitária, não há um prazo determinado para início e conclusão de turmas a exemplo de cursos em que, ao final, se obtém uma certificação. A pessoa idosa, admitida na UATI, assina o formulário e guia de matrícula acrescidas de uma cópia de documentos pessoais (documento de identidade, CPF, foto 3X4, comprovante residência e um atestado de aptidão médica expedida por um cardiologista, geriatra, clínico geral informando as condições de saúde dessa pessoa, comorbidades, limitações físicas e motoras, uso de remédios e outras informações.

Outro aspecto importante de mencionar é a expansão da própria rede UATI<sup>44</sup> e o Campus XI - Serrinha implantou no mês de outubro do ano de 2022 o programa no município de Lamarão, em parceria com a prefeitura municipal, permitindo que funcionários, vinculados à secretaria de educação, saúde e assistência social

---

<sup>41</sup> A UATI em Serrinha completa 11 anos em 2023.

<sup>42</sup> Atual Reitora da UNEB para o quadriênio 2022-2055.

<sup>43</sup> Entidades de longa permanência, ou, casa-lar - sejam elas públicas ou privadas - é o nome dado aos chamados asilos e albergues que acolhem idosos que passam a morar nesses lares e não dispõem de vínculo familiar, ou, encontram-se em situação de vulnerabilidade social, de acordo com a Lei 10.741/2003 - Estatuto da Pessoa Idosa.

<sup>44</sup> Rede UATI é o nome dado ao projeto de expansão pela própria NUATI estendendo a UATI nos municípios vizinhos aos Campi da UNEB. O *Campus XI* Serrinha instalou a UATI na cidade de Lamarão em 2022 e para 2023 iniciou a implantação em Biritinga. Há propostas para implantação em cidades como Barrocas e Água Fria, porém, sem prazo estimado.

municipal e voluntários ministrem oficinas, com a contrapartida da certificação das atividades para um grupo de 30 idosas, durante a semana. E no ano de 2023, a UATI do *Campus XI - Serrinha* se instala no município de Biritinga na forma de parceria com a prefeitura municipal. Em contrapartida, a coordenação do programa, mediante aprovação do Conselho Departamental do *Campus*, se responsabiliza pela gestão administrativa da extensão, certificação das atividades desenvolvidas, destinação de bolsas de monitoria e encontros de integração.

Nunes (2016) constatou, a partir das suas vivências com o programa, melhorias na qualidade de vida das alunas / idosas por meio da autoestima e motivação para participar das oficinas, diminuição de adoecimento e demais doenças; relatos de superação de perdas familiares e viuvez; e controle da depressão. Apontou ainda que a UATI metas de sensibilização da sociedade quanto às questões inerentes à pessoa idosa, práticas educacionais, noções de envelhecimento ativo e saudável estão em consonância com a Política Nacional da Pessoa Idosa e o Estatuto da Pessoa Idosa.

### **5.3. UATI: desafios e valorização da pessoa idosa**

Um programa de extensão universitária, a exemplo da UATI, possui desafios verificados no bojo da própria estrutura da universidade, no próprio projeto e frente a sociedade ao qual está inserida. Daí a necessidade de elencar os desafios e valorização da pessoa idosa por parte desse projeto e no contexto histórico e socioeconômico a qual está inserida, perpassando pelos pressupostos legais, de gestão e sua relação com outras entidades.

A UATI, enquanto um programa vinculado a uma ação governamental, além de observar as normas, regimento e resoluções internas da própria universidade, se ampara em disposições, normas jurídicas nacionais e internacionais. Na escala internacional, estabeleço como marco: a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral, em 10 de dezembro de 1948 - documento que fortaleceu os princípios da igualdade, das liberdades e do respeito à diversidade dos povos; O Plano de Ação Internacional de Viena sobre o envelhecimento, apresentado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 14 de dezembro 1978 e aprovado em 1982 - com o objetivo de fortalecer a capacidade

dos países para abordar o envelhecimento de sua população e atender às preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade e dos problemas do envelhecimento.

Outro documento observado pela UATI é de origem regional e trata-se da Carta de São Tomé sobre os direitos dos idosos de América Latina e Caribe, que foi adotada na terceira conferência regional intergovernamental sobre envelhecimento nessa região, realizada de 8 a 12 de maio de 2012, em San José de Costa Rica - contém uma série de ações a serem nos países em favor dos idosos. Acrescento importante documento da América Latina e Caribe: a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos - um compromisso assumido pelos Estados-Membros, em junho de 2015.

Na escala nacional, o principal marco jurídico e legal, para as ações da universidade e programa voltado à terceira idade é a Constituição Federal de 1988, apelidada de carta-cidadã, que garante à pessoa idosa desde a sua dignidade até a garantia dos direitos fundamentais contando ainda com a priorização dessa parcela da população no acesso a serviços públicos e privados e políticas públicas e saúde, assistência social, previdência, dentre outros.

Posteriormente, a Carta de 1988 possibilitou a regulamentação da Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994, a Política Nacional da Pessoa Idosa, do mesmo modo, a criação do Conselho Nacional do Idoso, sob a bandeira da autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.

Todavia, o documento de maior ênfase na defesa da terceira idade no Brasil é o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. Segundo Peres (2013), o contexto de criação dessa lei resulta da emergência, relevância e visibilidade social do tema sobre a velhice e envelhecimento na sociedade brasileira. Porém, esse autor denomina as entidades que mais se destacaram na aprovação do Estatuto do Idoso, Serviço Social do Comércio (SESC), Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (COBAP), de lobistas interessados em “[...] garantir um nicho de mercado ou área de atuação, por parte das instituições representativas da velhice e das carreiras profissionais [...] em processo de construção do seu campo e objetivo [...]”. (PERES, 2013, p. 125).

É evidente que a lei aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pela Presidência da República, com todas as críticas e lacunas, sofreu alterações em

relação ao projeto de lei inicial, cujo Estatuto “[...] nada mais é do que uma compilação de leis referentes à velhice já existentes na Constituição de 1988, com pequenas alterações e adendos [...] reunidas na forma de um estatuto específico” (PERES, 2013, p. 124). São leis que tratam do direito à saúde, educação, cultura, lazer, profissionalização, trabalho, assistência social, habitação, transporte, combate a violência e regulamentam as instituições de curta e longa permanência.

De fato, os temas tratados no Estatuto da Pessoa Idosa interessam também a essas entidades que protagonizaram a criação da lei, mas não combatem a miséria social vivida pela maioria dos idosos - consequência do analfabetismo, apontado por Peres (2013). O Estatuto exige do poder público a criação de universidade aberta à terceira idade, no entanto, não exige que os governos financiem esses programas universitários para, também, combater os males que afetam a população idosa do Brasil, do mesmo modo, transfira recursos e oferece as condições necessárias para as escolas do campo e a EJA - daí o caráter elitista do Estatuto.

Para dar conta do cumprimento desses dispositivos, é necessário que a UATI disponha de um modelo de gestão da extensão gerencialista voltada à satisfação do bem estar dos idosos atendidos. Para tanto, ressaltamos as oficinas e eventos promovidos pela UATI, tidos como fundamentais no seu calendário, a exemplo do concurso local e estadual *miss e mister* UATI; as comemorações do dia nacional e internacional da pessoa idosa no dia 1º de outubro, festas juninas, seminários e tantos outros eventos os quais garantem o acesso dos idosos ao lazer, inclusão social e relações intergeracionais com os jovens e adultos.

Mas há problemas enfrentados por esses projetos, devido aos poucos recursos destinados às universidades mantenedoras das ações. O financiamento é oriundo de receitas angariadas e repassadas pelos governos estaduais e federais, podendo haver tensões internas na distribuição dos recursos para os projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Outra questão desafiadora para a gestão de projetos é o trabalho voluntário, sem remuneração, desenvolvido, na maioria das vezes, pelos membros da coordenação, refletindo o esforço um tanto abnegado dos membros que acreditam no projeto, considerando a pouca carga horária disponível para o acompanhamento das atividades. Segundo a agência IBGE notícias, a taxa de realização de trabalho voluntário vem caindo em quase todas as regiões, com redução de 281 mil pessoas

entre 2018 e 2019. Porém, aumentou a média de horas dedicadas ao voluntariado, passando de 6,5h para 6,6h.

Há também o trabalho voluntário de lideranças comunitárias, profissionais que atuam na temática e populares que fortalecem as universidades abertas à terceira idade em atender e acompanhar os idosos e, quando muito, poucos editais para a contratação de profissionais que possam desenvolver oficinas com os idosos, a fim de suprir a carência e a demanda necessária aos cuidados na terceira idade.

Recentemente, a UNEB encontra-se em processo de implantação da curricularização da extensão, onde parte da carga horária para integralização do curso por parte dos estudantes, cerca de 10% (dez por cento), será destinada ao desenvolvimento de atividades extensionistas em espaços não escolares e formais, como é o caso da UATI, pois ela é uma das principais beneficiadas desta norma pelos critérios estabelecidos.


Os estudantes matriculados em componente curriculares de estágio supervisionado curricular obrigatório, dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Geografia, realizam oficinas na UATI em Serrinha, sob o acompanhamento dos professores regentes na qualificação e preparação dos futuros profissionais na vida e relação com a comunidade externa e grupos específicos. Os relatos dos estudantes após realização do estágio são classificados como oportunos, positivos e fundamentais na humanização da prática pedagógica por meio do afeto nas relações intergeracionais.

A propósito da humanização e afeto na UATI, destaco esses valores como uma das principais marcas no programa por vivenciar essas experiências, visto que, não se trata de algo em que se indica ou realiza seleção pública simplificada para coordenar por determinado período e após o encerramento se encerra o vínculo. Pelo contrário, o coordenador permanece por muitos anos porque a saída desestimula a participação dos idosos e estes se afastam das atividades pelo afeto ali criado - uma das queixas das idosas / estudantes.

Outrossim, no campo das relações institucionais da UATI, o diálogo com outros movimentos sociais, entidades e associações territoriais são de vital importância para unir forças e obter apoio necessário da sociedade para as pautas de defesa e valorização dos idosos, a exemplo da Associação Brasileira das Universidades Abertas à Terceira Idade (ABRUNATI); na Bahia, o Fórum Permanente em Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa e a Associação dos Economistas

Aposentados e Pensionistas da Bahia (AEA). São organismos a serviço da sociedade cumprindo um papel fundamental do exercício da cidadania, do fortalecimento da democracia participativa, indicando caminhos a serem percorridos para a conquista do respeito e superação dos problemas sociais referente à terceira idade.

Na próxima seção textual será apresentado um breve panorama socioeconômico e demográfico da população idosa no Brasil e do perfil socioeconômico das colaboradoras e, por fim, o resultado das entrevistas narrativas dos sujeitos da pesquisa, mais especificamente algumas idosas / estudantes da UATI, em Serrinha.



**6. SER, ESTAR E VIVER: AS  
TERRITORIALIDADES DAS IDOSAS  
DA UATI DE SERRINHA-BA**

*Tanta coisa que eu ainda não fiz  
E hoje eu estou*

*Maysa, 1974.*

*Imagem 10 - Pessoa idosa segurando uma bengala - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

O texto em epígrafe, nesta seção textual, apresenta mais um trecho da música cantada por Maysa (1974) que coloca o indivíduo numa condição de quem ainda tem muito por fazer na vida e ainda não realizou, mas, por outro lado, estando onde está, é resultado dos caminhos que percorreu outrora.

Nesta seção apresento os dados quantitativos sobre a população idosa do Brasil e das colaboradoras da pesquisa com base nas respostas apresentadas no questionários sociodemográficos e, na sequência, as narrativas das histórias / experiências e trajetórias de vida das idosas participantes da pesquisa.

Considerando esta pesquisa de caráter qualitativo, reitero que o uso de dados numéricos / quantitativos não invalidam a metodologia proposta, mas permite clarear aspectos da investigação, com base em Godoy (1995). Assim, entendo que a pesquisa comporta esses dados para fins de contextualização e compreensão do atual recorte em que a população idosa está inserida nas múltiplas escalas. Não se trata de descrever e, menos ainda, reduzir as diversidades de vidas em números, quantificando-as, e sim, esboçar um olhar mais amplo da realidade vivida.

De acordo com o boletim especial do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2020), amparado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), vinculado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do total de 210,1 milhões de brasileiros, 34 milhões eram idosos, no quarto trimestre de 2019 – Brasil (2019). O número corresponde a 16,2% da população do país - quando comparado a outros períodos, temos a constatação do aumento do número da população idosa atrelado à qualidade de vida dos mesmos. Desse total, 56% são constituídas por mulheres, ou seja, corresponde a maioria expressiva da população idosa.

Os idosos, pessoas com 60 anos ou mais, viviam em 25,1 milhões dos 73,0 milhões de domicílios existentes no Brasil, representando 34,5% dos lares brasileiros. Apesar de representarem menos de 17% da população total, os idosos estavam presentes em mais de um terço dos domicílios. Da amostragem dos idosos, 83,2% moravam com outras pessoas no domicílio e 16,8% viviam sozinhas, segundo o DIEESE (2020). Daí a importância do Estado e dos governos na elaboração de políticas públicas para os idosos.

No ano de 2019, 22,9% dos idosos estavam trabalhando e representavam 8,2% dos ocupados. Cerca de 7,9% desses idosos trabalhavam em via ou área pública ou ainda em veículos automotores - proporção maior do que a verificada

entre aqueles com menos de 60 anos (6,2%). Neste levantamento, 24,9% dos domicílios no Brasil têm pessoas de 60 ou mais que contribuem acima de 50% da renda domiciliar, com aposentadorias, pensões, rendimento do trabalho e outro tipo. Entre outras palavras, os 24,9% dos domicílios teriam mais de 50% da renda afetada pela ausência dos mais velhos nessas famílias, apontado pelo DIEESE (2020).

Em 2013, o IBGE (2019) realizou a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), identificando que a cada quatro pessoas com 60 anos ou mais, ao menos uma relatou participar de atividades sociais organizadas. Entre as mulheres, o percentual era maior, com quase 30%. Mas a participação dos homens também foi significativa, ficando bem pouco abaixo dos 20%. Esse dado reflete o perfil dos participantes de projetos e programas sociais voltadas a terceira idade, a exemplo da própria UATI que registra maioria considerável de idosas participando ativamente das atividades em detrimento de idosos.

Nessa mesma publicação do IBGE (2019), o PNS identificou que 17,3% dos idosos apresentavam limitações funcionais para realizar as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), a exemplo de fazer compras, administrar as finanças pessoais, tomar remédios, utilizar meios de transporte, usar o telefone e realizar trabalhos domésticos. E, essa proporção aumenta para 39,2%, entre os de 75 anos ou mais. Com base nesse dado, pode-se compreender outro aspecto das participantes da UATI, constituídas por idosas ativas e proativas que desenvolvem de forma autônoma atividades simples do cotidiano, descritas no AIVD.

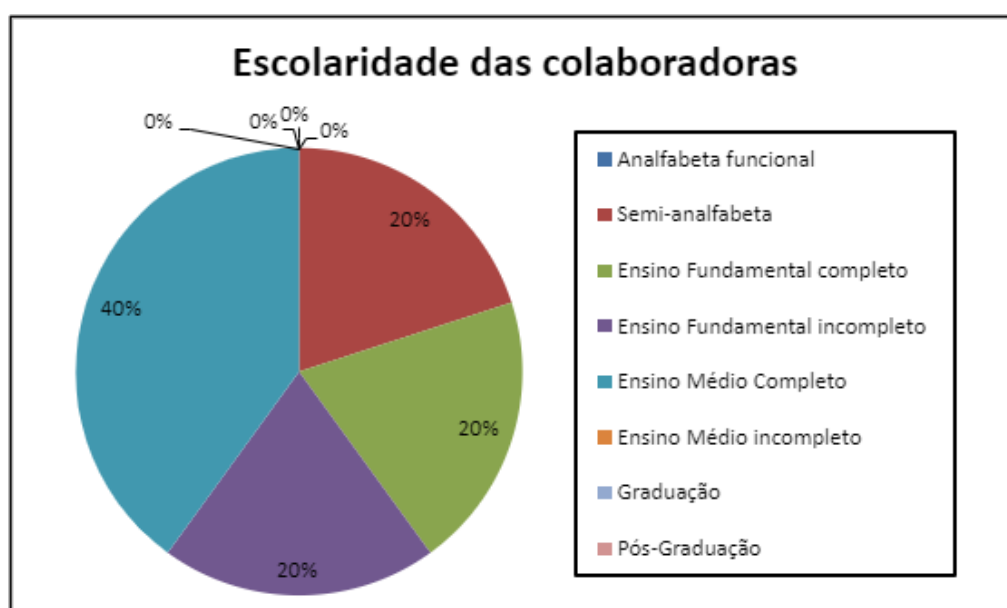
O IBGE (2019) projeta que, no Brasil, a relação entre a porcentagem de idosos e de jovens, “índice de envelhecimento”, aumentará de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060. Trata-se de uma tendência global da pirâmide etária devido a queda da taxa de fecundidade e aumento da expectativa de vida no Brasil com uma população de menos crianças e jovens (estreitamento da base) e mais adultos (alargamento do corpo da pirâmide) e idosos (aumento no topo). Desde o ano de 1940, período do primeiro levantamento, a expectativa brasileira já aumentou 30,5 anos. Quem nasceu em 2017, pode chegar a média de 76 anos de vida; quem nascerá em 2060, poderá viver até 81 anos. Sobre este aspecto, alguns economistas têm alardeado a preocupação com a economia nacional, porém, apresentado propostas que ameaçam os direitos elementares dos idosos com elevação de tarifas que diminui a renda dessa parcela da população, aumento do

tempo de contribuição dos trabalhadores e até mesmo tributação das aposentadorias.

Quanto ao perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa, todas são mulheres - uma característica do projeto - 50% são viúvas, 33% casadas e 17% separadas. Cada uma delas possui mais de três filhos; 67% (quatro idosas) moram, no atual momento, na cidade de Serrinha, mas apenas uma, 16%, mora numa comunidade rural em Serrinha e uma idosa (17%) mora em outro município, mais especificamente no espaço rural. No entanto, todas as colaboradoras vivem em domicílios com mais de um familiar.

Das idosas pesquisadas, 50% são aposentadas e 50% são pensionistas ou recebem Benefício por Prestação Continuada (BPC) do INSS. Quanto à escolaridade, 40% concluíram o Ensino Médio no Magistério, 20% são semi-analfabetas, 20% finalizaram o Ensino Fundamental e 20% não terminaram o Ensino Fundamental. As questões relacionadas à baixa escolarização na terceira idade (Figura 7) indicam a forma como a educação pública foi conduzida pelo Estado nacional ao longo de décadas e até mesmo séculos, refletindo na baixa escolarização em determinadas faixas etárias, apesar do aumento desses indicadores nas últimas décadas.

Figura 7 - Grau de escolaridade das colaboradoras da pesquisa - 2023



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.  
Elaboração: Fernando de Souza Nunes, 2023.

Sobre a ocupação na Terceira Idade, 67% são domésticas, 17% continuam desenvolvendo alguma atividade remunerada mesmo após a aposentadoria e 16% trabalham no campo, por meio da agricultura familiar. E, entre as colaboradoras, 33%, duas destas, têm renda familiar de 3 a 4 salários mínimos, outras 33%, (duas idosas) têm renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, 17% (uma idosa) tem renda familiar de 2 a 3 salários mínimos e 17% (uma idosa) possui renda familiar de mais de 5 salários mínimos.

Referente à forma em que residem, 33% moram com os filhos, 17% com filhos e esposo; 17% com filhos, esposo e netos; 17% moram sozinhas, 17% moram com filhos e netos e 16% moram apenas com o esposo. Destas, 87% (cinco idosas) declararam pertencerem à religião católica e apenas 17% (uma idosa) declarou professar a fé na Doutrina Espírita.

No que tange à participação no programa, ao serem perguntadas sobre como souberam do funcionamento da UATI, 34% informaram que foi por indicação de amigos, 33% por indicação de parentes e 33% por indicação de colegas que já participam do grupo. Quanto às formas de locomoção para as atividades da UATI, 50% se deslocam a pé para as atividades por morarem em bairros próximos ao Centro de Pesquisa em Culturas e Tecnologias do Território do Sisal (CPCT), um prédio anexo do *Campus* da UNEB, em Serrinha; 25% utilizam o serviço de mototáxi, 13% utilizam o ônibus escolar dos estudantes por residirem em comunidades rurais e urbanas de outras cidades e 12% usam transportes alternativos que saem das comunidades rurais do município de Serrinha com destino ao Centro da cidade. Cabe salientar que, nas cidades do Território do Sisal na Bahia, não há transporte regular, habilitado, coletivo / público inviabilizando o direito e garantia de passe livre para a terceira idade na forma indicada pelo Estatuto da Pessoa Idosa.

Perguntadas sobre o tempo em que frequentam a UATI, 33% (duas idosas) frequentam a 11 anos (desde a fundação do programa), 33% (duas idosas) há 9 anos, 17% (uma colaboradora) há 6 anos e 17% (uma colaboradora) há 4 anos. Este dado é importante para a pesquisa porque o tempo de participação na UATI possibilita maior compreensão sobre o funcionamento, a relevância do programa e outras percepções acerca da terceira idade.

Ao serem perguntadas sobre o quanto gostam da UATI, não há margem para as alternativas 'pouco', ou, 'apenas para passar o tempo' porque 100% delas

responderam que gostam, e muito, da UATI. Nesse momento, as respostas eram enfáticas e notei no semblante das idosas, não somente a convicção, mas o entusiasmo ao afirmar categoricamente o quanto gostam do programa - isso mostra a importância que o grupo tem para a vida delas.

Nas perguntas específicas sobre as percepções acerca da UATI, perguntei, de acordo com o questionário sociodemográfico, elaborado previamente, se algo melhorou cotidiano das idosas, após frequentar a UATI e todas (100%) responderam que sim, sem titubear e com forte intensidade na resposta. Assim disseram:

*Melhorou em não ficar solitária em casa, de ter com quem conversar, ter laços de amizade e as aprendizagens que a gente tem na UATI* (Naná - Questionário sociodemográfico, 2023).

*Melhorou o meu relacionamento interpessoal... ampliou as amizades, aprendi novas coisas, conheci muita gente e meu conhecimento aumentou muito* (Ligi - Questionário sociodemográfico, 2023).

*[...] melhorou a minha caminhada, eu fiz mais amizades...* (Dadá - Questionário sociodemográfico, 2023).

*Mais diversão, eu pratiquei artesanato, criei novas amizades e encontrei colegas e esses encontros da UATI são encontros de partilha* (Mari - Questionário sociodemográfico, 2023)

*Melhorou a minha maneira de me expressar, de ajudar não só na UATI mas também em outros projetos da UNEB* (Lili - Questionário sociodemográfico, 2023).

*Eu ganhei uma vida depois que vim pra UATI, principalmente depois que fiquei viúva...* (Sol - Questionário sociodemográfico, 2023).

Nas narrativas das colaboradoras, elas destacaram a amizade como algo que as motiva a participar do programa. Compreendo que a ampliação desses laços é uma forma das idosas obterem uma nova socialização e uma inserção maior na sociedade, antes restrito, supostamente, pelos preceitos morais de outrora que exigiam dessas senhoras um certo pudor por serem casadas, mães de família e do lar. Por isso Beauvoir (2018) propunha compreender a totalidade da velhice não somente pelo fator biológico e gerontológico de modo estático, mas também cultural pela presença de aspectos históricos e econômicos das sociedades.

O mesmo ocorreu ao perguntar se a UATI é importante para a pessoa idosa e 100% delas responderam que sim, o programa de extensão universitária é valioso para a terceira idade a partir das seguintes exemplificações:

*[...] porque é um meio de estar juntas, de sair de casa, de ter amigos; vir pra UATI é a melhor coisa (Dadá - Questionário sociodemográfico, 2023).*

*A UATI tirou as idosas de ser uma empregada de luxo, aprendi a dizer não, a me divertir... (Naná - Questionário sociodemográfico, 2023).*

*Com Certeza. Ajuda na vida em aprender a lidar com os problemas da terceira idade, por não ter a vitalidade de antes, por isso a UATI é bom pra não ficar parado (Mari - Questionário sociodemográfico, 2023).*

*Demais. Abre janelas para o conhecimento, a informação, pra aprender coisas novas... (Ligi - Questionário sociodemográfico, 2023).*

*Porque aqui me sinto gente. Idoso não é a melhor idade não. Você precisa fazer da sua velhice algo melhor (Lili - Questionário sociodemográfico, 2023).*

*Porque [...] aqui a gente é bem recebida, a equipe é maravilhosa; eu me sinto segura depois de superar a timidez em falar, mudei muito! (Sol - Questionário sociodemográfico, 2023).*

As narrativas acima elucidaram o esforço desta pesquisa ao eleger a UATI como objeto de estudo com muitas potencialidades. A cada resposta, uma questão a ser debatida, a exemplo do tratamento dado à pessoa idosa, aos vínculos de amizade, ao enfrentamento de questões emblemáticas na terceira idade, ao processo contínuo e permanente de aprendizagens na velhice e ao empoderamento da pessoa idosa na sociedade atual.

Para aprofundar a compreensão sobre os temas anteriores, com respostas de múltiplas escolhas, as colaboradoras indicaram o que mais gostam na UATI, sendo 14% sinalizaram os eventos realizados no programa, 12% os professores (docentes da universidade e instrutores contratados), 12% as dinâmicas dos encontros, 12% as atividades / oficinas específicas, 11% as colegas, 9% as monitoras de extensão / estudantes da graduação, 9% os voluntários que ministram oficinas na UATI, 9% o local onde acontecem as atividades, 9% o acolhimento por parte do coordenador do programa e 3% de poder falar e se expressar nas atividades sem ser reprimida.

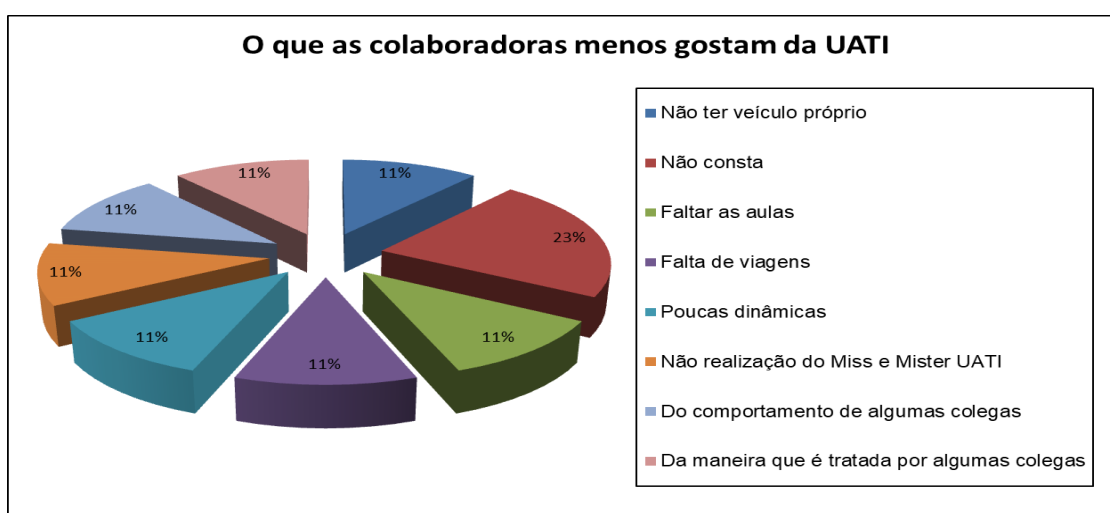
Tabela 1 – O que as colaboradoras mais gostam da UATI em ordem de relevância – 2023

Respostas	Frequência	%
Eventos	5	14
Professores	4	12
Das atividades / Oficinas específicas	4	12
Das dinâmicas dos encontros	4	12
Colegas	4	11
Monitores estudantes	3	9
Voluntários	3	9
Do local	3	9
Do Coordenador	3	9
Poder falar / expressar	1	3
Total	---	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2023.  
Elaboração: Fernando de Souza Nunes, 2023.

E, sobre o que menos gostam na UATI, 23% não exemplificaram nenhuma situação por entender que não se aplica porque gostam da UATI, porém, 11% em não dispor de veículo próprio, 11% de ter que faltar às atividades por motivo de saúde e situações atípicas, 11% gostariam que tivessem viagens com o grupo, 11% desejam que algumas atividades tivessem mais dinâmicas, 11% reclamaram da não realização do concurso local *Miss e Mister UATI* (suspensas devido à pandemia), 11% do comportamento de algumas colegas (pequenos conflitos nas relações interpessoais do grupo) e 11% da maneira que é tratada por algumas colegas.

Figura 8 - O que as colaboradoras menos gostam da UATI - 2023



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.  
Elaboração: Fernando de Souza Nunes, 2023.

Ao analisar as respostas acima (Figura 8) sobre o que menos gostam na UATI, observo que, além de não apontar nenhuma ação contundente, outras respostas possuem um caráter mais individual na relação com as colegas e o programa; é o fato de se sentirem desconfortáveis em faltar às atividades e não ter veículo próprio para ir as atividades. Entretanto, sobre os itens “falta de viagens”, “poucas dinâmicas” e “não realização da *Miss e Mister UATI*”, refletem as dificuldades financeiras que o programa enfrenta por causa da queda de arrecadação do Estado e, conseqüente, diminuição do repasse de verbas para as universidades, ausência de autonomia financeira da Instituição de Ensino Superior (IES), uma vez que dependem de aprovação das secretarias do governo do estado para a aquisição e contratação de serviços de pessoa jurídica - em muitos casos inviabilizando a gestão administrativa das unidades. E, as outras duas respostas, “comportamento de algumas colegas” e “maneira que é tratada por algumas colegas”, refletem aquilo que considero inevitável numa relação coletiva de pessoas com suas individualidades e experiências.

Desse modo, mediante as respostas relacionadas às percepções sobre o programa de extensão, em uma avaliação geral, posso afirmar que as idosas / colaboradoras dispõem de todas as condições necessárias para narrar as suas experiências de vida, e estas mesmas biografias permitem conhecer o perfil de quem frequenta a UATI e compreender o que é ser pessoa idosa no Brasil contemporâneo.

Entretanto, sobre as narrativas (auto)biográficas das alunas da UATI, em Serrinha, entendo que toda pessoa / sujeito tem histórias para contar. Da infância, a pré-adolescência, a adolescência, a juventude, as paixões arrebatadoras e os amores na versão fraternal, filial, maternal e conjugal, a fase adulta, a profissão e a velhice, se constituem no tempo presente em experiências, os sonhos que se foram e vieram, as conquistas ao longo da vida, as expressões identitárias, podem fazer o exercício de narrar as suas (auto)biografias e territorialidades.

Neste item, apresento as narrativas auto(bio)gráficas das idosas colaboradoras da pesquisa na forma escrita, mediante a transcrição fiel do que as elas revelaram, visto que:

A escrita da narrativa parte de reflexões construídas pelos sujeitos sobre o sentido de sua vida, suas aprendizagens, suas experiências. Por isso, aproxima o ator de si através do ato de lembrar e narrar sua própria história,

remetendo-o às recordações-referências e às experiências formadoras (SOUZA, 2006, p. 120-121).

Não foi uma tarefa fácil selecionar as narrativas auto(bio)gráficas das idosas / alunas da UATI para esta escrita, devido à riqueza de experiências, lembranças, dores, crenças e histórias que refletem as geo(bio)travessias (OLIVEIRA, 2017). Revelar tudo isso, utilizando a análise compreensiva interpretativa, requer um cuidado ético com as histórias de vida, também entendidas como biografias, forjadas na relação de confiança entre as biografadas / narradoras, mediadas pelo biógrafo / investigador.

Nem todos gostam de relatar os seus traumas, suas dores, dissabores, fracassos e demais ações que resultaram em noites sem dormir, choros contidos e tristezas incontidas, podendo vir à tona mesmo quando superadas ou silenciadas até o último suspiro de vida. Segundo Souza (2006), são singularidades e autenticidades de cada sujeito no processo de rememoração as quais revelam escolhas políticas dos sentidos e particularidades dos contextos vividos por cada um no recorte espaço-tempo.

Evidenciar as narrativas (auto)biográficas dessas idosas significa, antes de tudo, esclarecer que o investigador não ocupa uma posição hierárquica em relação a idosas que narram, e sim, mediar as revelações de experiências, vivências, tramas, dores, alegrias e conquistas individuais que perpassam e refletem as temporalidades coletivas de gerações que outrora foram crianças, adolescentes, jovens adultas e atualmente idosas num contexto geográfico, tanto local quanto regional, nacional e global.

Essas narrativas foram interpretadas a partir da análise compreensiva-interpretativa, inspirando-me a estabelecer relações entre o objeto e os processos de investigação por se tratar de uma pesquisa que lida com as histórias de vida, onde estas apresentam diversidades de vida e revelam, em muito, o conhecimento de si, mesmo ciente das regularidades e irregularidades das narrativas orais, assim como apontado por Souza (2014). A análise compreensiva-interpretativa parte das singularidades das histórias e experiências de vida individuais, sendo elas coletivas e vinculadas a tempo-espaço determinados.

A seguir, apresentarei as narrativas das alunas da UATI em Serrinha<sup>45</sup> carinhosamente apelidadas de Dadá, Naná, Mari, Ligi, Lili e Sol, em cumprimentos das normas de pesquisa com seres humanos, estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O tempo médio dos encontros presenciais (devido a impossibilidade do formato virtual ou remoto pela dificuldade do manuseio e previamente agendados) com essas idosas gentis, acolhedoras e solícitas, é de uma hora e meia considerando a saudação e cumprimentos, do mesmo modo, a leitura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE), o questionário sociodemográfico preenchido pelo pesquisador, a entrevista narrativa por meio da consigna e as minhas intervenções, conforme os eixos temáticos, amenidades e até a despedida.

São histórias de vida (gravadas em áudio, utilizando recurso de gravador do celular e transcritas na sua integridade, utilizando programas e *sites* de computador especializados nessa tarefa), que simbolizam verdadeiras sagas pessoais de mulheres<sup>46</sup> com seus dramas, dores, conquistas, alegrias, realizações, pertencimento a UATI e identificação com a UNEB, evidenciando as expressões identitárias concebidas e percebidas em suas narrativas. Em cada fragmento das biografadas uma breve contribuição para fins de contextualização e diálogo com os saberes difusos, o ser idosa nos tempos atuais e a relação entre as Geografia e a (auto)biografia.

### **6.1. Dadá: narrativas e territorialidades de uma dona do lar**

A territorialidade é utilizada em relacionamentos cotidianos e em organizações complexas. (SACK, 2011, p. 63).

Uma das formas de compreender a territorialidade é observar a forma de relacionamento que os sujeitos e agentes sociais (Estado, organizações e grupos) estabelecem no território. Essa compreensão reforça o papel da Geografia enquanto uma ciência que toma como ponto de partida a vida, a realidade e a concretude da

---

<sup>45</sup> As narrativas (auto)biográficas das alunas da UATI de Serrinha foram tratadas individualmente, conforme inspirado em Bosi (1994) que trata no capítulo terceiro as lembranças de Dona Alice, Senhor Amadeu, Ariosto, Abel, dentre outros. Vale salientar que as narrativas foram coletadas em um único momento e o acesso a estas idosas ocorreu pelo fato de coordenador da UATI em Serrinha e conhecê-las pessoalmente.

<sup>46</sup> A escolha das colaboradoras do gênero feminino nesta pesquisa reflete a presença majoritária e predominante de mulheres nas UATI's dos *Campi* da UNEB, apesar da forte presença dos homens nas vidas das idosas.

sociedade.

E a narrativa auto(biográfica) da colaboradora da pesquisa, Dadá (Imagem 10), tem 82 anos, viúva, dois filhos, pensionista e moradora do município de Água Fria, contribui para análise geográfica da territorialidade. Ela mora sozinha, tem o Ensino Fundamental II completo e há nove anos frequenta a UATI em Serrinha. O meio de transporte utilizado para se deslocar até o local dos encontros é o transporte escolar da Prefeitura Municipal de Água Fria.

Sua principal ocupação é ser dona de casa, ou do lar, conforme preceitua a legislação trabalhista e previdenciária por parte do INSS. Sobre essa atividade, entendo que é exercido no próprio lar e sem remuneração; ao contrário da empregada doméstica que trabalha prestando serviço diariamente, com determinada carga horária, em residência de terceiro, com carteira assinada e, portanto, amparada pela previdência social.

Imagem 11 – Dadá - 2023



Fonte: Arquivo da colaboradora, cedido para a pesquisa, 2023<sup>47</sup>

Em ambas as atividades exercidas no Brasil, persiste condições precárias (subremuneração, pouca segurança, jornada de trabalho exaustiva, assédio,

---

<sup>47</sup> Esclareço que as imagens foram cedidas pelas estudantes / colaboradoras / biografadas da pesquisa e não houve por parte do pesquisador critérios para o envio das mesmas. Portanto, as imagens podem refletir inúmeras subjetividades como vaidade, melhor ângulo, dentre outros.

descriminação, em alguns casos trabalho análogo a escravidão) que refletem com mais perversidade entre as mulheres, maioria absoluta se comparada aos homens e, majoritariamente negras, de acordo com Silva e Silva (2021).

Sobre as narrativas, Dadá me confiou relatos e experiências de vida que considero riquíssimas e seu otimismo quanto à própria história de vida, mesmo emocionada, foi contada dessa forma:

*Eu fui criada por meu pai porque quando minha mãe morreu, falaram que eu era menina ainda, eu lembro dela assim, ela deitada desse lado, era o que eu lembro de minha mãe, ela deitada desse lado, não sei se é da minha mente ou se era mesmo lembrança de criança, ela deitada aqui do lado, só isso que eu lembro que a casa era assim, no alto, aí descia assim tinha um riacho, isso aí ela viva, né, quando ela morreu, que meu pai me trouxe isso, em Barra do Rocha<sup>48</sup>, que foi onde eu nasci, quando meu pai foi me buscar, em Algodão, meu pai morava em Algodão<sup>49</sup>, eu lembro que eu vi num cavalo, montado ali mais meu pai, o rio de Ipiaú, aquele rio cheio de água barrenta, aquela água barrenta, certamente na época dessa, naquela enchente, aquela água barrenta, eu vim pra Algodão. Em Algodão eu fui muito feliz, eu não quero nem me emocionar [nesse momento os olhos estavam marejados], eu fui muito feliz e sou feliz. Meu pai, aí ele tinha casado com essa outra, essa outra também, não, demorou muito, morreu, eu lembro quando ela morreu, foi daquela febre tifóide, muito pior, muita coisa, aquela coisa, então ela morreu logo, não demorou muito. Uma irmã dela foi visitar a mãe, que ela ia embora pra São Paulo, quando ela chegou lá, ela gostou de meu pai, meu pai gostou dela, aí se juntaram, ela ainda viveu muitos anos com o meu pai, muito, muito inteligente, se eu tivesse aprendido as coisas que aquela mulher sabia, então um pedacinho assim, eu era Dona (...), e aí ela morou com meu pai, mas ela era muito ciumenta, muito ciumenta, aí meu pai era muito bonito, meu pai era muito bonito, tinha casa de comércio, meu pai tinha parte, tinha pensão, então ele demorava mais da rua, demorou mesmo sendo perto da casa, mas ela era muito ciumenta. Quando foi pra ela ir embora, meu pai teve que me mandar pra Ipiaú lá pra casa de minha irmã, que era por parte de mãe, e a outra irmã minha foi pra Algodão pra casa do meu tio, porque senão a gente não deixava ela sair, e aí a gente se gostava muito, muito, muito mesmo, muito, muito mesmo [...]* (Dadá, entrevista narrativa, 2023).

A colaboradora Dadá, ao citar os territórios vivenciados da sua infância até a juventude, evidenciam as territorialidades praticadas e revelam mudanças drásticas que refletem na sua experiência de vida, fruto dos relacionamentos vividos pelo seu pai. Esse fragmento da narrativa recordou-me Bosi (1994), a qual, ao levantar uma tese para a hipótese psicossocial da memória, enfatiza o estudo das lembranças da pessoa idosa onde se verifica uma história social bem desenvolvida, por terem atravessado “[...] um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural

<sup>48</sup> Cidade do Estado da Bahia localizada na Mesorregião do Sul Baiano e da Microrregião de Ilhéus-Itabuna.

<sup>49</sup> Algodão é uma comunidade rural pertencente ao município de Ibirataia, Bahia, localizada na Mesorregião Sul Baiano e Microrregião Ilhéus-Itabuna.

igualmente reconhecíveis [...]” (BOSI, 1994, p. 60). Por outro lado, o seu período colegial / estudantil, foi-me narrado da seguinte forma:

*[...] então, aí quando eu fui pra lá, pra Ipiáú, que eu fiquei lá um tempo, outra coisa linda da minha vida, lá eu ensinei aquele povo do MOBREAL<sup>50</sup>, tinha o negócio do MOBREAL, ensinei lá em Ipiáú, era a Baixa Alegre, fazenda de Marciano Barreto, é a fazenda muito boa, então ensinei lá, depois vim embora pra casa de meus pais, novamente cá em, quando a filhinha foi embora, já era Gandú, é tanto que eu vim de Algodão pra Gandú, mas a minha idade era de 12 anos. Então em Algodão, quando a minha madrastra morreu, que ainda ficou um bom tempo em Algodão, aí eu fui, eu tenho muita saudade de minha professora, muita saudade, uma chamava de Idalina, ela vinha de Salvador pra Algodão, pra ensinar lá, e ensinava, logo quando o começo era num lugar, uma igreja batista, uma sala da igreja batista, da Idalina, o nome dela, e a outra, Cadige, eu tenho pra mim que era Cadige Bagdá e outra professora, teve Beatriz, essa professora Beatriz, aí um dia de sexta-feira, tinha sabatina naquele tempo, né, aí a sabatina de matemática, eu amo matemática, mas esse dia a tabuada me pegou, eu peguei a tabuada errada, aí eu não passei, eu fiquei de castigo, um dia de sexta-feira, era na casa da professora, enquanto a professora entrou lá mais o filho, eu saltei a janela e vim embora sexta-feira, quando segunda-feira, quando eu cheguei na casa dela, ó, aqui eu também tomava bolo, aí tomei bolo da professora, passou esse período, depois vem outra professora que foi justamente aí, já a gente já foi estudar numa escola, nessa escola, quando era sete setembro, que era do público, ia marchar, não sei o que lá na cidade. [...]* (Dadá, entrevista narrativa, 2023).

Chamou-me a atenção, nesse fragmento da narrativa de Dadá, a citação do MOBREAL - um programa educacional<sup>51</sup> da Ditadura Militar (1964 a 1985) que desempenhou um papel de destaque na alfabetização de jovens e adultos. Além disso, relatou a forma um tanto improvisada do ensino no espaço rural e em cidades pequenas, feita em residência de figuras políticas locais, igrejas, templos e galpões. A presença de professoras, nesse processo, era escasso e despertava um sentimento de afeto e respeito - daí a lembrança ser marcante na cidade de Dadá.

---

<sup>50</sup> Sabe-se, porém, que as iniciativas de “alfabetização em massa” que se instituiu no país, principalmente na década de 1970, das quais o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi o mais conhecido, estiveram carregadas de uma forte orientação político-ideológica, que se centrava na legitimação da ordem social instituída, fundada na “ditadura do grande capital”, utilizando as palavras de Ianni (1981). O estudo desenvolvido por Paiva (2003) mostra que, nessas ações de alfabetização empreendidas pelo MOBREAL difundia-se entre os alunos uma ideologia de responsabilização pessoal pelo sucesso ou fracasso escolar obtido. Com isso, a própria condição de analfabetismo passou a ser estigmatizada e vista de forma depreciativa pela sociedade em geral, gerando nos adultos e idosos, não alfabetizados, um sentimento de culpa e vergonha. Além disso, e de forma coerente aos propósitos de controle do governo militar, instituiu-se via MOBREAL, um processo de adestramento e disciplinamento das camadas populares no intuito de incitar nelas o “amor à pátria” e evitar a disseminação, entre elas, das “ideias subversivas” do comunismo/socialismo. (PERES, 2013, p. 16).

<sup>51</sup> A Constituição Federal de 1967 permitiu, por meio de reformas, que instituições privadas recebessem verbas públicas através de bolsas, expandindo-se exponencialmente e diminuindo, conseqüentemente, as verbas destinadas a educação pública.

Essa é uma memória, dentre tantas, que marcaram a infância da colaboradora.

Assim narrou:

*Lá em Algodão, que não é cidade ainda, mas a gente ia pra fazenda, nós íamos pra fazenda, que tinha rio, pra pescar, pra gangorra, que até hoje eu amo a gangorra, aquele negócio de circo, quando eu ia no circo também, que no outro dia, eu tinha que fazer aquela coisa, o trapézio, amo um trapézio até hoje, então aquela coisa, tudo beleza em Algodão, brinquei muito em Algodão, fui muito feliz, tive minha infância, muito, muito, muito, muito linda em Algodão, aí em Gandu, nós viemos pregando na época, tinha 12 anos, mas essa época toda, lá em Algodão tomava banho no rio, eu tomava banho no rio, fazia questão de chegar o fim de semana, que era pra lavar a casa, a casa de tijolo, aí lavava a casa, a gente ia pro rio, era mais ou menos lá no muro, através, não, tava até mais perto, aí eu levava aquela lata na cabeça, meu pai falava porque tinha quem fizesse, mas eu gostava sempre de fazer, eu gostava sempre de estar na gandaia, eu ia pro rio, pra tomar banho lá no rio, a água caía, eu engolia piaba pra aprender nadar, [...] lá em Algodão, aí logo eu gostava de trapézio, aí quando eu via do circo, no outro dia eu ia fazer o trapézio, aí quando eu to fazendo o trapézio, nós tínhamos no fundo do quintal a casinha de lenha, lenha, tem um fogão de lenha, então, meu pai comprava os carros de lenha, juntava eu com as amigas, tudo pra gente levar lenha, o fecho de lenha aqui, e chegar lá na casinha pra gente arrumar lá no quintal, [...] essa minha história de vida é muito linda, [...] tá vendo que coisa mais linda? Ave-Maria! Olha como é a minha vida, aí agora foi nessa época, passou, né, foi quando ela foi embora, que meu pai teve que deportar uma pra aqui e outra pra ali pra poder tirar ela de dentro de casa porque a primeira briga feia que eu vi deles, foi muito feia assim, aqui a briga, eu gritei, chorei aquela coisa pra poder não ter mais briga, então ele viu que a gente se gostava muito, teve que tirar de dedicar pra poder ela também embora, ela foi embora, aí eu lá em Ipiaú, isso a gente morava em Algodão, quando eu fui lá pra Ipiaú, a gente morava em Algodão, aí fiquei lá um tempo, aí lá em Algodão, lá em Ipiaú, onde eu fui professora, pescava no Rio de Sexto, de pegar um bocado de peixe, a fazenda muito boa, tinha aquele negócio de alambique, aí tinha aquele carro de boi, que fazia aquela zoada bonita, aquela casa bonita, com aquele carramanchão, e minha outra irmã foi criada por esses fazendeiros, era vizinho dele, foi criada lá quando minha mãe morreu, então, lá eu fiquei até, acredito que foram dois anos, porque quando eu tava com 15 anos, meu pai tinha casado, é tanto que quando ele casou eu tava lá, aí naquele tempo aí naquele tempo pra gente estudar, [...] a gente tinha que fazer um enxoval, e o povo dessa fazenda era o dono do colégio, aí queriam que eu estudasse, mas tinha que fazer enxoval, aí meu pai disse que não podia fazer aquilo ali, porque ele também tava se arrumando pra casar, aí eu sei que o casamento dele com essa outra foi seis meses. [...] Dadá, entrevista narrativa, (2023).*

Esse fragmento apresenta situações do cotidiano de vida de gerações passadas, as quais caracterizam hábitos esquecidos, a exemplo de brincadeiras com gangorra feitos de forma artesanal, o papel do circo como uma das principais formas de lazer, entretenimento e cultura; as comidas feitas no fogão a lenha com seus cheiros e sabores típicos da culinária popular; o banho de rio e lago e os mitos para se aprender a nadar engolindo piaba; as pescarias, enfim, práticas antigas do meio rural e urbano. Essa história de vida narrada pela colaboradora reforça a aplicabilidade do pensamento de Josso (2004), ao definir três níveis de análise /

etapas do trabalho biográfico (nível 1 - evidência do processo de formação; nível 2 - evidência do processo de conhecimento; nível 3 - evidência dos processos de aprendizagem), em que: “A atividade de construção, e por vezes de reconstrução, das experiências de vida que parecem significativas para compreender como e porquê o *eu* se tornou no que ele pensa caracterizá-lo [...]” (JOSSO, 2004, p. 63, *grifo da autora*).

*[...] aí quando ele [pai] casou eu tava lá, aí quando eu vim de lá pra cá, acho que eu tinha 15, porque 15 anos eu fiz na companhia dela, 15 anos eu fiz na companhia dessa última madrasta [...] aí eu fiz 15 anos na companhia dela. Ela me botou pra corte e costura, a crochê, eu ainda tem um pano de crochê até hoje, que foi a mãe dela que já fazia, mas quer dizer que botou mais pra eu me aperfeiçoar. A leitura, não é pra me gabar não, eu sou analfabeta de pai e mãe, mas eu não tenho inveja de quem faz uma leitura boa porque ela me botou pra fazer a leitura, eu não sei escrever com pontuação, sou 'brouca' nisso aí, mas ela me botou pra estudar, aprender nas pontuações com a mãe dela, isso já é minha última madrasta, aprender com a mãe dela, aprender o crochê, o corte e costura, bordados simples, porque desde menina que a gente sabia bordar, bordava aquelas coisas, as calcinhas, tinha um negócio de camisa, tem que fazer as camisas, eram bordada, a calcinha era bordada, a 'nágua'<sup>52</sup>, tudo a gente bordava também, e aí com essa segunda, com essa terceira madrasta, eu aprendi muita coisa também, aprendi muita coisa, quando foi pra me casar, [...] é tanto que eu peço muito Deus pra Ele botar ela num lugar bom, graças a Deus [nesse momento a voz embargou, as lágrimas caíram do rosto de emoção], aí quando foi pra me casar, ela fez meu enxoval, é tanto que ainda tenho coisa do meu enxoval, até hoje, que foi feito pela minha madrasta. Meu pai foi muito bom, meu pai foi um homem de condição, morreu pobre, bem verdade, já veio morrer aqui em Serrinha, mas foi um homem de condição, não tinha 'caninheza' pra nada, quando minha madrasta, essa última, morreu, casou, ela levou uma ama, naquele tempo tinha um negócio de ama, era uma empregada, e não era empregada assim de tudo, porque era uma ama, como que era filha dela. [...] Então, minha história de vida, como eu digo mesmo, muito linda, e continuo afirmando até hoje, me casei, vivi 17 anos, quando eu fiquei viúva, eu já morava aqui, eu vim de Gandu pra aqui, em 1965, eu me casei lá em Gandu e em 60, em 65 a gente veio pra aqui [Serrinha], ele era filho de Santa Luz e viveu aqui em 1977, foi que ele faleceu, aí fiquei viúva, aquela coisa toda... [...] e aí cheguei na UATI e estou aqui. [...]. (Dadá, entrevista narrativa, 2023).*

Dadá narra aspectos que chamam a atenção para esta pesquisa, quanto a sua relação afetiva com o seu pai (a referência masculina), sua madrasta, (acolhedora e mestra das práticas do lar, ensinando-lhe bordado, leitura e escrita) e seu esposo com quem gerou filhos. Isso me despertou para um aspecto do poder transformador das narrativas de vida, voltadas para a formação, sob diferentes papéis da construção e interpretação, onde o ator transforma-se no autor-contador na (auto)biografia, cuja “[...] narração é orientada pela reconstituição do que as pessoas pensam ser experiências significativas (situações, encontros, atividades,

<sup>52</sup> Saia que se veste debaixo do vestido; anágua.

acontecimentos) para explicar e compreender o que, hoje, elas se tornaram [...]” (JOSSO, 2004, p. 148).

Outro aspecto solicitado à colaboradora Dadá foi que narrasse a sua relação com a UATI e a UNEB em Serrinha e obtive o seguinte:

*Eu cheguei até UATI, eu não me lembro bem o ano, porque tem 9 anos, [...] 2013 por aí? [...]. Então, foi justamente quando cheguei na UATI. Então, vim indicada por Edil, que foi Edil que me indicou. Assim que ela falou, eu procurei logo aqui e me matriculei. [...] eu amo a UATI. Sabe? Eu amo a UATI? Eu já disse tudo. Eu amo isso aqui. Você vê que tanto é que é assim que eu cheguei, procurando logo o retorno. Gosto muito, muito, muito bem. Isso aqui ajuda a gente a viver, Fernando. Ajuda a gente a viver com certeza. Quando eu venho de Água Fria que vem a turma da UNEB, vem a turma de lá da Cidade Nova, né? Que faz o quê? Que tem aquela coisa bonita lá que a Cidade Nova, tá bonita né? Todo estudante parece que vai pra lá. Aí eu venho no carro assim, eu me sinto a tal. Digo, somente eu aqui da UATI. E no meio delas eu venho de lá, né? Tinha uma estudante que fazia um estágio aqui. Aí eu venho como eu vinha pra UATI... E eu digo, graças a Deus, até que eu achei alguém que vem de Água Fria pra lá pra UNEB. [...] Enfim, eu ficava em casa só fazendo crochê, tricô e vir para a igreja. Que graças a Deus já canto muito em minha igreja. Graças a Deus. Seria? Antes de conhecer a UATI era justamente isso que eu fazia. (Dadá, entrevista narrativa, 2023).*

Analisando esse relato, o primeiro aspecto que identifico sobre como as idosas ingressam na UATI é a divulgação entre as estudantes que já participam do programa para outras idosas de seu vínculo, tornando a iniciativa conhecida. O outro aspecto é o sentimento que as estudantes manifestam pela UATI como um espaço privilegiado pertencente a elas e, a partir de um olhar geográfico, percebo que o programa reflete territorialidades onde a UNEB se torna um território para as idosas estudantes. E o terceiro aspecto é a alegria manifestada em estar presente e em meio a estudantes jovens que frequentam a academia, sendo, pois, uma forma de pertencimento, inclusão e uma expressão identitária destas que foram alijadas ou excluídas do processo educativo em vários sentidos. Relaciono isso a Bosi (1994, p. 80), ao reconhecer que “durante a velhice deveríamos estar ainda mais engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo [...]”. Entendo que a UATI é uma forma de engajamento / causa que ajuda a pessoa idosa a transcender na sua vivência com o tempo-espaço geográfico.

E sobre expressões identitárias, diante de tantas territorialidades praticadas, a dúvida, após a narrativa, era saber qual cidade despertava mais identificação na colaboradora, cuja resposta revelou:

*A que eu tenho mais identificação é Serrinha. Eu amo Serrinha. Mesmo sendo uma cidade bonita e porca, ôh “cidadinha” que ainda não teve um administrador bom! Mas eu amo Serrinha. Agora o povo de Ipiaú me acolhe de uma tal maneira, Fernando. Se eu disser assim, gente, eu estou precisando demorar aí... Ele vem logo me acolhendo. Então, o povo de Ipiaú me acolhe muito bem. [...] Então, lá em Ipiaú, eu sou muito, mas é muito, muito, muito querida. Sou muito querida lá em Ipiaú. Graças a Deus, né? Lá em Ipiaú eu sou muito querida mesmo. Não vou dizer que aqui em Serrinha não seja. Tá entendendo? Não vou dizer que não seja. Mas aqui é contato. E lá não. Lá em Ipiaú é cidade. Eu sou acolhida lá por todos. É tanto que a minha maioria aqui de contato é mais o povo de lá. Sou muito acolhida lá em Ipiaú. Muito, muito, muito, mesmo. Mas como eu estou em Serrinha e minha neta está aqui, eu disse que era o que não queira quem vai cuidar de minha neta tá aqui. [...] (Dadá, entrevista narrativa, 2023).*

Dadá fornece um entendimento peculiar sobre qual município possui mais identificação, atrelando-a ao fato de ser acolhida enquanto sociabilidade territorial. É o que preceitua Portugal e Oliveira (2022, p. 145), ao dizerem que “a forma com a qual as pessoas narram sobre si mesmos a partir do seu espaço de vida e pensam o lugar a partir das suas histórias compõe o enredo das suas geo(bio)grafias”. Concebo o lugar como uma porção espacial em que os indivíduos desenvolvem uma relação de afeto e, conseqüentemente, o sentimento de pertencimento e identificação no sentido de haver uma identidade com esse mesmo lugar geográfico.

Outra dúvida que emergiu nas entrevistas narrativas era se ser idosa se constituía numa forma de expressão identitária. Assim manifestou a colaboradora:

*[...] Dou um maior valor à minha vida porque eu me olho assim, ó Fernando. Tem gente assim que tá mais pelancuda que eu, né? Tem gente mais nova do que eu que tá com a coluna pior do que a minha. Então, eu faço tudo, né? [...] Eu gosto muito de mim. Eu sou uma pobre, não das graças de Deus. Mas sou uma pobre assim [...] (Dadá, entrevista narrativa, 2023).*

Ao narrar sobre sua condição de ser mulher idosa, Dadá Despertou em mim reflexões sobre o ser idoso, estando a mesma associada ao processo de envelhecimento e como a sociedade reage a tais concepções apesar das contradições e paradoxos vividos na contemporaneidade. Por isso, concordo que “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice.” (BOSI, 1994, p. 77). Assim, ser, no sentido de se identificar como idoso, é um estado permanente de luta.

## 6.2. Naná, narrativas e territorialidades de uma doméstica

Nós devemos conhecer não somente o que a territorialidade é, mas o que ela faz. E é principalmente aí que reside o valor de uma definição: ajudar a indicar os importantes efeitos de um fenômeno. (SACK, 2011, p. 75).

Penso que conhecer as territorialidades é uma forma bastante eficaz de desvendar as tessituras do território em suas múltiplas escalas e funcionalidades, no atual contexto sociopolítico, econômico e cultural de constantes transformações. Por isso escolhi Naná (Imagem 11), 74 anos de idade; católica, viúva, que mora com duas filhas; pensionista, doméstica e aluna da UATI em Serrinha para narrar a sua história. Ela frequenta o programa há 10 anos, mais especificamente desde 2011 - um ano após criação do programa.

Imagem 12 – Naná - 2023



Fonte: Arquivo da colaboradora, imagem cedida para a pesquisa, 2023.

Sobre a sua principal ocupação, doméstica, posso mencionar que sua origem, conforme investigação de fontes levantadas por Silva, Araújo *et al* (2017), provêm, do período escravocrata que tinha como prática comum alugar ou vender escravos para trabalhos domésticos. Os autores citam fontes em que o termo ‘alugado’ designava o empregado doméstico e mesmo após o fim da escravidão no Brasil, em

1888, estes mesmos trabalhadores que realizavam atividades domésticas eram comparados a escravos.

Trata-se, com base nessas autoras, em uma prática que ainda carrega consigo a desigualdade, a humilhação, o preconceito e a desvalorização. Mesmo assim, quando me deparei com a narrativa de Naná, noto uma superação na trajetória de vida dessa colaboradora, narrada dessa maneira:

*Tá, é, sou baiana, tenho 74 anos, sou viúva atualmente, mas sou natural de Ichu-BA, que era município de Riachão de Jacuípe, a gente tinha muita dificuldade por não ter professor por perto, eu fui filha sem pai, sem mãe, meus pais faleceram, eu fiquei [órfã] muito pequena, fui criada pelos meus tios, não tive acesso à escola, não estudei, me casei com 17 anos, na minha cabeça eu pensava, não pode ser pior o casamento mesmo na minha pouca idade do que viver nas casas das pessoas. Os meus tios que me criaram, era só pra eu trabalhar, não me ensinaram nada, a educação que eu tenho hoje é minha, da minha natureza. Uma vez conversando com uma professora, eu falei a ela que a minha vida era assim, eu estava chorando por dentro e rindo pra poder ter um meio de sobreviver porque era dessa forma que eu tinha que viver. Aí me casei, encontrei um marido, um irmão, um amigo, tive 7 filhos, graças a meu bom Deus, todos são maravilhosos, todos são hoje pai de família, todo mundo bem, graças a meu bom Deus. Então, eu não tenho de que me queixar, mas é aquela história de vida, de dona de casa, que a gente só ali envelhece e fica ali, sendo uma empregada de luxo (risos), da família [...]. (Naná, entrevista narrativa, 2023).*

Com base nesse fragmento da narrativa de Naná, compreendo que um dos principais meios utilizados pelos sujeitos no ato de narrar a sua trajetória de vida, desvelando suas subjetividades, é recorrendo à memória. E vale mencionar que a memória, de acordo com Bosi (1994), exerce também uma função social porque “é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido” (BOSI, 1994, p. 81). Se aquele momento vivo pela colaboradora da pesquisa representava dor, sofrimento e incerteza, atualmente se revela como um sentimento superado. Essa mesma situação se aplica a questão dos estudos, necessariamente compreender que foi excluída do ato da aprendizagem formal em sua vida, assim relatado:

*[Os meus primos] estudavam em casa e eu ali eu era a empregada, você tá entendendo? Senão eu ia ajudar a mulher dele nas coisas. Buscar a água do tanque, encher os potes de água desse tamanho pra beber que me obrigou primeiro, que sabia que ele ia varrer terreiro e lavar os pratos e o pai dizendo que eu não tinha direito, que o filho dele tem que estudar. E quando alguém perguntava para ela porque que eu pela manhã, na hora do horário das aulas, porque eu também não estava estudando e a dizer assim que não, que eu tinha que ajudar, que era da época, ela só tinha uma professora dedicada. Eu não sabia nem abrir um livro, eu não sabia o que era aquilo ali, mas mesmo assim falando, eu escutava a professora falando. Aí eu fui*

*juntando e sabia qual é a equação a qual era a letra, todos do alfabeto, mas eu não sabia juntar por formar uma frase pra formar um nome. Eu vim aprender a escrever o meu nome quando eu fui morar também na casa de uma outra pessoa, uma menina e uns meninos escreviam lá e tal, eu ficava vendo. Eu acho que eu fui aprendendo a juntar as letras do meu nome e formar o meu nome, mas fui aprendendo devagarzinho, tanto que eu tenho muita dificuldade. Não vou dizer a você que eu não tenho tendo dificuldade em ler, dificuldade em escrever não se fala, eu até leio, mas escrever, escrever pra mim é difícil. Você escreve muito pouco, muito pouco. O escritor sabe qual é o talento. Você escreve com S, com Z, com X e isso é complicado. É difícil porque eu não estudei na época certa e aí casei também. Foi um processo de tranquilidade ter meu espaço. Mas é aquela história ou você vivia bem com o que você escolheu para viver ou você ia realizar seu sonho. Do que adiantava eu ir realizar meu sonho e ficar brigando, brigando, brigando, não tinha lógica, eu é que já sou assim mesmo. Paciência. Fazer o quê? Não o convenci meu marido que eu ia aprender uma coisa que eu desejava que a mãe dele morava ali junto. Minha vida era essa. Cada escolha que nós fizemos a minha vida foi essa, mas nunca deixei me abater e não estou sempre junto com o João. Dizia assim meu marido dizia só vai pra cinema pra quem não sabe ler não. Não vejo, não enxergo e vou saber da história. Não quero ver é o povo e até hoje. Não, não, não, não. Te juro, não dá tempo. Lê muito rápido pra quem soletra eu quero mesmo é o soletrando. Eu pego a Bíblia para ler os salmos e meus textos. É só ler a edição da edição e só até eu entender o que é aquele trecho mas você vendo, mas ele não lê. Entendo também é uma harmonia. Aí eu vou fazendo e volto pra sala de casa. Fazer as coisas pelo mundo, conhecer as coisas. E, tanto que esses meus primos que estou falando só ela, só a menina se formou porque depois ele botou eles no eixo. Aí o político da época, ele, o prefeito perdeu, o partido dele, perdeu a eleição. Aí a primeira providência do prefeito novo que entrou foi tirar a professora. A primeira providência, porque sabia que ele era cabo eleitoral do outro partido. Tirou a professora. (Naná, entrevista narrativa, 2023).*

A trajetória de vida de Naná me chamou a atenção pelo aspecto de ter perdido o pai e a mãe ainda criança e demonstrar um sentimento de superação perante uma situação de vida que lhe privou dos estudos, do brincar em substituição a uma rotina de doméstica; o que me induz a inferir que “[...] a condição social de inferioridade dessas mulheres diz respeito não apenas ao fato de serem trabalhadoras domésticas, mas também à própria condição de gênero [...]” (TEIXEIRA, SARAIVA, CARRIERI, 2015, p. 163). Foi a mesma sensação que tive quando Bosi (1994) enfatiza um relato do seu ‘objeto de pesquisa’, D Jovina onde, em dado momento da perda do pai e a recusa da mãe em cumprir os ritos e obrigações de viúva, comentava com suas irmãs: “[...] ‘Deus me livre do amor materno das outras mães’. Porque elas para defenderem as filhas não tem caridade com as filhas dos outros [...]”. (BOSI, 1994, p. 428).

Esse drama me impactou ainda mais ao continuar com a sua narrativa:

*Eu me sinto tão cidadã Serrinhense, como eu não tinha registro, minha família, meus tios, não me registraram porque nenhum deles queria ter a responsabilidade de cuidar de uma criança de 8 anos. Eu fiquei assim*

*convivendo na casa dos meus tios, não fiquei só em uma casa. Era assim, um tio precisava de alguém, eu ia, o outro precisava, também eu ia. Então, assim, eu vivi pra trabalhar, eu vivia de servir aos meus tios, a minha família. [...] Mas eu não respondia porque, como eu já falei, eu precisava viver com eles, Fernando. Eu não, eu ficava quieta, não respondia. Mas vendo a minha cabeça, eu pensava assim, no meu coração, eu falava assim, não pode ser pior um casamento, não pode ser pior do que eu conviver com essa família, toda de tio, de primo, de família. Eu e ele, a família que a gente criar. Aí me casei, vim pra Serrinha. Aqui eu tive muita vontade de estudar, mas não consegui porque vim, também, morar na casa da minha sogra. E, até então, ela dizia pra o meu marido, pra o filho dela, assim, ah, a mulher, ainda me matriculei, mas ela dizia, aí, assim, ah, a mulher casada vai estudar pra quê? Vai arrumar um namorado no colégio. E ele, assim, mais velho, ele botou isso na cabeça e ficava, ah, estudar pra quê? Então, eu também não sou formada, você não é? Fiquei, como eu já falei, eu aceitava as coisas pra poder sobreviver. [...] eu falei, vamos, vamos tentar conseguir um espaço só nosso. Aí vimos pra aqui, ele não quis sair de perto da mãe, comprou aqui na rua mesmo pertinho, pra ficar pertinho da mãe. Eu aceitei, mas era o meu espaço. Vim e aí foi tendo os filhos, o filho pequeno, tal, não tinha como mesmo, não tinha recurso pra pagar a empregada pra ficar, sempre tinha alguém pra me ajudar, mas pessoas também carentes, que eu trazia da roça pra cá, pra também ajudar. Então, é, foi essa a minha mudança de Ichu-BA pra cá, foi dessa forma. Encarei numa boa, não deixei inimizade, sou amiga de todo mundo lá. Eles fazem questão que eu vá visitar. Minha mudança de vida de Ichu pra cá foi exatamente com 17 anos. Me casei com 17 anos, me casei também só na igreja, porque sempre fui religiosa, sempre rezei, pedi a Deus. [...]. (Naná, entrevista narrativa, 2023).*

Chamou-me a atenção a relação cruel, amplamente apontada por órgãos governamentais, dos indicadores socioeconômicos e pesquisas acadêmicas, entre trabalho infanto-juvenil, por meio da exploração da mão de obra e, em alguns casos, análogo à escravidão, evasão escolar e, conseqüente, baixa escolaridade e analfabetismo, refletindo em salários mais baixos.

A exemplo das demais colaboradoras, Naná, o seu núcleo familiar, criou seus filhos e enfrentou muitas situações que lhe marcou muito até chegar a UATI:

*[...] a minha trajetória de vida aqui em Serrinha é essa, e a UATI, quando eu fui participar da UATI, é assim, é o que eu digo, é tudo, porque é o espaço que a gente tem para brincar, para extravasar, a igreja é mais uma coisa de silêncio, mas a UATI não, a UATI é um espaço que dentro do contexto da UATI, nós idosos podemos fazer o que a gente quer, a gente canta, a gente dança, a gente brinca, faz tudo, a gente desenha do jeito que a gente sabe, a gente pula corda, a gente faz tudo que pode, né [risos], então, assim. E a UNEB, quando teve o curso de letramento, que a moça foi lá escolher 4 pessoas que fossem praticamente analfabetas, então eu me incluí, no dia que eu coloquei aquela farda, eu me senti uma criança porque eu não sabia o que era uma sala de aula, para mim a UATI não é uma escola, a UATI é uma lição de vida, é um convívio que você tem, mas já na UNEB não, a UNEB era uma sala de aula, menino, quando eu subi aquelas escadas, que eu me olhei com aquela farda, meu Deus, quando eu entrei na sala, eu falei para a professora Zoraya, assim, do tamanho da alegria que estava dentro de mim porque ela, mas você nunca foi na sala de aula? Não, a primeira vez que eu entro na sala de aula é hoje como aluna de uma escola, é hoje, ela ficou assim, pode deixar que a gente vai ensinar direitinho, mas aí veio a*

*pandemia porque lá foi bem, já bem mais tarde, a UATI. [...] eu sou ciumenta, quando eu vejo alguém falar assim, ah, isso aqui da UATI, não, minha filha, a gente está aqui desde o início, eu me sinto assim, eu nem sei como explicar, mas eu me sinto, não é dona da UATI, é lógico que não, mas, assim, o lugar que eu me sinto bem, eu me sinto parceira da UATI, de dar o que for preciso para continuar. (Naná, entrevista narrativa, 2023).*

A inserção de Naná na UATI em Serrinha, com base nessa narrativa, possibilita ressignificar os seus saberes aprendendo de forma contínua. Por isso que “[...] aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas.” (JOSSO, 2004, p. 39). Noto que essa aprendizagem, para as alunas da UATI, é reafirmada por ser algo inesgotável, constante e simbólico, sendo pois, um meio eficaz de perceber as expressões identitárias já existentes e recém tecidas ao afirmar que são nordestinas, idosas, unebianas e uatianas.

E a forma que ingressam na UATI são motivadas por particularidades e subjetividades bastante comuns, a exemplo de uma depressão, um trauma da viuvez, ficarem órfãs em perder filhos e entes queridos, a solidão do lar, o afastamentos dos filhos gerando a chamada ‘síndrome do ninho vazio’ e outros. Com Naná não foi diferente.

*Mas, então, veio o infarto do meu esposo. Aí eu fiquei muito pra baixo, muito triste, a minha filha descobriu a UATI, aí me falou, mas eu assim, revoltada naquela fase, eu falei assim, ah, vou nada, vou só pro meio de velho, só ver velho, mas resolvi ir porque Fernando, o senhor Fernando Nunes, esse Aprendi uma boa convivência com outras pessoas, além de só os filhos. Hoje eu tenho grandes amigas conquistadas lá na UATI, a gente faz nossas festinhas, nossos almoços [...] é maravilhoso. Fernando nos dá todo apoio, nos dá liberdade de fazer lá dentro do contexto que é a UATI, aquilo que nos satisfaz, as nossas festas, até planta, plantinhas, assim, jardim, a gente faz na UATI, junto com os nossos professores. A UATI é tudo de bom. Eu me sinto muito bem, não pretendo me afastar, enquanto existir UATI, em Serrinha e eu tiver forças pra ir, tô lá. Irei sempre em tudo que tiver, eu participo. Quando eu fui para o UATI, eu fui justamente por essa dor, que eu estava só de minha casa, não tinha como superar, tudo eu chorava, tudo me lembrava aquele momento, quando a minha filha falou que eu fui, mas eu fui para encontrar, eu fui para encontrar Fernando Nunes lá, só encontrei Violeta, mas quando eu me matriculei, que realmente começou, então, cada um contou sua história lá, quando pediram pra gente se apresentar e eu falei da minha história, encontrei força nos amigos, você, que está sempre a mim, por mim, então, eu senti em você, porque você vê que quando eu estava tão longe, a primeira pessoa que eu liguei foi para você, não liguei para a filha, ninguém para ninguém. Então, assim, na UATI, cada um também com seus problemas e a gente foi, eu fui superando, superando, e dou graça a Deus, eu sigo minha vida e não dá para ficar sem a UATI, não, de jeito nenhum. (Naná, entrevista narrativa, 2023).*

Isso fez-me inferir, com base no filósofo Francis Bacon - fundador do método indutivo de investigação científica - ao comparar a Antigüidade com os idosos, o seguinte: “[...] assim como de um ancião, podemos esperar muito mais conhecimento das coisas humanas e maior maturidade de juízo do que de um jovem — pela experiência e pelo grande número de coisas que viu, ouviu e pensou [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 62). Trata-se de uma percepção de quem convive e lida com pessoas idosas através da UATI em Serrinha-BA, visto que, o seu papel, enquanto projeto social e extensionista é ser um espaço onde há a construção e ressignificação das expressões identitárias das participantes do referido programa cuja territorialidade, mediada pelos usos e apropriações (em consonância com Saquet (2015) denota a sua importância para a vida das idosas / estudantes.

### **6.3. Mari: narrativas e territorialidades de uma trabalhadora rural**

Territorialidade é uma estratégia para estabelecer diferentes níveis de acesso a pessoas, coisas e relações. (SACK, 2011, p. 78).

No decorrer da vivência com as idosas na UATI em Serrinha, questionava-me se os idosos também exerciam territorialidade e quais seriam estas. E sem saber, demorei para perceber que a presença marcante das idosas na UATI e na UNEB, em seus espaços formativos e coletivos, se constitui em um nível de estratégia de territorialidade e, também, numa expressão identitária.

Foi por isso que escolhi Mari (Imagem 12), moradora do Barro, comunidade rural de Serrinha, Bahia, tem 64 anos de idade, casada, com 8 filhos, já é avó, lavradora rural e frequenta a UATI há 6 anos. Sua história de vida me chamou a atenção pela vivência no contexto rural desde quando nasceu até os dias atuais e sua percepção da realidade.

Imagem 13 – Mari - 2023



Fonte: Arquivo da colaboradora, imagem cedida para a pesquisa, 2023.

Suas histórias de vida refletem a condição de vida das trabalhadoras rurais do Território do Sisal na Bahia, de muita determinação, assim narradas:

*Eu nasci na zona rural, em uma comunidade chamada Retiro. Mas que já fica no município de Ichu-BA porque Retiro, agora, eu não sei explicar, uma parte ficava de Serrinha, outra do município de Ichu. Então, eu não morava no povoado, morava mais adiante do município de Ichu. Mas não era tão longe não. Dava pra ir andando, tranquilo. E vivi mesmo com meus pais, mais uma rural. Trabalhava mesmo na roça com meus pais. Adquirindo um pouco, né? De tudo que a gente plantava pra ajudar a viver que meu pai era assalariado. Só vivia mesmo do que colhia e trabalhava como diarista. E, assim mesmo, nós também trabalhava. Quando ele pegava algum trabalho que podia colocar nós. Ele colocava pra gente já ganhar um dinheirinho. Pra ajudar, pra comprar alguma coisa pra nós mesmos. Eu, todo ano, juntamente com ele fazia as plantações. A gente plantava milho, feijão, abóbora, aipim, batata doce. E aí a gente ia continuava. Quando passava esse período de inverno, a gente já tinha uma área que a gente cultivava. De que ali já tirava alguma coisa. Não foi uma coisa tão boa na questão financeira. Mas pra mim foi ótimo porque aprendi com meus pais. Ele sempre nos levou. (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

Sobre o rural, para além de algo meramente relativo ou vinculado ao campo, Endlich (2010) o concebe como um adjetivo do território que se contrapõe de maneira residual (apesar das limitações conceituais) ao urbano, vinculada às atividades primárias e agropecuárias. E, para Mari, ter nascido em uma família rural, crescido e trabalhado no campo, são características que demarcam a sua identidade, predicados que emergem de sua narrativa com muita força e, no meu

entendimento, se destaca dentre as expressões identitárias concebidas por esta colaboradora.

Um outro aspecto da sua narrativa é a sua relação com a formação educacional relatada da seguinte maneira:

*Teve uns cuidados também em botar nós pra estudar. Era um pouco distante. Era bem distante. Mas a gente ia andando. A gente saía umas 12 e meia. Chegava mais ou menos uma e meia na escola. Era andando. Não tinha transporte. A gente saía de Retiro, que eu não sei se você conhece, de Retiro pra lá. E a gente vinha cá pra próximo de Tanque Grande, pra aprender um pouco do nosso estudo porque antes a gente aprendeu um pouquinho lá mesmo na comunidade de Retiro. Só que quando a gente foi passando assim do primário, que já foi tão área mais alta como de segunda, terceira em diante, a professora que trabalhava não pôde ficar com nós. Aí tivemos que vir pra cá pra essa comunidade de Tanque Grande, mas foi com o apoio de meus pais. Isso pra mim foi muito interessante. A gente trabalhava pela manhã e vinha pra escola pela tarde. No Retiro também não tinha prédio. O pessoal nos ensinava, ou em casa mesmo, ou na igreja. Na igreja católica de lá. E cá também, Tanque Grande era na casa dos pais da professora. Que eles nos ensinavam. Mas pra mim foi muito bom. Não dei mais continuidade não porque meus pais não queriam deixar, mas sim por motivo financeiro porque ele não tinha condições pra alugar uma casa aqui na cidade. Ou mesmo em Ichu porque a gente morava e entre essas duas cidades em Ichu e Serrinha. Então, meus pais não tinham condições de levar nós pra vir pra cá pra ter um estudo maior, mas adiante pagar aluguel, fazer a feira, dar dinheiro, fazer a feira, dá dinheiro pra ficar durante a semana. Transporte também naquela época, quase não tinha. Era um carro durante a semana toda e não tinha com a gente ter transporte próprio mesmo. E não tinha também casa pra ficar. Então acabamos se acomodando com isso. Mas um pouquinho que aprendemos, deu pra gente se sair. Ao menos pra sair de uma rua pra outra, mas isso foi muito importante. Eu me casei com 20 anos. Tenho 8 filhos. Graças a Deus todos já estão crescidos. São as maravilhas na minha vida, minha família, meus filhos, meu esposo também. (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

Ouvir o relato da colaboradora biografada sobre a sua relação com a formação educacional na educação pública, enquanto discente, permite analisar que em meados do Século XX, o município de Serrinha e cidades do Território do Sisal ofertavam apenas o que atualmente equivale aos Anos Iniciais e Ensino Fundamental I, todavia, a dificuldade era ainda maior para moradores das comunidades rurais e trabalhadores do campo, população desprovida de assistência do Estado, a exemplo de transporte, merenda escolar e da inexistência de escolas rurais e programas de EJA, “por isso, o campo não se constituiu historicamente como espaço prioritário para as ações institucionalizadas do Estado, através de diferentes políticas públicas e sociais, e nem de políticas econômicas de desenvolvimento local e regional” (PERES, 2013, p. 19).

Apesar de ter o seu direito à formação educacional inviabilizado, a educação familiar se tornou a sua fortaleza e ela não se afastou do espaço escolar a qual trabalhou, estando vinculada à administração da escola, além do trabalho doméstico e no campo.

*[...] comecei a trabalhar na educação. Que eu trabalhava de merendeira e de serviços gerais. Logo que comecei a trabalhar de contrato, logo veio o concurso público na época de Ferreirinha<sup>53</sup>. Também me envolvi, graças a Deus, que eu fui chamada a continuar trabalhando. E me aposentei em 2018. [...] E eles não me deram uma declaração pra eu me aposentar com todo direito. Não me deu. Eu consegui essa aposentadoria só mesmo, o mínimo, mas não retirei o meu tempo de serviço, mas eu gostava, e ainda gosto, de trabalhar. Até hoje eu ainda trabalho na roça. Planto algumas coisas pra tirar pra ajuntar o salário. E, assim, graças a Deus, eu não tenho o que viver reclamando. [...]. Mas se você não pode mudar, você tem que aceitar. Mas graças a Deus, vivo pra esse meu esposo, meus filhos já tem suas famílias, já tem 11 netinhos, e a minha neta mais velha já vai completar 20 anos. E, graças a Deus, eu me sinto muito bem com a minha vida. E conheci aqui a UATI e me ensinou mais ainda com as outras pessoas da terceira idade, até mesmo com os professores jovens que nos acompanham. [...]. E, pra mim foi excelente porque me ensinou bastante essa UATI, me ensinou a sair só do comodismo doméstico e da roça, me ensinou bastante (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

O fato de continuar trabalhando na velhice demonstra a realidade da trabalhadora rural nordestina e sisaleira que depende de programas federais de transferência de renda; necessita complementar a renda familiar trabalhando na lavoura; depende de aposentadoria especial rural. Mas antes de se aposentar:

Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração ('refúgios') nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de 'servente' (que se atente para as significações que tal significante nos remete) (GONZÁLEZ, 1982, p. 98).

Essa condição de trabalho da mulher negra no Brasil remete, na maioria das vezes, ao subemprego ou informalidade com baixa escolaridade, salário e rendimento que lhe impõe a desigualdade, a pobreza e a baixa qualidade de vida.

E, por outro lado, parte considerável dessas idosas ainda desfruta da convivência familiar, cuja relação afetiva e sanguínea com seus familiares proporciona conforto e segurança. E, perguntada se trocaria a vivência na comunidade rural pela cidade, perfazendo a mobilidade rural-urbana, verificada na atualidade, a resposta foi enérgica e enfática, dizendo:

---

<sup>53</sup> Claudionor Ferreira da Silva Filho, popularmente conhecido como Ferreirinha, é médico e ex-prefeito do município de Serrinha, Bahia. Ele exerceu dois mandatos eletivos nos períodos de 1993 a 1995 e de 2005 a 2008.

*Não, não abro mão não. Vivi a minha vida todinha desde o tempo de criança me criando na zona rural. Passei a morar uns tempo num povoado aos 17 anos, uns 14 anos num povoado chamado Tanque Grande, onde eu me dava bem com todo mundo, gosto mesmo, até hoje ainda marca minha vida que foi lá que tive todos os meus filhos, mas não abro mão de morar na zona rural. E ainda trabalho lá na zona rural, onde eu moro, ainda planto o que eu posso e também dou um quase de tudo pra comer farinha, milho, feijão, abóbora, batata, minha horta com minhas folhas, meus coentros, minhas cebolinhas pra ajudar o salário com o mínimo, né? E gostar também de ter minhas coisas saudáveis, do sossego, do barulho dos passarinhos. Agora os filhos já saem tudo, o barulho, só quando os filhos se juntam. Ou dos passarinhos (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

Entendo, dessa forma, que permanecer vivendo no espaço rural é uma forma de reafirmação de uma das suas principais expressões identitárias - ser rural, ser da roça - mesmo com todas as dificuldades, limitações e desafios existentes. Não obstante, “a vida rural significa uma situação humana em que a sobrevivência só é possível com muito trabalho. O resultado desse trabalho oferece o mínimo necessário para viver.” (ENDLICH, 2010, p. 23).

Entre outras palavras, sentir-se pertencente ao território rural está associado à expressão identitária e, o fragmento da narrativa acima, permite fazer tal constatação. Tanto que a colaboradora / biografada elenca situações que justificam a permanência no rural, seja na alegria de plantar e colher batata, seja no sossego de acordar ao som dos pássaros recebendo frequentemente a visita dos filhos e netos que moram distante, elencando as ações cotidianas subjetivas de quem vive no contexto rural. Nisso, recordo que “a identidade não é uma essência, nem é naturalmente construída, mas sim uma construção histórica e social. A identidade é relacional, seu significado social e cultural é determinado na e pela diferença.” (CRUZ, 2007, p. 31).

Outra expressão identitária que emerge em sua narrativa e extrapola a sua condição fenotípica porque traz a historicidade e a saga de um povo, refere-se a sua negritude.

*Graças a Deus, sou negra com todo prazer, com todo orgulho de ser. Ninguém é melhor que eu e eu não sou melhor que ninguém, mesmo negra. Eu tenho uma amiga que participa comigo no projeto de Zoraia<sup>54</sup> que fala que nós negros é preto só por fora. Por dentro tem suas qualidades, então eu sou uma delas. Eu me sinto muito bem (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

---

<sup>54</sup> Professora do quadro permanente do DEDC/UNEB/Campus XI que desenvolvia projetos de extensão universitária. Atualmente encontra-se aposentada de suas atividades profissionais.

Sua narrativa, vibrante e potente, faz-se recordar a combativa Lélia González ao destacar que “[...] ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão [...]”. (GONZÁLEZ, 1982, p. 97). Pensar a condição da mulher, negra e do Sul global, é refletir sobre suas próprias práticas, problematizando e modificando o ideário de homem hétero, machista e misógeno. Isso nos conduz a um novo agir, ancorado em ações desvinculadas de preconceitos, o que considero fundamental para quem convive e lida com mulheres / idosas, em constante processo de educação permanente.

Em determinado momento da entrevista, tive a curiosidade de saber em quê a UATI ajudou Mari a lidar com vida após começar a frequentar o programa, a lidar com a terceira idade, ser uma pessoa idosa, a se relacionar com outras as idosas/colegas do grupo e sua identificação com a UATI e a UNEB. Assim narrou:

*Eu me sinto mesmo muito feliz na minha terceira idade e juntamente com todos os que participam. Isso me deixa muito feliz, me sinto orgulhosa de participar e de ser da família Uatiana. [...] Não tive a oportunidade de ir mais nova, mas me sinto muito feliz. Aprendi bastante. Até nas aulas com essa modernidade de celular, até isso eu me desenvolvi. Tudo isso foi coisa que fez me ajudar porque em casa os filhos, todo mundo sempre saía e não tinha tempo de parar comigo. E teve coisas que, como teve um dia de alguma aula, que os professores, os coordenadores, nos ajudou a trabalhar mesmo com mandar mensagem, ouvir vídeo, essas coisas. Eu não tenho como ficar parada pesquisando o celular para descobrir tudo. Então, teve coisas que até isso eu aprendi lá na UATI com esse curso de letramento<sup>55</sup>. Foi uma maravilha. Melhorei bastante a minha caligrafia, melhorou bastante a minha forma de conhecer as letras, palavras que, às vezes, escrevia faltando alguma letra, ou às vezes era uma e eu botava outra. Isso aí eu não tenho mais dúvida. Aprendi bastante. Graças a Deus. Estou muito feliz. Muito feliz. [...] Eu sou idosa, com certeza e graças a Deus, pelos anos que eu já vivi até aqui, a única coisa que eu ainda não me habituei foi deixar os cabelos ficar todo branco (risos). Mas assim mesmo eu dou uma pintadinha para fazer uma mudança, lembrar da juventude e só a alegria. O direito a vaidade, né? (risos) Tem que ter isso, pois é, com certeza! (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

Com base nesse relato da colaboradora, entendo que a UATI e a UNEB se apresentam como espaços que potencializam essas expressões identitárias pelo vínculo construído ao longo do tempo de frequência e permanência nesses espaços, visto que: “todo processo de territorialização funciona como sistema de classificação

---

<sup>55</sup> Letramento é o nome do projeto de extensão “Universidade nas Comunidades (UC’S)” que coordenado pela Profa. Dra. Zoraya Maria de Oliveira Marques que era lotada no Colegiado de Pedagogia do Departamento de Educação (DEDC) da UNEB, *Campus XI - Serrinha*, em parceria com a UATI. Esta professora encontra-se aposentada desde abril de 2023.

funcional e simbólica, isso implica a definição de fronteiras e a construção de identidades [...]”. (CRUZ, 2007, p. 31).

Esclareço ainda que os professores e monitores da UATI, no decorrer da realização das oficinas, e com maior ênfase no período da pandemia de Covid-19, dedicam um tempo para auxiliar as idosas em manusear o celular e utilizar aplicativos como o *Whatsapp*®, *Google Meet*®, *Facebook*®, *Instagram*®, dentre outros.

Saber lidar com esse aparato tecnológico, para os idosos, que são de certa forma alijados dessas modernidades, é uma forma de inclusão social e virtualmente no contexto comunicacional. A inserção dos idosos na era digital ainda enfrenta entraves a serem superados e, no contexto familiar, nem sempre os adultos e mais jovens estão dispostos e dispensar tempo e paciência para ensiná-los e orientá-los quanto ao manuseio.

E, por fim, a colaboradora acrescentou, reafirmando as suas expressões identitárias:

*Sou serrinhense, que às vezes tem pessoa que é serrinhense e não gosta de Serrinha. Falo [...] porque sou serrinhense, sempre achei apoio e aconchego na cidade de Serrinha. Trabalhei esse tempo na educação, mas não foi por ninguém que me arrastou e me obrigou, foi Deus que me ajudou com meu pouco de sabedoria, de escolaridade porque consegui vencer os meus meses de trabalho e sou feliz, pois sempre trabalhei e gosto de ser serrinhense, baiana, brasileira, negra, meus 64 anos com todo prazer (Mari, entrevista narrativa, 2023).*

A colaboradora Mari cativa com seu otimismo em viver, sua fé na esperança de dias melhores e contribuições para a existência de idosas uatianas e unebianas que marcam a existência de um programa de extensão potente a exemplo da UATI na UNEB em Serrinha, haja vista que Mari – a colaboradora / biografada / estudante da UATI em Serrinha – não é uma personagem de uma ficção qualquer, mas uma mulher real que exerce territorialidades num contexto de vida concreta, real e cotidiana (HAESBAERT, 2007). E, essa mulher tem como uma de suas expressões identitárias muito bem enfatizadas, o ser negra, trabalhadora rural, uatiana, dentre outras, pois as identidades estão localizadas no tempo e no espaço (HALL, 2006).

#### **6.4. Ligi: narrativas e territorialidades de uma servidora pública**

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas "algo abstrato", num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica,

epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto "imagem" ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural [...] (HAESBAERT, 2007, p. 25)

Pensar a territorialidade sob diversos prismas, sejam eles abstratos, analíticos, empíricos, simbólicos e materiais, nos diversos contextos socioculturais, políticos e econômicos, é dissertar sobre a pujância da epistemológica que ela representa para o território e, conseqüentemente, para a Geografia.

Sob inspiração de Haesbaert (2007), escolhi Ligi (Imagem 13), 78 anos, casada, mãe de dois filhos, aposentada, espírita, moradora do bairro Centro Social Urbano (CSU). Ela frequenta assiduamente a UATI em Serrinha desde o início do programa, em maio de 2012 e, portanto, possui respaldo para narrar a suas experiências vividas e adquiridas no programa voltado para o público idoso.

Imagem 14 – Ligi - 2023



Fonte: Arquivo da colaboradora, imagem cedida para a pesquisa, 2023.

Ligi possui um vocabulário rico e vasto, devido ao estímulo dos seus pais, ainda na infância, em ler livros e a frequência com a escola. Assim narrou:

*Nasci em Serrinha, no dia 20 de setembro de 1944. Venho de uma família de pais comerciantes. Família grandiosa, tive 12 irmãos. Meu pai é o comerciante abastado da cidade. Ele é autodidata. Ele estudou até a quinta série do antigo primário, mas ele lia demais. E pra gente foi fundamental a visão dele sobre educação porque na nossa cidade não tinha luz elétrica, só tinha uma luz na nossa rua Manoel Novais. Tinha luz, um gerador que só ia até nove, dez da noite. Aquela rua era privilegiada porque tinha um gerador.*

*Então, o que a gente fazia? Após o jantar, nós nos reuníamos na sala de estar. Ele tinha muitos livros que gostava de ler. Então, ele distribuía com os filhos. Mandava a gente escolher, e naquele livro, a gente lia um parágrafo ou mais e comentava. Então, era um sarau literário que a gente tinha em casa. Então, foi muito gostoso. Isso foi fundamental na nossa vida porque a gente tomou gosto pela leitura, aprendeu a falar melhor, a se comunicar melhor. E todos nós temos o hábito de ler, devido a isso. Então, enriqueceu o nosso vocabulário e foi um período maravilhoso da nossa formação. Isso fez com que a gente fosse bons alunos, bons estudantes. (Ligi, entrevista narrativa, 2023).*

Os estudos sobre as lembranças das pessoas idosas já é uma realidade presente na ciência, em especial na Psicologia, na Neurociência e na Psiquiatria. A colaboradora Ligi relata um dos eventos mais marcantes de sua vida, evidenciado em suas lembranças, de forma que “[...] nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas [...]” (BOSI, 1994, p. 60). A lembrança, para a pessoa idosa, não é somente uma mera história contada com início, meio e fim, mas algo narrado com a maturidade de quem as viveu, sob um olhar crítico de aceitação e compreensão do que viveu, sentiu e sente na idade idosa.

Ligi viveu a maior parte da sua vida na cidade que é o elemento fundamental da organização do espaço e que revela os interesses e ações da sociedade, de acordo com Sposito (2008). Ainda sobre as cidades “[...] significa que há formas de apropriação dos espaços por diferentes atividades, para diferentes usos e por diferentes sujeitos sociais, dos indivíduos aos grandes conglomerados [...]” (SPOSITO, 2008, p. 15). São as possibilidades e potencialidades que as cidades, na contemporaneidade, oferecem aos sujeitos e agentes sociais que usam e se apropriam dessas expressões do espaço geográfico.

Suas lembranças seguem a mesma tônica no período colegial, narradas dessa maneira:

*Então, tive professores maravilhosos no meu primário. Guardo lembrança da minha primeira professora, professora Anita Freitas. Ela era muito carinhosa. Ela era como se fosse minha segunda mãe. Nos colocava no colo, alisavam os meus cabelos e tive várias professoras. Tínhamos o hábito de, toda semana, assistir o hasteamento da bandeira e declamar uma poesia. Então, eu sabia muitas poesias de Castro Alves, Casemiro de Abreu, José de Alencar porque, toda semana, os alunos eram obrigados a recitar. Então, era um período muito rico da nossa vida. E daí, foi passando os tempos, os estudos nossos, fomos crescendo e fomos para o ginásio Rubem Nogueira, onde foi a minha formação de primeiro grau, que hoje é ofertado o Ensino Fundamental II. Então, no ginásio Rubem Nogueira, tive excelentes professores, maravilhosos. Tínhamos aulas, tinha laboratório de Ciências Biológicas com a professora Eloá. Então, era enriquecedor, a gente sabia manusear os aparelhos, os microscópios. Tínhamos aulas de*

*inglês, professor Sócrates de Passos Coelho, que foi maravilhoso, de matemática, professor Valdir Cerqueira. Tivemos aulas maravilhosas da professora de história, dona Marília Queiroz, excelente professora. Tivemos também uma professora ótima, que substituiu o professor Sócrates, a professora Maju, era Maria José. Ela era esposa de doutor Jader, que era juiz da cidade. E ela fazia coisas lindas no final do ano, tertúlias, seminários. Então, a gente fazia tudo em inglês, fazia as maquetes. Foi um período riquíssimo pra gente, o que fez com que a gente fosse avançando os estudos, Escola Normal de Serrinha, ótimos professores tivemos, muitas recordações boas, fizeram o alicerce da nossa vida. (Ligi, entrevista narrativa, 2023).*

Impressiona-me a riqueza de detalhes e a memória dos nomes dos professores que marcaram a sua vida. Ligi e os idosos, de um modo geral, “[...] já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta [...]”. (BOSI, 1994, p. 60). Apesar da pessoa idosa, os jovens e adultos viverem igualmente o tempo presente, os idosos têm ligeira vantagem sobre os demais por terem vivido o passado numa jornada mais longa sob concepções bastante diferentes da contemporaneidade. A primeira expressão identitária, evidenciado na (auto)biografia de Ligi, o ser professora e secretária escolar, relatada desse modo:

*Daí, nos formamos em Magistério e com 19 anos eu comecei a trabalhar. Foi o primeiro contrato que eu tive do Estado. Comecei a trabalhar, amava meus alunos, todos eles, com carinho, assim como eu tive dos meus professores, eu passei pra eles. Ao longo desses tempos que a gente foi continuando na nossa tarefa, aí eu fui nomeada, já nomeada para a professora primária no grupo escolar Leobino Cardoso Ribeiro, de lá, por seis anos. No Leobino, tive diretores maravilhosos, eu me identificava muito com a profissão, eu gostava de ser professora e eles me amavam também. Tanto quando eu saí de lá, eu recebi cartas deles, de saudades porque quando eu passei para o Colégio Rubem Nogueira, então eu tinha cartas deles, que eles faziam, elogiando e me chamaram até de mãe. E, quando passei para o Colégio Rubem Nogueira, eu fui adjunta secretária, no primeiro lugar, porque me apareceu um problema com as cordas vocais e eu não podia mais lecionar, naquele período. Então, eu passei 12 anos sendo a adjunta secretária, com a minha inesquecível secretária, Dona Dirce [...], que ela foi uma excelente profissional, me ensinou tudo o que eu sei até hoje, de secretaria, pois foi ela quem me ensinou. E lá, quando ela morreu, aí eu fiquei no lugar dela. Eu já sabia que tudo da minha equipe que trabalhava era maravilhosa. Tive diretores maravilhosos como Maria Amélia, que para mim foi a melhor, para mim eu digo todo o dia pra ela. É a minha eterna diretora, Maria Amélia. Então, fizemos vínculos com todos os professores, aí chegou um período em que o governador da época, Valdir Pires, achou que secretário não era mais conveniente, que não era necessário, que os vice-diretores poderiam fazer papel de secretários. E ele cortou todo mundo. Então, o que é que eu fiz? Passei para ensinar, fui obrigada a ensinar, voltar a ensinar, já estava melhor das cordas vocais. Aí fui ensinar Relações Humanas e Ensino Religioso. Nessa época, conheci tantos alunos interessantes. Tive a oportunidade de nas Relações Humanas, de fazer assim, conhecer mais de pertinho a alma daqueles*

*meninos. Tinham meninos perigosos daquela zona ali, do bairro Matadouro, que eram meninos assim, que não tinham formação estrutural, familiar, e por isso, eles vinham com aquela carga negativa para a escola. E aí, foi o meu papel de professora, do papel de mãe, orientadora, conversadora que fez a diferença com muitos deles. (Ligi, entrevista narrativa, 2023).*

Suponho que cada indivíduo tem registrado em suas memórias aquela professora ou aquele professor que cativou e despertou sentimento de admiração, afeto e apreço, pois as “[...] histórias de vida e as narrativas de formação marcam aprendizagens tanto na dimensão pessoal, quanto profissional, e entrecruzam movimentos potencializadores da profissionalização docente [...]” (SOUZA, 2004, p. 309).

*E aí, fui conseguindo muita coisa linda com esses alunos, tanto que eu tive uma experiência comum, chamava-se<sup>56</sup> [...]. Ele era do bairro Matadouro, ele perturbava a sala toda, roubava as canetas dos meninos, os pertences. Então, um dia, eu conversei com este aluno e disse que eu gostaria de conversar um pouco com ele e nessa conversa, eu o conheci, ele se abriu dizendo porque fazia tudo aquilo; era família desestruturada, não tinha base nenhuma. Então, a gente conversou muito, ele me prometeu que ia melhorar. Aí, os anos passaram, eu saí do colégio Rubem Nogueira e aí me aposentei [...]. E um dia, eu vim de Salvador, no ônibus, eu me encontro com este ex-aluno que me deu trabalho na escola, ele era aquele rapaz forte, parecia um armário. Aí, ele disse assim, Pró (...), está lembrado de mim? E, respondi: ‘eu confesso que eu não estou lembrando’, ele era magrinho, aí ele disse eu sou [fulano de tal], aquele que te deu muito trabalho na escola, perturbava os meninos. Hoje eu sou homem de bem viu Pró, hoje eu trabalho, eu sou homem de bem. A Senhora também fez parte dessa minha vida [notei que a colaboradora pausou a narrativa tomada por uma forte emoção e os olhos marejaram]. Teve outro menino que aí eu me emocionei muito, era o Antonio, inteligente, ele tinha um cunhado chamado Carlos. O Carlos era super inteligente, mas não gostava de estudar, mas ele sabia tudo que o professor ensinava. E esse menino, o Antônio, era muito inteligente e passou pelas minhas mãos também. Um belo dia eu recebo um cartão de formatura. Antonio estava concluindo a formação em engenharia, hoje ele atua como engenheiro elétrico. Então, no cartão tem escrito: Professora (...), você fez parte, hoje eu alcancei o sonho da minha vida e você foi parte desse sonho. Mas para mim foi super emocionante, emocionante demais. E, ao longo do tempo, se passaram mais de 20 anos, um dia recebo a visita dele, aqui em casa, e ele já com os cabelos querendo ficar branco, me deu um abraço, eu chorava, ele chorava também [notei que os seus olhos lacrimejaram de emoção], que ele disse que minha presença marcou a vida dele. Então, a minha vida profissional foi muito boa. Eu agradeço a Deus esse amor que eu tinha pelos meus alunos, pelos meus colegas de trabalho. E, aí, no auge disso tudo aí, eu casei, tive filhos, dois filhos maravilhosos, o marido muito bom. Hoje tenho 54 anos de casada, bodas de ouro. Então, a gente vive muito feliz, muito tranquilo. (Ligi, entrevista narrativa, 2023).*

Sabe-se que a formação docente não se encerra na graduação, ela é contínua e significativa. Contínua porque não é estática e requer ações coordenadas e concisas com as novas realidades, desafios e diretrizes educacionais e

---

<sup>56</sup> O nome do estudante deste trecho narrativo foi suprimido para preservar a identidade dele.

significativas porque é transformadora e marcante na vida dos sujeitos com os quais o/a docente se relaciona profissionalmente, pois “[...] as experiências desvendam um outro movimento de compreensão e de trabalho com a formação, visto que o sujeito se forma a partir das experiências que viveu e das aprendizagens que construiu ao longo da vida” (SOUZA, 2004, p. 308).

*E a UATI, na minha vida, foi muito importante porque eu era uma convidada, né? Fui indicada para pertencer ao grupo da UATI. Nós fizemos parte da primeira turma, a primeira turma que foi em 2012. Faz 11 anos, agora vai fazer 11 anos, né? 11 anos que nós estamos lá! Tivemos professores maravilhosos e inesquecíveis, disciplinas que enriqueceram a minha vida, o meu viver e meu saber. Artesanato, aulas de inglês, educação física. Tivemos o professor Ibraim que para mim é inesquecível, nos dando aulas sobre os direitos dos idosos, fazendo com que a gente perdesse a timidez e fosse para UNEB, no auditório da UNEB, desenvolver um trabalho de jogos com os direitos dos idosos. Então, vencemos muitas etapas de timidez e a gente tocou para frente isso com muitos professores. A aula aconteceu esse tempo todo, eu não desisto. Tem dificuldades, às vezes dá um desânimo da gente ir porque não tem mais aquelas aulas que tinha, né? Devido as circunstâncias, mas eu continuo, gosto de meus colegas, convenço com elas, gosto de conversar, de falar, de me expressar. Então, para mim foi uma beleza porque é a continuidade da minha vida, né? Eu agora estou aluna da UATI e quero ficar por muito tempo. Tá bom? Eu pertenço a UATI, tenho orgulho de ser Uatiana e saber que estou na extensão da universidade, da UNEB, né? Da UNEB, então, estou, como se diz assim, também, a aluna da UNEB, sou a aluna da UNEB também. Então, por esse tempo, eu já podia ter até me formado. (Ligi, entrevista narrativa, 2023).*

Sendo a UATI, também, uma possibilidade de formação continuada e, ao mesmo tempo, não formal, implica na potencialidade que o programa tem para os idosos porque agrega em torno de si ações que são pensadas sobre a perspectiva e a condição do idoso no seu processo de velhice. A partir do tema proposto, concordo que a “[...] construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida. (JOSSO, 2004, p. 34). É, no meu entendimento, um dos elementos-chave da narrativa (auto)biográfica e no âmbito da Geografia, uma forma imbricada da territorialidade percebida na academia, diversificando cada vez mais esse espaço.

E, para aprofundar, ainda, a constatação de que, além da UATI se constituir em uma forma mediadora das idosas territorializarem o espaço unebiano é, também, uma expressão identitária ligada ao espaço.

Sobre o que seria o seu cotidiano de vida na atualidade sem a presença da UATI, a colaboradora Ligi foi enfática:

*Eu ia ser muito chata, eu não tenho pra onde ir todo dia. Eu não tenho, sei lá, vontade de sair de casa. Eu sei que eu seria desagradável, só ficar fazendo as coisas de casa, do lar porque a gente junto todo mundo pra fazer alguma coisa. E lá não, a gente tem aqueles horários, aqueles dias a gente tem aquela obrigação de ir, mas é uma obrigação gostosa. Então, para mim é importantíssima. (Ligi, entrevista narrativa, 2023).*

Conforme dito, anteriormente, sobre a UATI ser uma forma mediadora de territorialidade e expressão identitária, esse fragmento da narrativa de Ligi se insere naquilo que entendo como uma experiência formadora ligada ao processo de conhecimento “[...] porque nos identificamos com as nossas experiências, [e dessa forma] nos fixamos nela [...]”, conforme afirma Josso (2004, p. 41). É uma experiência que nos leva a sermos autenticamente nós mesmos!

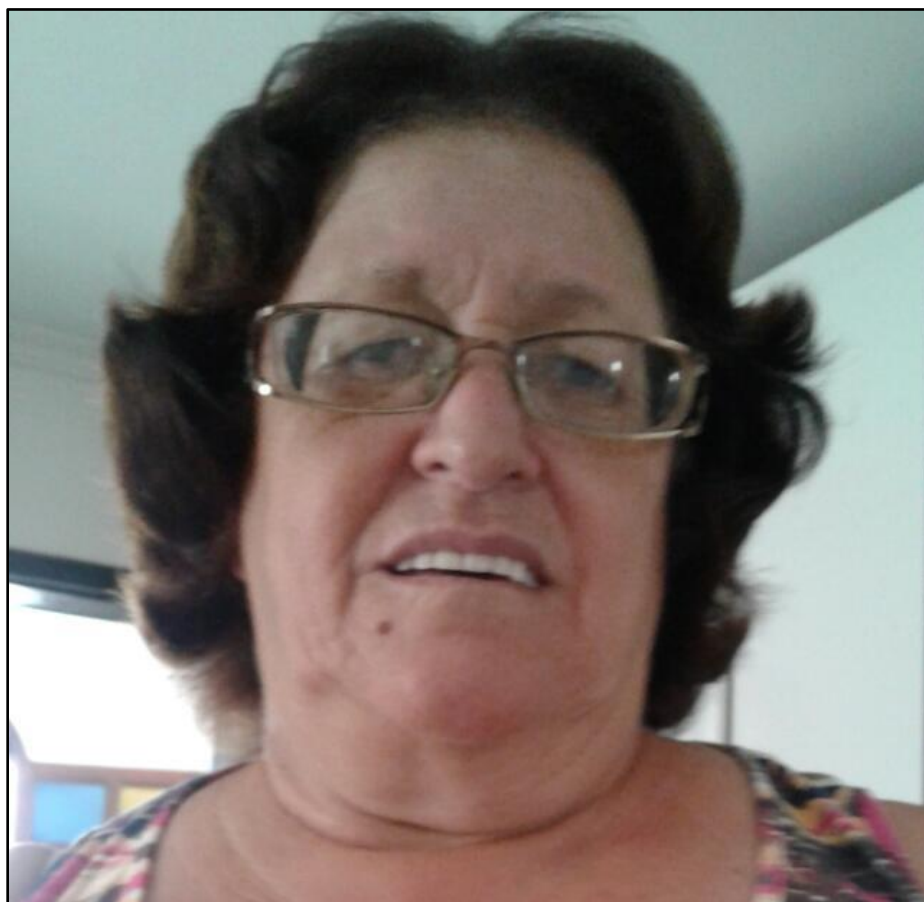
### **6.5. Lili: narrativas e territorialidades de uma professora**

[...] Sem dúvida, quem “gera” ou produz territorialidade é a “pessoa”, *por intermédio* de seu corpo ou de um órgão ou prótese de seu corpo [...] (HAESBAERT, 2021, p. 178).

Sabe-se que a existência humana é a principal responsável pelas humanidades, estudadas pelas Ciências, em especial, as Humanas e Sociais Aplicadas. É o ser humano, em sua coletividade, vivendo em sociedade, que fomenta os estudos na Geografia; dessa forma, os estudos sobre territórios e territorialidades têm como destaque a pessoa, por intermédio do seu corpo e sua extensão, evidenciando a sua materialidade, compreendida de forma material, ontológica, simbólica, representativa, no contexto político, cultural e econômico.

Foi pensando nessa territorialidade, produzida pelas pessoas e seus múltiplos corpos, que escolhi a colaboradora Lili (Imagem 15), popularmente conhecida como Lili, 70 anos, três filhas, professora aposentada, separada, moradora do bairro Ginásio, em Serrinha.

Imagem 15 – Lili - 2023



Fonte: Arquivo da colaboradora, imagem cedida para a pesquisa, 2023.

Esta colaboradora frequenta assiduamente a UATI, da UNEB, em Serrinha, há nove anos, e sua história de vida possibilita fazer inferências sobre territorialidades, narrada dessa maneira:

*Eu tenho 70 anos. Nasci em Itaquara, uma cidadezinha próxima a Jaguaquara, perto de Jequié. Mas fui criada em Jaguara, com seis anos fui pra Jequié. Com dez anos fui morar em Feira [de Santana] e depois me casei... Aí [...] fui criada por uma tia, que era minha tia, minha madrinha e minha mãe de criação. Era a filha única com ela, não porque minha mãe dizia assim, 'Eu não dei porque eu quis'. Minha tia não tinha filho, minha mãe adoeceu, ficou quase um ano doente de hospital. Minha irmã tinha cinco anos e foi pra casa da minha tia. Eu tinha nove meses, fui pra casa da outra tia, que era minha madrinha. Quando minha mãe voltou, nem a minha tia, nem o esposo dela, queriam deixar ela me levar. Não deixou. E, aí foi aquela confusão. Ela tentou registrar. Quando foi registrar, o juiz não deixou. Ele disse que eu tinha pai e mãe, não podia. Desde aquela época que não podia, não pode mesmo. [...] Ela me levava, a gente morava em Jequié, ia para Jaguara e ela dizia 'vamos passar na casa de sua mãe'. Eu queria ver meu pai e minha mãe, mas eu só queria ficar com ela onde ela ia. Mas eu sabia que eu tinha meu pai e minha mãe, mas nunca tive problema com isso, nem com minhas irmãs. Nós somos muito unidos. Tenho duas irmãs e quatro filhos. Quatro irmãos, já morreram quatro, mas todo mundo*

*unido. E, sendo assim, eu sempre fui criada separada em Jequié, depois em Feira e vim pra Serrinha quando casei. Aí o esposo da minha tia, quando eu tinha seis anos, ele faleceu. Ele era mais velho. Agora era gente assim de muito dinheiro, de vender cacau, sabe? Vendia cacau, café e ela sempre naquela luta. Aí ele faleceu porque ele tinha problema no coração, faleceu. Com um ano, a minha tia casou com um espanhol. Eu vim parar em Serrinha por isso porque tem um irmão aqui, Geraldo Peleteiro. Era o irmão dele. Esse espanhol vendia coberta [...] na feira. E ela se encantou por ele. E ele era mais novo 10 anos do que ela. [...] Aí ela deu o dinheiro, ele abriu uma relojoaria, vendia ouro 18. Só era ouro 18, 22, só era ouro bom. [...] Era uma pessoa honesta, agora era bruto, ignorante. E era porque espanhol vindo de lá é diferente da gente. Até de falar. [...] Eu aprendi a maneira de falar alto que eu tenho hoje, foi essa dele. Aprendi a minha herança dele com essa, falar alto. E Dindinha entrava no quarto e dizia assim, menina, você tá brigando com as colegas? Não ela tava conversando e eu no meio gritando. Ela ia no quarto pra ver se eu tava brigando com as colegas ou não. Ela tava conversando. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Lili carrega um drama pessoal da perda muito precoce do pai, do desamparo em relação a ausência da mãe e das incertezas e inseguranças de ter sido criada por parentes próximos, no caso, a tia. Nota-se nesta narrativa as territorialidades vivenciadas em Jaguaquara, Jequié, Feira de Santana e, por fim, Serrinha, além do contato com a cultura espanhola e as subjetividades decorrentes do modo de viver e de ser.

Desencadear o curso da memória na colaboradora, que lida com o passado conservado inteira e autonomamente, nas palavras de Ecléa Bosi (1994), é ter ciência de que [...] se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: ‘o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam’ [...]” (BOSI, 1994, p. 54-55). O estímulo, também externo, provoca no sujeito sensações, sentimentos, imaginações contidas na lembrança de um passado marcante ou quase ignorado por várias motivações, tanto é que ela continua a sua narrativa:

*Minha tia disse ‘vamos alugar uma casa pra você em Serrinha enquanto sua tia estiver doente’. Enquanto ela estava doente, ela mandava o dinheiro. Quando ela faleceu, minha tia disse ‘olhe, as jóias, ela mandou um pouco pra você, mandou dividir e vender aqui e comprar uma casa pra você em Serrinha’. Aí comprou essa casa aqui é meu tesouro, é minha casa. Pronto, aí vim pra Serrinha, tem 42 anos que eu moro aqui. E agora eu gosto daqui. Aí vim com minhas filhas pequenas, ela morreu, tava grávida da terceira. Resultado, separei, me separei, eu digo aqui em Serrinha que eu fico, é meu lugar, tem minha casa, pra criar minhas filhas era aqui. E pronto, me separei e nunca tive problema por ser separada, nem por ter sido adotada. Nada disso me perturbou na minha vida. [...] E minha mãe chegou a um ponto quando ela tinha 90 anos ela adoeceu. Eu fui visitar porque eu ficava muito preocupada. Aí ela virou pra mim e disse assim ‘eu pensei que você não gostava de mim porque pensou que eu tinha dado a pulso que eu tinha empurrado você pra sua tia, mas eu não dei porque eu quis foi praticamente tomaram de mim’, ela disse, mas eu falei: ‘mas minha mãe, nunca eu disse*

*que não gostava da senhora, eu gostava de minha tia porque me criou e era minha mãe de criação, mas eu sabia que minha mãe era você aí ela disse: 'oh, se eu morrer hoje, eu morro feliz' e ela morreu com 98 anos. Aí, digo graças a Deus que eu tive essa conversa com ela, cheguei aqui falei com minha filha e a minha filha me disse 'mãe que bom que você falou' porque eu nunca sabia que ela tinha isso no coração que pensava que eu não gostava dela porque minha tia me adotou. Eu digo 'Não, todo mundo, todo mundo eu faço questão de dizer, tem minha tia, minha mãe e aí pronto. [...] Meu tio animou para mim, embora para a Feira [de Santana], que era perto de Serrinha, aí ele animou para mim, moramos quatro anos lá, e ele se animou para vir embora para a Feira [de Santana], e aí quando veio para a Feira [de Santana], eu tinha 12 anos de idade na primeira vez que eu vinha aqui em Serrinha, na casa de Zeni e eu era menina mesmo, também, aí pronto, sempre que dava ele vinha, dia de domingo, vamo em Serrinha, de manhã eu voltava de tarde, e aí já conhecia Serrinha por isso, sabe, por causa dele. E aí comecei a vir com 19 anos para as festas, toda festa que tinha, eu vinha na sexta, só voltava segunda de manhã cedo, já direto para a escola, com a sacola direto para a escola que eu ensinava, meio dia ia para casa, e aí conheci Zeferino aqui, pronto, daí, três anos de namoro e noivado, casamos, e aí eu vim um ano quando Liz nasceu, ia fazer um ano, eu vim embora em agosto, ela fez um ano em outubro, aí viemos para cá, pronto, aqui, eu comecei a gostar de Serrinha porque tinha os parentes dele, aí, ia pra Feira [de Santana-BA], eu gostava de ir para a casa de Dindinha e voltava, era aquele rebuliço, pronto, aí depois que separei, eu digo aqui, é melhor para criar minhas filhas, é aqui, tem a casa, a gente se apega, né, e as meninas já tinham as amizades, nunca mais tive vontade de ir embora para lugar nenhum, e Jaguaquara é minha terra e eu não tinha vontade de morar lá. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Lili morou a maior parte do tempo no espaço urbano e os territórios que ela vivenciou expressam cidades que são “[...] como sujeitos, exercem influência sobre seus habitantes, em termos de atitudes e impulso. Assim, ‘se o homem utiliza e molda a cidade, a recíproca é igualmente verdadeira’.” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, *apud*, SPÓSITO, 2008, p. 14). Nesse caso específico, Lili era mais uma dentre tantas meninas, meninos e adolescentes que têm a sua terra natal por afeto, mas foram formar suas famílias e seguir profissões em outros territórios. A expressão identitária e territorialidades da colaboradora foram narradas dessa maneira:

*E aí, pronto, cheguei em Serrinha, lutei, lutei, comecei a ensinar pelo Estado. E aí o marido, o ex-esposo dizia que só queria viver na rua. Não vai trabalhar. Corri para meu sogro chorando dizendo 'eu quero trabalhar, eu gosto de ensinar'. Comecei a ensinar com 18 anos. E aí vim pra Serrinha, ele não queria deixar mais. Três anos em Feira, três anos em Salvador, em escolas particulares. E aí, em colégio de freira e tudo. E aí ele não queria deixar estudar, trabalhar. Aí eu digo, vou trabalhar. Meu sogro disse, não é o que você quer? É. Então pronto. Aí o meu sogro falava com ele lá, amenizava tudo. E eu sei que já tem 42 anos no Estado, que eu entrei em 82. [...] E aí, pronto, tem 15 anos que eu me aposentei. Me arranjaram agora uma secretaria escolar e eu digo, ó, eu vou mostrar que 70 anos a gente ainda pode fazer alguma coisa. Enquanto eu puder, eu vou. E tô gostando e vou ficar. Enquanto der certo, eu tô ficando. [...] comecei a ensinar numa escola particular, que era Ping Pong, lá [...] perto do Dom Pedro de Alcântara, em Feira [de Santana]. Aí a dona da escola, diretora, professora Isabel Prado, ela disse, vamos fazer o vestibular, vamos estudar.*

*Você vai comigo porque ela era amiga da minha tia, você vai comigo pra Cabo Sul, pra casa da gente, nós vamos estudar. Passei 15 dias com ela lá, ela não via a cor do livro. Quando ela me chamava pra estudar, já tava na praia com as meninas. E não queria saber, mas você não vai fazer. [...] Aí tinha Luzemar que terminou sendo coordenadora dessa colega minha da escola e aí ficaram amigas e disse: 'deu as pescas pra essa colega, que era dona da escola, e dava as dicas', e disse: 'Natividade, quando eu chegar na sala, eu te procuro pra te dar as dicas, você já tava longe, 9 horas a entregar a prova, já ia de biquíni por baixo da roupa, ia pra Itapuã, que a família tava toda lá na praia, quando eu chegava, já respondeu a prova, eu digo, papai do céu mandou dizer que essa daqui, e fechar, ia embora, 9h30 já tava longe, sabe por quê? Uma coisa que era forçada, eu tinha que fazer, eu não ia fazer, se me disser até hoje, eu sou assim, tem que fazer, eu não faço, aí eu não faço. [...] Aí eu não quis fazer mais, mas não é uma opção minha e aí como professora do pré-escolar, era o que eu amava, eu estagiei no Santanópolis, que eu estudei no Santanópolis, estagiei o pré-escolar, aí só tinha duas turmas, uma de maior outra de tarde, uma era minha outra de uma amiga, Ana Teresa, nem brigava, aí continuei, ensinei três anos, fui para Salvador, no Instituto Nossa Senhora da Assunção, na General Labatu, na Rua da Biblioteca Central e lá ensinei três anos o pré-escolar, vim para aqui pra Serrinha, Zene Peleteiro, a mulher de Geraldo, arranjou para mim lá, na Escola de Valcenir, que hoje é... se fosse dela, seria hoje COOPEISE, mas era Don Gatão, depois passou Instituto Serrinhense de Educação, quando eu cheguei lá com Zene, ela virou para mim e fez, ela vai ficar aqui oito dias para uma experiência, eu passei os oito dias, desses oito dias eu passei três anos, saí porque saiu do Estado, aí fiquei de manhã lá, e de tarde no Estado, mas aí saiu as quarenta horas do Estado, seis meses depois, aí eu disse a ela, muito obrigado por ter me aturado até hoje, mas aí já dá lugar para outra pessoa e eu ia para 40 horas, foi quando entrou Luédja e outras professoras na época, foi quando eu saí, que foi em 1984, aí eu saí para o Estado, para ficar 40 horas, fiquei com pré-escolar, na época de dezembro, essa época o povo fica brigando, que eu quero primeira série, segunda, no Leobino não tinha briga, Rita já dizia, não tem briga, Lili é o pré-escolar, ninguém queria, ninguém queria o pré-escolar, professora nenhuma queria, aí ela dizia, olha, Lili não tem briga, ninguém quer, é teu, pronto, e quem dominava era eu mesmo. No Centro Social Urbano, no [Colégio] Leobino, depois fui no [Colégio] Áurea Nogueira, que foi na época da aposentadoria, todos os dias eu ensinei pré-escolar, e até hoje na minha cabeça só entra o pré-escolar, pré-escolar, agora na época da aposentadoria foi um perrengue, três meses no [Colégio localizado na comunidade rural do] Cajueiro com quinta série, três meses na [Colégio Estadual 30 de junho, popularmente conhecida como] Escola do Padre com quinta série, porque ficar um jogando a gente quando está para se aposentar ficou parecendo que está expulsando, eu digo, não desisto, em casa eu não fico, aí a menina disse, foi a melhor coisa do mundo a senhora não tem ficado em casa porque se a senhora ficasse em casa a senhora não se aposentava agora, aí ia contar os tempos que eu fiquei em casa, porque eu digo, não, em casa não, eu ia lá na DIREC [Diretoria Regional de Educação do Governo da Bahia] e me vê aí, para qual escola eu vou, para a escola tal, e todos os atestados, tudo está aí, comprovando, pronto, eu era muito consciente e gostava muito, muito, muito de ensinar. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

O percurso profissional narrado por esta colaboradora é corroborado, com muita clareza, por Souza (2006), de que a formação, e acrescento o ser docente, não se limita à graduação na universidade ou cursos, mas, no decurso da vida, na escolarização desde o ensino básico, a formação continuada e experiências ao

longo da vida tanto profissional quanto pessoal. E, perguntada sobre a relação e identificação com a UATI e a UNEB, Lili narrou o seguinte:

*E a UATI, cheguei na UATI com o intermédio da minha filha. Minha filha disse, minha mãe vai implantar aí a UATI. Procure saber lá na UNEB, aqui no CPCT. Aí foi me inscrever, que já tem 9 anos lá, que gosto de participar e muito. [...]. É isso que eu ia dizer, até parece que nós somos estudantes da UNEB, mesmo como meu neto diz, ela diz que é que está estudando na UNEB, diz ela que estuda na UNEB, meu neto quando era um menor dizia isso, mas a gente sente, eu sinto isso, que o povo assola tanto a gente, que parece que nós somos estudantes, tem horas quando eu estou lá na UNEB fazendo algum curso, eu penso que eu faço parte de lá, entendeu? De onde, de qualquer forma, a gente faz. [...] Com a UNEB [me identifico] também porque outro dia nós fomos com Tainá para a biblioteca, acho que você estava lá, daqui a pouco chegou uma menina dizendo que tinha uma dança lá no auditório, aí Tainá, vamos lá, aí eu sei que... eu disse, meu Deus, eu não vou dançar não, eu não sei como foi, eu já estava no meio dançando e falou, Paloma filmou, eu... Eu nem pensei, eu disse, eu não vou participar, na hora eu estava lá, quando eu vi, foi falou, já tinha filmado tudo, eu disse isso, eu disse que eu não ia nem lá, e terminou dançando, a gente chama aí o negócio assim, sei lá, no coração, é uma coisa que parece que a gente já faz parte nisso. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Com este relato, posso inferir que a UATI propicia às estudantes idosas do projeto não somente a mera participação das atividades que lhes são concernentes, mas a vivência com o ambiente acadêmico unebiano fazendo-as se sentirem parte deste *Campus*, do cotidiano acadêmico e científico, superando o estranhamento, os preconceitos e promovendo, assim, o diálogo com os mais jovens, mais especificamente uma relação intergeracional, acrescentando mais uma expressão identitária das estudantes da UATI. E, sobre outras identidades, esta colaboradora narrou:

*Sou sisaleira, eu nem, muitas vezes, nem lembro que sou assim, que minha terra é Jaguaquara, nem lembro, porque eu também saí de lá pequena, fui para Jequié com 6 anos, aí nem lembro de que essa, eu morei 4 anos, de 6 a 10 anos, recordo de todo mundo, muita gente, professores e tudo, eu recordo, mas Serrinha para mim, não sei o que foi, e chamou muita atenção, que era meu sogro, minha sogra, Zene, o pessoal aqui de Peleteiro, de Luizão, antes de casar, de me entender por gente mesmo, com 15, 16 anos, eu só vivia aqui, todo Carnaval, Luizão era o rei Momo, e sendo da família, a gente acompanhava ele, eu ia para a festa na associação, quando a gente saía era de manhã, 7 horas da manhã atrás da banda pela praça, e Luizão no meio, Luizão, Geraldo, Zene, todo mundo, também foi mais por causa deles que eu vim para, Serrinha eu conheci mais por causa deles, da família. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Algo que observei nas narrativas não somente de Lili, mas das idosas que estudam na UATI e colaboraram com esta pesquisa é a de que o chamado Território de Identidade do Sisal, fruto da antiga divisão regional, região do sisal (sisaleira), adotado pelo governo do Estado da Bahia, não possui o destaque e a força que

outras expressões identitárias que exercem sobre as colaboradoras da pesquisa. Por isso, não foi possível chegar a mais conclusões por entender que esta temática merece um estudo à parte e mais detalhado. Porém, outra expressão identitária – a velhice –, foi destacado pela colaboradora:

*[...] o povo diz, eu digo, olha, não sei o que, velho não é velha, não, eu digo é velho sim, é velho sim, é idoso, eu digo idoso é velho também, então eu sou velha e eu não tenho vergonha de dizer, aí tem pessoas, teve uma pessoa que me disse, você fica se valendo da sua idade, não, minha idade eu digo, quando eu digo, tenho 70 anos, para valer meu direito, é o meu direito porque com 70 anos eu tenho mais direito do que o novo, não tenho? Aí tem gente que diz que eu fico me valendo pela idade, eu digo não, não estou doente nem nada, mas se for pelo direito que a gente tem 70 anos, aí, eu cheguei na lotérica, essa semana, só tinha gente nova, as meninas, bolsa família ali, não sei o que, a prioridade, qual é a fila, é essa, fila imensa, maior do que a outra, aí eu fiquei na outra fila, a menina diz, ó senhora, prioridade é ali, eu digo, eu sou obrigada, mas a senhora idosa tem que ficar ali, aí eu fui entrando, o cara da lotérica, não sei quem é, um novato, eu disse, olha, eu tenho 70 anos e estou vendo só gente nova aí, sabe o que ele me respondeu? É, muitas vezes é nova, mas tem um problema maior do que o da senhora, eu digo maior do que a idade, meu filho? Eu tenho 70 anos e ele tem gente aí que tem 20, só porque está com uma criança no colo, tem mais direito que uma pessoa de 70, eu achei desrespeito deles, ele disse, é, porque tem mais novo aí, mas pode ter um problema maior do que eu da senhora. Qual o problema maior que aquele povo tinha do que eu ali? [...] (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Prevejo um conflito não somente no âmbito da própria concepção de velhice e idoso - um movimento de aceitação e recusa do ser - mas, intergeracional, em contraponto à juventude, pois “[...] a diferença entre jovens e velhos é temporária; os jovens ficarão velhos e, por sua vez, comandarão. (ABBAGNANO, 2007, p. 98). Fundamentado nessa citação, observo as relações de poder conflitando e tensionando as relações entre os idosos e demais faixas etárias. Isso se explica pela diferença “[...] substancial e fundamental é entre o pequeno número de cidadãos dotados de virtudes políticas, sendo, justo que se alternem no governo, e a maioria dos cidadãos comuns, desprovidos daquelas virtudes e destinados a obedecer”. (ABBAGNANO, 2007, p. 98). Esse conflito se arrasta porque:

*Idoso, antigamente, era como você sempre fala na UATI. Velhinho demais na cadeira de balanço é como é na cadeira de balanço, na bengala... idoso antigamente é aquele, mas hoje tem tanta idosa aí de 90 anos que está se saindo bem, então, nem sei mais dizer o que é o idoso é, mas idoso porque é a idade eu digo, idoso pela idade, eu estou considerando agora idoso pela idade, fez 70 anos e eu já digo velho, eu já digo velho, o povo ainda não bota idoso, é velho mesmo, não tem essa de dizer que não é velho, é velho mesmo. Aí o povo ah velho [...] não, é idoso eu digo idoso é velho é tudo a mesma coisa. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Quando comparadas as narrativas das estudantes da UATI, colaboradoras desta pesquisa, Lili acompanha com mais intensidade os conflitos, dilemas e problemáticas em relação à aceitação do ser velho e idoso, sendo que, ela se impõe diante de situações que negam a condição de ser idoso na atualidade. Nisso recorro ao pensamento do filósofo Aristóteles, ao tratar da autoridade e apontar as desigualdades radicais estabelecidos pelos homens, cuja "própria natureza ofereceu um critério discriminativo fazendo que dentro de um mesmo gênero de pessoas se estabelecessem as diferenças entre os jovens e os velhos; e, entre estes, a uns incumbe obedecer, a outros mandar [...]" (ABBAGNANO, 2007, p. 98). Noto que a doutrina aristotélica, sempre contemporaneizada por seus estudiosos, já identificava algo que marca as relações e formas de organização das sociedades, as quais mandar e obedecer varia conforme o tempo-espaço geográfico e os aspectos culturais, políticos e econômicos. Mesmo assim, nas inferências feitas após as narrativas (auto)biográficas da colaboradora, retomei os eixos da entrevista e questioneei se ela gostava e se identificava com a UATI, assim narrou:

*[...] eu gosto tanto da UATI que quando eu comecei a trabalhar aí o diretor disse assim: 'eu não sabia que ia ter folga', eu vi todo mundo dizendo 'minha folga é segunda', a outra disse 'a minha folga é dia de terça', aí a menina do administrativo disse 'a minha folga é em dia de quinta'... Eu digo, oxee!? já sei o que eu vou fazer, eu disse a minha folga é dia de quarta! Ah não eu digo quarta sim porque eu tenho aula na UATI de manhã e de tarde e eu não vou deixar de ir quando eu falei da UATI, ele falou, inclusive ele é colega seu de Geografia. Aí eu digo, olha não adianta que dia de quarta-feira eu não tenho como, já vou perder segunda, na quarta tenho aula de manhã e de tarde, eu não vou perder. Pronto, a minha folga ficou sendo dia de quarta, por isso ele não queria dar folga pra todo mundo, tem aí ficou a quarta pra mim. Pronto aí as meninas já sabem a nova diretora disse não Dona Lili, ele não vai tirar a sua folga no dia de quarta-feira não. Aí, para o ano, dependendo de quando for, vejo o dia para mudar. Não posso todos os dias, mas pelo menos um dia tá bom. (Lili, entrevista narrativa, 2023).*

Assim, confirmo que a UATI é tão importante para as idosas / estudantes e colaboradoras da pesquisa que faz parte da rotina e cotidiano dela, a tal ponto de dedicar um tempo para participar e vivenciar as atividades desenvolvidas pelo programa de extensão no contexto do *campus* universitário. A narrativa de Lili contribui, ainda mais, para entender a relevância social e acadêmica deste projeto para a pessoa idosa.

## 6.6 . Sol: narrativas e territorialidades de uma professora

Entendemos a territorialidade [...] como relações sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitualidades; [...] (SAQUET, 2015, p. 107).

As conceituações e proposições sobre a territorialidade adquiriu uma vasta polissemia que desafia os geógrafos a não cometerem incorreções no que tange a compreender as relações que os agentes sociais, em suas inúmeras formas de atuação no espaço geográfico, estabelecem com o território. Por isso, compreendo que o elo entre os estudos das ações dos sujeitos em sua coletividade e demais agentes com a territorialidade exige uma análise das relações sociais praticadas, as expressões identitárias e o aparato cultural, que reverberam em formas de poder, dominação, conflitos, diferenças, aceitação, tecidos pelos processos históricos da humanidade e as desigualdades de todas as formas.

A partir desse pensamento, elegi Sol (Imagem 16), 70 anos de idade, aluna da UATI em Serrinha há cerca de cinco anos, viúva, mãe de 4 filhos, sendo uma adotada, pensionista e doméstica, para narrar a sua história, repleta de memórias, lembranças e acontecimentos que marcaram esta longa trajetória de vida.

Imagem 16 – Sol - 2023



Fonte: Arquivo da colaboradora, imagem cedida para a pesquisa, 2023.

Sol apresenta, em sua narrativa (auto)biográfica, tramas e situações que marcam a sua história de vida. São experiências relatadas na entrevista, uma das

mais difíceis e tocantes, de uma mulher / filha / mãe / estudante da UATI, assim narrada:

*Eu sou natural de Serrinha. Bahia. Nasci na zona rural. Fazenda Alto de Fora, aqui em Serrinha mesmo, e hoje resido aqui no bairro da Vaquejada [...]. Eu venho de uma família de gente simples, humilde, católica, pessoas honestas, né? Meu pai era um homem muito firme na nossa criação, nos negócios dele, sempre foi honesto e uma vida assim. E o que mais me marcou na minha infância foi a separação dos meus pais. E foi muito difícil porque eles se separaram e eu tinha onze anos de idade e é ruim demais pra um filho ver os pais se separarem né e a gente ser criada, terminar de se criar por outra pessoa, a qual eu eh [nesse momento ela se emociona e os olhos ficam marejados] eu não gostaria, mas fui obrigada, né? Mas nem por isso eu abandonei a casa do meu pai. Fiquei até quando me casei e continuei bem com ele, mas foi uma vidinha muito difícil. Pra mim foi difícil justamente pelo motivo de eu não aceitar a separação dos dois e outra ocupar o lugar da minha mãe. Fiquei até assim um pouco revoltada, mas sempre fui religiosa, católica, participava das missas, as coisas na igreja e Deus vai confortando a gente, a gente vai aprendendo, mas até hoje são coisas do passado a respeito disso que eu não gosto nem às vezes de me lembrar Fernando [nesse momento ela faz uma pausa na fala e se emociona novamente], e de bom foram meus irmãos eu criei muitos deles, nós somos uma família de três filhos. E, daí por diante, dá uma novela, viu? Meu pai teve três famílias. Nós somos de uma família de vinte e quatro irmãos. Sendo treze homens e onze mulheres. Estão, todos vivos. E nós somos unidos graças a Deus. Respeitamos sempre uns aos outros. A maioria deles todos me deram a 'bença'. Tem uns que ainda me dão a 'bença' e o pessoal acha muito engraçado. Mas sempre nos respeitamos porque afinal de contas nem eu, nem eles eram culpados né e aí [...] todo mundo maravilhoso, família grande, mas só isso aqui, pesada, que sempre pesou em mim e acho que não é só em mim não porque eu tinha assim natureza mais... entendeu? Mas... minha irmã é muito calma minha irmã é assim, mas eu não aceitava muito não era coisa eu sou a caçula do primeiro casal. Mas eu nunca me conformei com a falta da minha mãe. Entendeu? E quem nunca passou por isso, peço a Deus que não passe porque é horrível, mas depois que, tudo bem, meus pais se davam bem depois [...]. Qualquer coisa sobre a gente. Eles dialogavam, eram pessoas simples, mas eu sempre falo lá, né? Minha mãe era uma pessoa de Deus, Fernando, pessoa maravilhosa. Aí o que se passava com um dos filhos. Eles conversavam, chegavam a um acordo. E aí vivemos até a morte dos dois. Até nos separarmos pela mãe. Ele vinha aí, ele morava com minha irmã, se dava um bem, sorriam conversava, ela sentava com as duas mulheres dele também. Está tudo bem. E casei graças a Deus eu fui feliz. E quando meu esposo faleceu a gente tinha quarenta e três anos juntos. Graças a Deus. Os filhos criados, um pai de família exemplar dentro das possibilidades dele. Ensinou muitas coisas boas, nem só os filhos como a mim também. Principalmente na honestidade o respeito por todos, né? Foi uma lição de vida, era uma pessoa também simples da zona rural e terminou se criar na cidade, trabalhando e nós sempre tivemos uma vida razoável. Graças a Deus eu não tenho o que me queixar. E até hoje depois que ele faleceu, continuo levando a minha, vida graças a Deus. Os meus dois filhos. E, ele nos deixou desamparada. Isso aqui é bom, mas a vida é assim. (Sol, entrevista narrativa, 2023).*

Nas narrativas das alunas da UATI em Serrinha, observo, quando solicitadas a relatarem o passado, uma certa ênfase nos valores morais e éticos da sociedade e da família que, outrora, cresceram e tidas como modelo que não é mais seguido na

atualidade, sob um sentimento saudosista. Contraditóriamente, mesmo nesse recorte sociotemporal, existiam os casos de separação, divórcio, bigamia, adultério, assassinatos e todo tipo de violência existente na atualidade. Observo isso mediante o relato de Sol sobre a separação dos pais, fato que relaciono com a concepção de que “[...] na verdade, nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário transparente da família.” (BOSI, 1994, p. 425). Esta citação de Bosi (1994) está demonstrando que antes de nascermos, a história foi contada por nossos avós, tios e, repetidamente, incorporamos às nossas memórias.

E, sobre as diferenças entre a mãe, o pai, madrasta e os irmãos, mencionado pela colaboradora, Bosi (1995, p. 425) diz que “[...] a comunidade diferencia o indivíduo, nenhuma comunidade consegue como a família valorizar tanto a diferença de pessoa a pessoa”. De fato, a convivência, os laços consanguíneos e a intimidade, ações presentes nos diversos modelos familiares, permitem diferenciar os tipos de personalidade, suas potencialidades e fragilidades. Essa trama familiar e pessoal faz a pessoa perceber que “[...] aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas.” (JOSSO, 2004, p. 39). A pessoa idosa, pelas minhas observações, carrega consigo essa maturidade e capacidade de resolver novos problemas do cotidiano.

Outra passagem da memória de Sol, que afirmo ser uma de suas expressões identitárias, elencadas espontaneamente na narrativa, é o ser professora constituída dessa forma:

*Eu quando era jovem assim dezessete anos eu trabalhava como auxiliar de ensino e depois que eu fiz magistério eu trabalhei também na educação, mas depois, por motivo político, essas coisas você sabe como é né? Eu abandonei. Eu senti assim uma humilhação. Eu trabalhava numa região. Chegou as férias. Quando as aulas estavam retornando eu me aproximei da secretaria e lá o secretário da educação disse que meu cargo estava ocupado por outra pessoa, outra professora. E isso me feriu muito porque essa professora, ela foi uma moça, formada da minha casa. E ela tinha lá umas certas desavenças, que na zona rural, as pessoas doavam, né? Um terreno para construir uma escola como o meu pai também. E lá, ela criou um vínculo de amizade com essa família que eu fui trabalhar nessa escola. E depois ela decidiu voltar a pedir que queria voltar para essa escola, no lugar que eu trabalhava, que eu fiz um tudo por ela. E aí, por isso, talvez tivesse sido ignorância minha, imaturidade. Eu era concursada, fui de dois concursos, em um passei, trabalho de carteira assinada, não depois do período de 1970. E, aí, já quando eu trabalhei, depois de dois mil, depois desse período não se assinava a carteira. Ele nos dava pra gente assinar como a gente ganhava o salário, mas não pagava o salário. E aí, por esse motivo, acho que me precipitei e desisti de trabalhar. Depois, o arrependimento veio mas deixei para lá. Mas trabalhei, graças a Deus, e eu*

*tenho assim uma alegria em falar que eu trabalhei, Fernando, eu sendo uma leiga e auxiliar de ensino, fui muito bem aprovada em todos os colégios daqui em Serrinha, porque eu tive alunos que foram para Salvador, veio pra aqui, como mesmo no dia da nossa confraternização, tinha uma aluna lá, ela me falou como é que foi minha professora, a cuja que eu estou falando. E chegaram aqui, eu perguntei, vocês vieram de onde? Viemos da zona rural, estou formada, o aluno estava lá nós e ele estava aqui no Colégio Estadual Rubem Nogueira e depois que houve, eu me casei, foi lá em Candeias. E, depois eu voltei para aqui, pedi ao meu esposo que eu queria voltar a estudar, e ele vai pode ir, e eu voltei já, acho que no terceiro filho, vinha concluir meus estudos e ela estudava num colégio que chamava Cosme e Damião, e lá chamaram ela para trabalhar. A sua professora é de onde? Você vê, eu sou da zona rural, sou professora formada, ela disse que estudou aqui no [Colégio Estadual] Rubem Nogueira. Ah, eu tenho orgulho disso. Tive muitos alunos, até hoje não esquecem de mim, que era uma coisa naquele tempo, era um respeito muito grande do professor para o aluno, do aluno pra professora, e o interesse dos alunos era outro, Fernando. Ali eles, Ave-Maria, eles cobravam tudo. E eu tenho orgulho de ter sido essa auxiliar de ensino, e também trabalhar depois que me formei. (Sol, entrevista narrativa, 2023).*

Apesar do desapontamento de Sol com a forma que foi impedida de continuar exercendo a profissão de auxiliar de ensino, a qual sentia-se realizada, entendo que há uma identificação com a docência preconizando uma “[...] indissociabilidade entre o eu pessoal e o eu profissional; eles se entrecruzam e se inter-relacionam mutuamente” (SOUZA, 2006, p. 35). O professor é lembrado pelos sujeitos e deixa marcas que afetarão e influenciarão aqueles que decidirem também seguir adiante com a docência, a exemplo de, mesmo após se afastar da sala de aula, Sol reconhecida pelos seus ex-alunos. O outro item do eixo analítico desta pesquisa é a relação das idosas com a UATI. Assim narra a colaboradora:

*Foi por indicação de alguém e me encontrou muito abatida, e me perguntou o que é que eu estava fazendo, eu disse, estou cuidando da minha casa, e quebrando a cabeça com o Neto [...]. O outro dia ele me chamou, tia, estava vendo um projeto que se chama UATI, da UATI. É da UNEB, projeto da UATI aqui na faculdade. Ele disse: ‘a senhora não quer participar, não?’ Eu disse: eu não quero ficar assim. Eu posso chegar a ter uma depressão, eu disse, aceito, quero. E aí eu fui para casa e falei, mas... Eu não dei muita fé e depois ligou. E disse, tia, isso era um domingo. Ligou e disse: ‘vá fazer sua inscrição’. Parece que na terça-feira... E aí faleceu alguém da família, eu viajei, mas fui preocupada. Eu comentei com uma passageira, uma moça, que eu estava preocupada. Eu não consegui mais fazer inscrição. Eu disse, não, vá mulher, na quarta eu vim. Era Micaele, ela me perguntou se já tava informada, ele já deu as suas dicas, meu nome já estava aqui. Ela disse já tem professora na sala e eu já vim para a sala. Graças a Deus. Foi em julho de 2018. Agora não me lembro bem a data. Foi no início de julho. E fui muito bem acolhida por todos. E, até hoje, me sinto acolhida, amada. Também, amo todas elas, gosto de coração. São pessoas... Aqui são pessoas sem falsidade. Você vê aqui que têm pessoas de mais condição e menos condição, não sou mais que ninguém. Faz... não desfaz de ninguém, não humilha ninguém. Todo mundo é assim, uma por todos, todos por um. Aqui é muito bom. Gosto muito das minhas colegas, de coração. Sol, entrevista narrativa, 2023).*

Mediante a narrativa da colaboradora Sol, constato que não há possibilidade em dissociar a UATI da UNEB e, conseqüentemente, a identificação que as idosas têm do programa de extensão com a universidade que a mantém e lhe proporciona acolhimento e ambas promovem dignidade. Este é um fato recente (para o contexto da UNEB), apesar do ineditismo do tema para a literatura científica e acadêmica, porque trata de subjetividades e particularidades que emergem no ambiente universitário. Sobre isso, concordo com (BOSI, 2003, p. 15), ao alertar que “[...] a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que escondem atrás dos episódios [...]”.

E, mesmo a UATI tendo que enfrentar críticas quanto a sua relevância social, questionada se é serviço ou mero passa-tempo, exigindo de quem a conhece lutar e combater a indiferença com esta parcela da população, a biografada / colaboradora relata o que aprende e como a UATI afeta seu cotidiano:

*[...] eu aprendi tantas coisas. Assim, por exemplo, como é que eu posso falar [...]. o significado das coisas. Então, a gente conhece uma palavra, não sabe o significado dela. E, assim também o nosso direito da terceira idade, que tem o direito do idoso. Elas [monitores e oficineiros] vêm sempre, desde que eu cheguei de 2018, nos incentivando, no nosso direito. E que eu aprendi muitas coisas boas e aprendo até hoje. E gostei muito, e as oficinas também. Aprendi muita coisa. Tudo de bom eu estou aprendendo. Aprendi isto e vou aprender mais. E muitas vezes a gente fica assim, não sei se o devo, como é que eu vou chegar ali. Como é que... a gente vai assim, mas hoje eu vou de cabeça erguida. Eu estou aqui aprendendo com respeito a todos, a gente respeita, considera. E aí eu chego em qualquer lugar, então, de dia, graças a Deus, de cabeça erguida. Não ficou lá escondidinha não, agora sou assim. Eu sou mais da pessoa falar comigo, colocar ali pá-pá daquilo, mais tranquila. Eu sou, agora sou, mas se não for uma coisa assim que eu não devo, eu fico na minha vez. Aí na minha vez, que me chama, falam comigo eu vou, graças a Deus. E todo lugar que eu vou, cidade, passeio, a UATI vai comigo. Eu lá só comento e acho assim, muita força, meus filhos mesmo, você acredita que eles perguntam. Mãe, a senhora tem aula hoje? [...] está atrasada, viu?! E, aí a mais velha, a outra filha fala, mãe, você está se acomodando. Vai fazer, vai para a sua escola. Então, assim, eu tenho incentivo de filhos, de irmãos, sobrinhos, graças a Deus. A UATI [...] é muito importante para mim, de grande importância. E aqui é como eu te falei, eu rejuvenesci. Eu pude aprender assim com Deus, me guiando, que hoje eu quero, eu posso, eu consigo aqui na UATI. É muito importante para mim a UATI. Eu aprendi muito. E é tudo. E é tudo para a UATI, para a gente, para mim, nem só para mim, como as colegas. Já passou por aqui, que a gente continua. A UATI é muito importante para a terceira idade. Nem só a gente sabe, eu tenho ido. Quando eu fui pedir à médica, sempre pedi pra entregar num relatório médico, ela me falou assim, Dona Sonia, aqui só vem uma senhora também, foi Dona Délia. Eu dou um relatório, mas que pena que na Vaquejada só você participa, esse projeto é muito bom. Muitas pessoas que eu comento conhecem o projeto, né? E, é só elogios para a UATI. Adquirir conhecimentos, manter amizade. Nem só com as colegas, com todas as pessoas que fazem parte da UATI. E, sempre que a gente chega, como já fomos lá na UNEB, várias vezes são muito bem*

*recebidas. [...] Então, é isso que eu quero da UATI. E elas estão sempre ali, um carinho, nos ouvindo, nos apoiando, as colegas também, ouvindo uma outra e nos orientando. É muito bom. (Sol, entrevista narrativa, 2023).*

Este fragmento da narrativa, apresentado pela colaboradora Sol sobre a sua relação com a UATI, permite, também, atestar o que Josso (2004), denomina como uma das fases da narrativa de vida - do ator ao autor-contador - cuja “[...] posição do ouvinte, ou melhor, do ator-ouvinte, vai gerar um trabalho interior de comparação por identificação e diferenciação da sua história com a narração ouvida.” (JOSSO, 2004, p. 149). Tanto a biografada quanto o biógrafo trocam de papéis numa mesma função de ator, autor e contador onde o elo que une os dois sujeitos na pesquisa é comparar se identificando / diferenciando situações de suas histórias de vida que foram narradas. Da mesma forma que ocorre com Sol, a UATI se mescla com o meu cotidiano, minha vida e as relações com familiares, amigos e a sociedade local. É ainda um processo de humanização em meio à territorialização, territorialidades e identificações percebidas na UNEB, narradas dessa maneira:

*E eu identifico bastante. Ah, Ave-Maria, muito bom. Tenho orgulho de colocar a camisa da UATI, carregar a pasta da UATI. Eu emprestei uma bolsa minha pra minha nora e aí ela disse ‘nossa, que chique!’. E, quando eu cheguei, eu tinha um medo que me acompanhava e, aqui na UATI, me perguntaram o que foi o fato da minha vida. E eu tive uma, agora nessa, ficou com a Covid, eu tive assim uma ansiedade muito forte e até hoje ela me acompanha. Dr. Bruno é um psiquiatra aí, a última vez que eu estive com ele, ele me perguntou o que fazia. Aí eu disse, eu que participava do grupo de idoso da terceira idade, ele disse, o que vocês fazem lá? Eu disse muita coisa, Dr. Bruno. Lá nós temos aula de música, aula de dança, nós temos pilates, temos oficinas, ele disse: ‘Dona (...), parabéns!’. E, eu disse, é uma universidade aberta à terceira idade, ele achou muito importante, pegou em minha mão e disse ‘continue’, porque eu acho que é uma maneira da gente se movimentar, porque a gente dança, é a maneira da gente cuidar do nosso corpo, dos nossos membros, estar até fazendo falta. E aqui a gente adquire, assim, é pilates mesmo, maravilhosa, as dinâmicas na sala... a gente brinca e é maravilhoso. Aí ele me disse, vá em frente, não desista. Porque pelo menos para a gente é uma, assim, uma coisa que, é incentivo, a gente tem que fazer qualquer coisa, aí tu não pode ficar em casa só parado, cuidando de casa. Nós temos que ter uma atividade e aqui eu acho uma atividade, né, todas as aulas que a gente tem, maravilhosa. (Sol, entrevista narrativa, 2023).*

A identificação de Sol com a UNEB, a UATI, o ser mulher idosa e professora por um determinado período numa cidade do Território do Sisal, coaduna, no meu entender, com tese de que a identidade “[...] não é uma ‘coisa em si’ ou ‘um estado ou significado fixo’, mas uma relação, uma ‘posição relacional’, uma posição-de-sujeito construída de forma relacional e contrastiva (OLIVEIRA, 1976, *apud* CRUZ, 2007, p. 17). Mesmo ressaltando o caráter histórico, a identidade é, como disse

anteriormente, um processo construído, mas inacabado e aberto a mudanças e transformações espaciais, a exemplo do que a biografada afirma em relação a ser idosa:

*Aceito, eu não gosto de pessoas que negam a idade, por sinal eu tenho chegado, em algum lugar as pessoas falam que 70 anos não parecem, mas tem, com muita honra e orgulho. Me identifico em participar aqui na terceira idade, porque eu tenho idade, já, 70 anos. Com fé em Deus que eu vou multiplicar esses aninhos com a fé em Deus. (Sol, entrevista narrativa, 2023).*

O ser idosa no contexto regional, nacional e local, contemporâneo, é se contrapor a uma lógica econômica neoliberal do produtivismo e o seu oposto é ser incapaz, improdutivo, ineficiente. Percebo a necessidade em reafirmar, de forma grupal e coletiva, um ser idosa que reconheça os corpos, as diferenças, as contradições e um estado de bem estar. Por isso, "[...] os processos de identificação e, conseqüentemente, as identidades são construídos na e pela diferença e não fora dela, e que nenhuma identidade é auto-suficiente, auto-referenciada em sua positividade [...]" (CRUZ, 2007, p. 17).

Findando a exposição das narrativas das idosas estudantes da UATI de Serrinha, com base na análise interpretativa-compreensiva propalado por Ricoeur (1996), Josso (2006) e Souza (2014), atrevo-me a, no próximo capítulo, apresentar as considerações, necessariamente tessituras não tão finais acerca da dissertação de um modo geral. O debate e a reflexão não se esgotam em si, mas, permitem a abertura de outras possibilidades do pensar e agir em relação à pessoa idosa e o surgimento de novos desafios para a temática proposta.

## **7. Considerações: tessituras não tão finais**

*Entre onde andei  
E pra onde vou  
Não sei*

*Maysa, 1974.*

*Imagem 17: Idosa segurando um microfone - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

Nesta seção, onde as considerações não são tão finais, mas abrem possibilidades para novos debates, apresentam tessituras, as quais compreendo como algo que transmite significado das coisas, organização e motivo de ser; respondem a problemática, objetivos gerais e específicos, metodologia utilizada e questões secundárias da pesquisa.

Nesta pesquisa, foi possível identificar as territorialidades das estudantes da UATI, no Departamento de Educação da UNEB, *Campus XI - Serrinha*, através das narrativas (auto)biográficas, sendo elas múltiplas e ultrapassam os limites do mero frequentar porque constituem no permanecer, no sociabilizar, do encontrar-se, do estar junto, do acolher e ser acolhida, de exercer o seu poder de fala, opinião, crítica e experiências de vida; do identificar-se, do reafirmar; o ser mulher, pessoa idosa, da aceitação do envelhecimento e da velhice; tendo a sua presença (no bojo do seu ser e em grupo) reconhecida pela sua existência estando elas na UATI, na UNEB, na Bahia, em Serrinha e nos demais *Campi* da universidade.

Saliento que o ser doméstica, dona do lar, trabalhadora rural, professora e servidora pública são ações pelas quais, por si somente, denotam potentes territorialidades dessas idosas com dimensão política, cada vez mais crescente entre as idosas. Por isso, a casa, a rua, o bairro, a igreja, à área rural e urbana e a própria UATI e a UNEB se constituem no território da pessoa idosa e as relações estabelecidas nesse território, por conseguinte, geram territorialidades presente num espaço de múltiplas funções, usos e apropriações, diversos e inclusivos como se propõe ser uma universidade pública, a exemplo da UNEB.

Da mesma forma que o grupo de mulheres, negros, jovens, e tantos outros, territorializam e praticam territorialidades, conforme inúmeras pesquisas geográficas sobre o tema, as idosas da UATI também praticam territorialidades por se tratar de um coletivo de sujeitos, dotados de direitos e desafios por estarem inseridos em sociedade, mediante relatos, histórias de vida e as narrativas (auto)biográficas impregnadas de práticas territoriais, as quais podem contribuir com a compreensão de outras territorialidades, bem como outras formas de poder, pois no movimento de ir e vir da UATI, na UNEB, as idosas assumem a identidade unebiana, uatiana e revelam outras expressões identitárias – resultado da relação tempo e espaço, vida e profissão, aprender a ser, refletir e fazer, em um processo de reinvenção.

Diante disso, observo que a UNEB possibilita inúmeras práticas territoriais no Estado baiano por meio dos grupos que lutam em defesa da cidadania e da

participação social para além da mera formação profissional. Ela também permite que os idosos, por meio da UATI, também territorialize o próprio ambiente acadêmico, composto, majoritariamente, por jovens e adultos, ao tempo em que reúne um público bastante heterogêneo da terceira idade, ampliando os espaços de atuação, reivindicação e reconhecimento, para além das vivências cotidianas no programa. Assim, a UNEB e a UATI se apresentam como espaços de aprendizagem e de atuação dos idosos.

As expressões identitárias verificadas na pesquisa (auto)biográfica são: serrinhense, uatiana, unebiana, idosa, mulher, negra, baiana, nordestina; e outras nem tanto: sisaleira, velha - não que inexistem mas não foram apontadas pela maioria das colaboradoras / biografadas.

Tecendo um panorama geral das (auto)biografias, observei que o idoso tem em comum a loquacidade, do latim *loquacitas*, o qual “[...] segundo Aristóteles, [é] um dos caracteres das pessoas idosas, que estão mais interessadas no passado que no futuro (que já lhes promete pouco); por isso, gostam de falar para rememorar-lo [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 631). Ouvir as histórias e narrativas das idosas / biografadas / colaboradoras é mais do que uma mera formalidade, e sim, um exercício, escuta prazerosa que tive com a minha avó materna Rita Francisca (*In memoriam*). Realizei com elas o que não pude fazer com minha avó: registrar, compilar, redigir, catalogar a sua (auto)biografia e mesmo que tente reunir todas essas memórias que tenho da minha mãe, minhas tias e tios, não seria suficiente para dar conta da riqueza de observações, vivências, experiências, sabedoria popular e inúmeros recortes temporal-espacial.

Isso remete à percepção sobre antigo e moderno, nas diversas vertentes racionais e científicas, de modo especial na Filosofia, em que “somos mais velhos e temos mais idade do que nossos predecessores” (ABBAGNANO, 2007, p. 62) porque através do tempo o juízo amadurece. Reconhecer a pessoa idosa na sociedade é dar-lhes mais dignidade preservando as histórias e as oralidades nos diversos contextos históricos-temporais no espaço geográfico, sob inspiração do trabalho de Ecléa Bosi (1994; 2003) visto que:

Se a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correlação dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um. A memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. (BOSI, 1994, p. 420).

A memória, o relato, a escrita e o conhecimento de si, da mesma forma, as experiências de vida e formação, são instrumentos utilizados pelas narrativas (auto)biográficas das estudantes / idosas da UATI ao não se restringirem meramente a falas isoladas, individualizadas, mas sim, experiências sociais e coletivas de mulheres que viveram um recorte socioespacial de temporalidades específicas.

O resultado das narrativas (auto)biográficas das alunas / estudantes / idosas / colaboradoras da pesquisa apontam que 100% delas relataram, ao menos, mais de três formas de territorialidade praticada em determinado território; da mesma forma, evidenciaram possuir mais de uma expressão identitária. Em todos os relatos, a UATI e a UNEB em Serrinha ocupam um papel preponderante no seu cotidiano, sendo uma das grandes responsáveis pelas recentes transformações em sua vida.

As mesmas narrativas proporcionaram constatar que, apesar das recentes conquistas, o passado de metade delas contém situações familiares traumáticas e dolorosas quanto a separação, morte e o distanciamento dos pais.

As idosas / estudantes /colaboradoras da pesquisa, apesar de terem vivido situações de subalternidade em relação a determinada hierarquia social centrada em valores morais, religiosos, culturais e político, têm direito a exercer e delimitar territorialidades façam valer o seu papel na sociedade.

Essas idosas também merecem ter 'o seu lugar de fala', reafirmado e garantido, numa perspectiva da Djamila Ribeiro (2019, p. 47), "O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a de poder existir. Pensamos o lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social".

Outro aspecto que posso inferir é a de que não basta apenas se dispor a atuar junto às idosas da UATI, é necessário que haja, por parte de coordenadores, monitores e voluntários, uma leitura crítica das condições em que se encontram com base em vivências e práticas amparadas por leituras de autoras feministas e negras para melhor auxiliar nas ações do programa.

Há princípios que devem nortear as ações e planejamentos dos sujeitos envolvidos na UATI, a exemplo da ação democrática, empatia, da fraternidade, solidariedade, da escuta atenta e sensível, gentileza, cortesia... Enfim, valores essenciais que marcam a construção e atuação da UATI na UNEB e, em especial, em Serrinha, na perspectiva de Freire (1985).

Esses princípios diferenciam a extensão universitária junto aos idosos e idosas das demais ações, visto que, as relações que se estabelecem com elas são de afeto, carinho, acolhida, etc. Isso quer dizer que a rotatividade e as constantes modificações de pessoas atuando junto às idosas criam um distanciamento, afastamento e o desinteresse por parte das mesmas.

Assim, a existência de ações e programas de extensões universitárias voltadas à terceira idade, como a da UATI, no âmbito de uma universidade pública, que se propõe a ser inclusiva, popular e democrática, é uma das formas mais contundentes de que o arcabouço jurídico que dispõe sobre os idosos no Brasil encontra-se em processo de consolidação e efetivação.

Considero ainda que a UATI faz parte do plano de metas para a sensibilização da sociedade, quanto às questões inerentes à pessoa idosa, práticas educacionais, noções de envelhecimento ativo e saudável estão em consonância com a Política Nacional da Pessoa Idosa e o Estatuto da Pessoa Idosa.

Tais iniciativas institucionais da UNEB enobrecem seu papel e sua importância para a sociedade baiana, reforçando e estimulando outras ações, a exemplo dos conselhos municipais e estadual da pessoa idosa, o Fórum Permanente em Defesa da Pessoa Idosa, coadunando com o Estatuto da Pessoa Idosa e a Política Nacional da Pessoa Idosa.

Para tanto, é importante que o Estado garanta mais recursos públicos, confirmando o que preceitua a legislação vigente, ao tempo em que, a sociedade se mobiliza de forma participativa e ativa em torno de projetos e programas destinados aos idosos, a exemplo da UATI.

Considero, pela experiência na coordenação da UATI em Serrinha, que o grande desafio para a rede desse projeto na multicampia UNEB é alcançar, ainda mais, aqueles idosos mais pobres e carentes que vivem, em sua imensa maioria, em comunidades e bairros periféricos, contribuindo para a superação da exclusão social, do analfabetismo e desprovidos da cidadania plena. Isso requer não somente o empenho dos seus membros, mas o apoio do Estado somando forças para a promoção da dignidade da pessoa idosa na Bahia.

No decurso das narrativas (auto)biográficas das alunas-idosas da UATI em Serrinha, as territorialidades identificadas, de acordo com Saquet (2015), sejam elas concretas e simbólicas: as relações sociais nas cidades-territórios vividos desde a infância até os dias atuais (a frequência na escola, na comunidade, no bairro, no lar,

na igreja, nas praças); as identidades geradas a partir do imbricamento com o território; a apropriação de espaços territoriais a exemplo da UNEB, do Campus de Serrinha e demais espaços da universidade pela participação, presença e convivência das atividades realizadas pelos membros junto aos mais jovens; da correlação de forças entre si (de poder e sua dimensão política), com a natureza exterior (técnicas, tecnológicas, instrumentais, etc. e demais práticas espaço-temporais, pluridimensionais – indicam territorialidades processuais, relacionais e temporais da pessoa idosa.

A identificação dessas territorialidades, mediadas pelos usos, ocupações e apropriações, que emergiram das narrativas (auto)biográficas, são de vital importância para que a UNEB implemente outras possibilidades formativas não somente para esse público idoso, mas para a formação educativa continuada de professores, dos estudantes e servidores técnicos universitários e analistas, ampliando as áreas de atuação institucional.

A educação voltada à pessoa idosa não pode ser qualquer uma e, muito menos, qualquer educação, é uma corrente educacional que se esmera na emancipação, valorização e empoderamento da pessoa idosa enfrentando os preconceitos, a sanha neoliberal e mercadológica de jovialidade, bem como, as hostilidades e antagonismos que reduz a sua importância na sociedade a mero problema econômico para o orçamento público governamental/previdenciário.

Por fim, este trabalho contribuiu para perceber que a Geografia é uma Ciência capaz de dialogar com vários métodos e metodologias de pesquisa a exemplo das narrativas (auto)biográficas, alinhadas as territorialidades das estudantes da UATI, sob a forma de letramento educacional, territorial e da dimensão geográfica. E também, ampliou, ressignificou e impactará nas experiências e vivências de si, nas identidades / expressões identitárias das alunas do programa, construídas por meio das relações em diferentes espaços geográficos – lugar e território – sejam eles a própria universidade, o departamento / Campus, o CPCT, a UATI, onde os processos ocorrem na interação com outras idosas, consigo mesmo e com os demais membros da academia, da comunidade e da sociedade. Outros assuntos, debates e temas emergirão na leitura dessa dissertação que podem ser contemplados com uma tese de doutorado.



## 8. REFERÊNCIAS

*Imagem 18 - Idosa abraçada a uma criança - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

ABBAGNANO, Nicola, **Dicionário de filosofia**. Traduzido por Ivone Castilho Benedetti. 5 ed, São Paulo: Martins Fontes, 2007, 1014 p.

ASSIS, M. G; DIAS, R. C; NECHA, R. M. A Universidade para a Terceira Idade na Construção da Cidadania da Pessoa Idosa. In: ALCÂNTARA, A de O; CAMARANO, A. A; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p. 199-209.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ática, 1988. 70 p.

BAHIA. Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia (SEI). Territórios de identidade do Estado da Bahia. 2015. Disponível em: <[http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/territ\\_ident\\_2v25m\\_2015.pdf](http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/territ_ident_2v25m_2015.pdf)>. Acesso em: 2 de ago. 2016.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Perfil dos Territórios de Identidade. Salvador: SEI, 2016. 3 v. p. (Série territórios de identidade da Bahia, v. 2). Disponível em: <[https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2000&Itemid=284&lang=pt](https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&Itemid=284&lang=pt)>. Acesso em: 28 Mai. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, 660 p.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291p.

\_\_\_\_\_. **Memória e vida**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 184 p.

BERNARDO, Kátia Jane Chaves. **Envelhecer em Salvador**: uma página da história. 2010, 330p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

BOAVENTURA, E. M. A criação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). In: BOAVENTURA, E. M. **A construção da universidade baiana**: objetivos, missões e afrodescendência. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 29-44.

BOSI, Ecléa. **O tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003,

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL; Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Diretoria de Pesquisas; Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI**: subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2015.

BRASIL; Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; **Retratos - a revista do IBGE: longevidade viver bem e cada vez mais**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; N.º 16, Fev. 2019.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. [online]. 2002, vol.28, n.1, pp.11-30. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>>. Acesso em: 20 Out. 2020.

CAMPI DA UNEB. Portal UNEB. Disponível em: <https://www.dch1.uneb.br/wp-content/uploads/2021/07/PROJETO-PEDAGOGICO-18.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura) 2. Ed. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CLAVAL, Paul. O território da transição da Pós-Modernidade. **GEOgraphia**– Ano 1 – N.º 2, 1999, <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13349/8549> / <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i2>

\_\_\_\_\_. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFCS, 2007.

COELHO NETO, Agripino S. Territorialidade: uma proposição teórico-conceitual. In: Ana Silva; Ivonete Amorim; Selma Castro. (Org.). **Educação, Territorialidade e Formação Docente**: contextualizando pesquisas. Curitiba: Editora CRV, 2016, v. 1, p. 15-29.

CRUZ, Valter do Carmo. **Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidades**. In: BEZERRA, Amélia C. A.; GONÇALVES, Claudio U.; NASCIMENTO, Flávio R. do.; ARRAIS, Tadeu A. (Orgs.). Itinerários Geográficos. Niterói: EdUFF, 2007, p. 13-36.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, (1997) 12 (34), 39-56. Disponível em: <[http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34\\_03.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_03.pdf)> Acesso em: 26 Jun. 2021.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Boletim Especial DIEESE**: Quem são os idosos brasileiros. Número 01, 30 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial01.html>> Acesso em: 12 de Jan. 2023.

ENDLICH, Angêla Maria. Perspectiva sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, 248p.

FINGER, Mathias; NÓVOA, António. Introdução. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2 Ed. EDUFRN. Natal-RN, 2014, p. 20-29.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ou extensão**. 8. ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, EAESP / FGV, São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGqrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf>> Acesso em: 21 Jan. 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T (Org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Edições Graal, Coleção Tendências; v. 1, 1982.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. Tradução: Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão: Fabricio Gallo. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, 2012 p. 523-545.

GUERRA, Sérgio A. D. **Os caminhos da UATI**. Salvador: EDUNEB, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

\_\_\_\_\_. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. GEOgrafia, Niterói, ano IX, n. 17, p. 19-46, jun. 2007.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATCH, J. A.; WISNIEWSKI, R. Life history and narrative: questions, issues and exemplary works. In: **Life history and narrative**. HATCH, J.; WISNIEWSKI, R. (Eds.). London: RoutledgeFalmer, 1995, p. 113-135.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução: José

Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004, 285p.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 2008, 516p.

LACOSTE, Yves. **A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19. ed. Campinas: Papyrus, 2010. 263p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 144 p.

MARINHO, Maykon dos Santos. **Narrativas sobre o envelhecer: Memórias e identidades de idosos longevos**. 2016, 129 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista, 2016.

MAYSA. **Não sei**. Composição: Russel / Weston; Artista: Álbum: Maysa; Data de lançamento: 1974. Disponível em: <<https://www.letras.com/maysa/1195676/>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

MEDEIROS, E. A. de, & AGUIAR, A. L. O. O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempo e Espaços em Educação**, 11(27), 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20952/revtee.v11i27.7884>>. Acesso em: 19 Out. 2020.

MEIRELES, Mariana M. Entrevista narrativa e hermenêutica de si: Fonte de pesquisa (auto)biográfica e perspectivas de análises. In: SOUZA, Elizeu C. (Org.) **(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015, 285-296 p.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Ática. 1990.

NOGUEIRA, Rubem. **O homem e o muro, memórias políticas e outras**. São Paulo: Gumercindo Rocha Dorea (GRD), 1997, 415p.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2 ed. EDUFRN. Natal-RN, 2014.

NUNES, Astúlio. Música: **Caminheiro**, Álbum Caminheiro, 1980.

NUNES, Fernando de Souza. **Gestão dos espaços públicos urbanos: uma análise geográfica sobre as praças do centro da cidade de Serrinha-BA**. 2019. 22p. Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UNEAD), Curso de Pós-Graduação em Gestão Pública, Universidade do Estado da Bahia (UNEB): Salvador, 2019.

\_\_\_\_\_. **O espaço público na dinâmica da paisagem da Praça Morena Bela da cidade de Serrinha-BA**. 2010. 87p. Departamento de Educação (DEDC), Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade do Estado da Bahia – UNEB: Serrinha, 2010.

\_\_\_\_\_. A Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) e a extensão universitária: ressignificando a práxis acadêmica na UNEB Campus XI - Serrinha. *Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 62-73, 2018. DOI: 10.5965/259464122162. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/12785>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

OLIVEIRA, Itamar Soares; BOCCARDO, Lilian. A utilização de Consignas como material potencialmente significativo para o ensino de Ciências: uma estratégia didática realizada no Ensino Médio. *Aprendizagem Significativa em Revista/Meaningful Learning Review* – V5(1), p. 57-69, 2015. Disponível em: <[https://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo\\_ID76/v5\\_n1\\_a2015.pdf](https://www.if.ufrgs.br/asr/artigos/Artigo_ID76/v5_n1_a2015.pdf)> Acesso em: 16 Maio 2022.

OLIVEIRA, Janiele de Jesus. **Associativismo e territorialidade**: um olhar sobre a associação comunitária de Mombaça – Serrinha (BA). 2016. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Geografia. Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, 2016.

OLIVEIRA, Simone Santos de. **“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade**: percursos de vida, trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Injunção institucional e sedução autobiográfica: as faces autopoiética e avaliativa dos memoriais. In: BARBOSA, Tatyana M. N.; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Memorial Acadêmico. Gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal, RN: EDUFRN, 2011, p. 19-39.

PASSEGGI, Maria da C.; SOUZA, Elizeu Clementino de. Prefácio. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução: Maria Nóvoa. 2 ed. EDUFRN. Natal-RN, 2014, 11-14p.

PEREIRA, Áurea da Silva. **Tempo de plantar, tempo de colher**: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho. 2014. 197f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2014.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, 32(2), 2006, p. 329-343. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009>> Acesso em: 24 Abr. 2022.

PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de. Geo(bio)grafias e geo(bio)travessias: modos singulares de compreender o lugar e as territorialidades. In: COELHO-NETO, A. S.; MUNIZ-FILHO, A.; SOBRINHO, L. G. (Orgs.). **Miradas territoriais horizontes teóricos-metodológicos**. Rio de Janeiro: Consequência,

2022, p. 139-158.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Marília Celília França. São Paulo: Ática, 1993.

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Analfabetismo entre idosos no semiárido nordestino**. Salvador: EDUNEB, 2013.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis: Insular, 2011, p. 62-89.

\_\_\_\_\_. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015, 164p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009, 174 p.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 136 p.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7. ed São Paulo: EDUSP, 2007. 169 p.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP. 2006.

SILVA, Ana P. M. da; SILVA, R. L. B. R. da. Uma geografia do trabalho de empregadas domésticas negras no Brasil. **Anais...** XIV ENANPEGE. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/77844>>. Acesso em: 09 Mar. 2023.

SILVA, C. L. L.; ARAÚJO, J. N. G. de; MOREIRA, M. I. C.; BARROS, V. A. O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 454-470, jan. 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v23n1/v23n1a28.pdf>> Acesso em: 31 Mar. 2023.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005, 138 p.

SILVA, Marta R. F. de A M. Investimentos públicos em educação superior na Bahia: o orçamento das Universidades Estaduais Baiana. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 979-995, Feb. 2019. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1046/913>. Acesso em: 22 Jun. 2022.

SOJA, Edward W. The political organization of space. Northwestern University. Washington, DC: Association Of American Geographers (AAG), **Resource Paper**, N.º 8, 1971.

SOUZA FILHO, Alcides Alves de. **Educação de Jovens e Adultos: educação da pessoa e processo socioeducativo na Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2019. Dissertação (Mestrado). 199 fls. Departamento de Educação do *Campus I*, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, Elizei Clementino de; SOUSA, R. C. de . Pesquisa (auto) biográfica, educação e saúde docente: escritas de formação e refiguração identitária. *Cadernos CERU*, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 99-126, 2021. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v32i1p99-126. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189276>>. Acesso em: 28 maio. 2023.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004, 344f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**. 2014; 39(1), p. 39-50. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117129357004>> Acesso em: 8 Fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento de si: estágios e narrativas de formação de professores**. Salvador: UNEB; Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 184 p.

\_\_\_\_\_. Pontes e muros: pesquisa narrativa e trajetórias (auto)biográficas - o lugar da memória e a memória do lugar na educação rural. In: SOUZA, Elizeu Clementino; BRAGANÇA, Inês F. de S. (Orgs.) **Memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida**. Porto Alegre: EDIPURUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 33-56 (Coleção pesquisa (auto)biográfica: temas transversais 5).

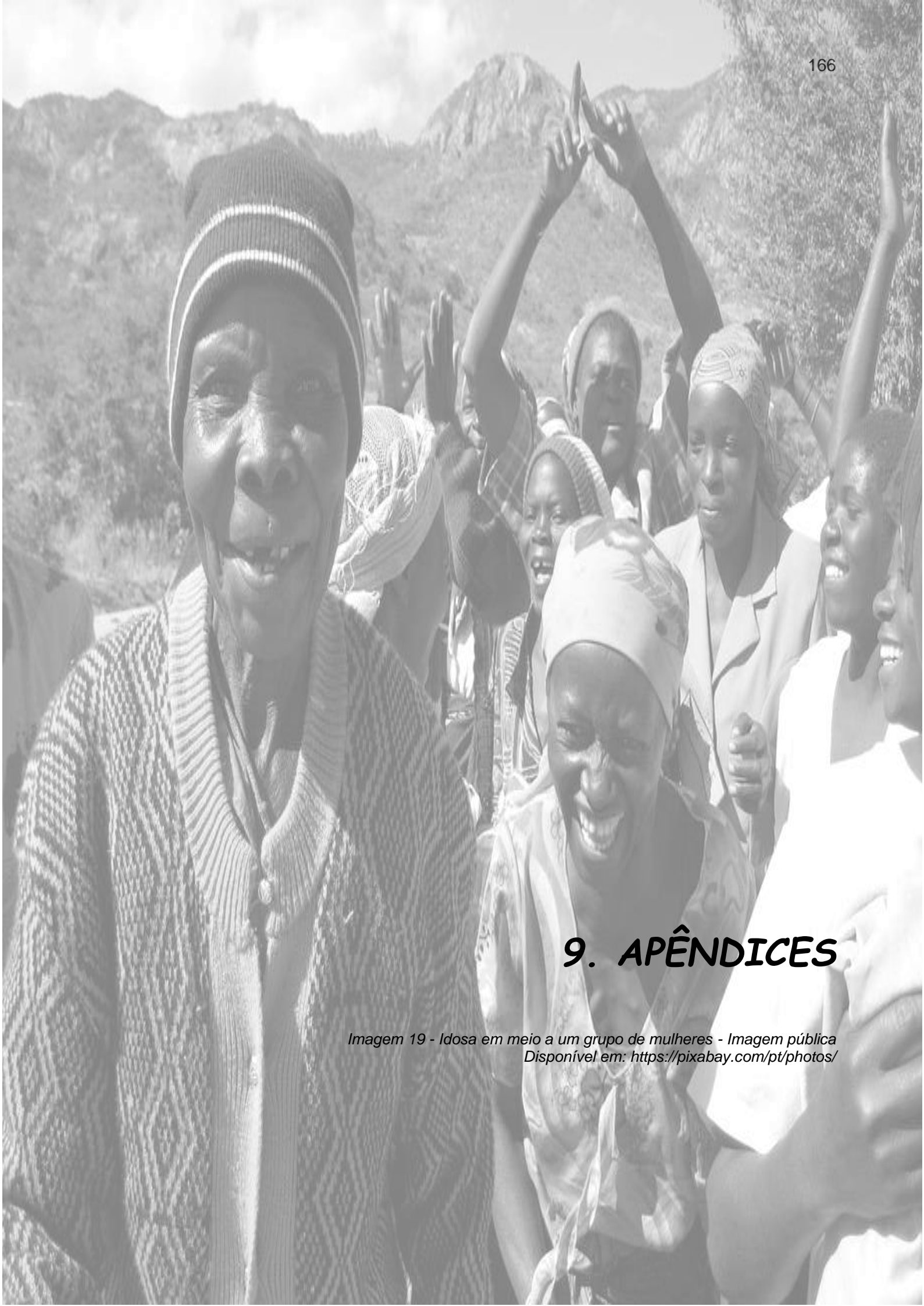
SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e cidades**. São Paulo: EdUNESP, 2008, 161p.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S; CARRIERI, A. de P. Os Lugares das Empregadas Domésticas. *Órgão. Organizações & Sociedade (o&s)* - Salvador, v. 22

- n. 72, p. 161-178 - Jan. / Mar. - 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/12725>> Acesso em: 03 Abr. 2023.


VASCONCELOS, Pedro. A utilização dos agentes sociais nos estudos de Geografia Urbana: avanço ou recuo?. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **A Produção do espaço urbano**: agentes e processo, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, v. 1, p. 75-96.



## 9. APÊNDICES

*Imagem 19 - Idosa em meio a um grupo de mulheres - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

## 9.1 APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB          Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</p> <p>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA TERRA          DCET Campus I - Salvador</p>	
---	--

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
 ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
 CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_  
 Documento de Identidade n.º: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.  
 Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha–BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades
2. **PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Fernando de Souza Nunes  
**Cargo/Função:** Estudante

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O(a) senhor(a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades”, de **responsabilidade do pesquisador** Fernando de Souza Nunes, **estudante** da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Territoriais (PROET), do Departamento de Ciências Exatas e da Terra - DCET - Salvador, que tem como objetivo geral compreender, através das narrativas (auto)biográficas, quais são e como são construídas as identificações territoriais das estudantes da UATI, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha). A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer os seguintes

Pesquisa (CAAE n.º 51063621.4.0000.0057) submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: 5.129.032, em 26/11/2021, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
 Autorização Decreto nº 9237/86, DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA TERRA  
 DCET Campus I - Salvador




benefícios: auxiliar a elaboração de políticas públicas voltadas para a pessoa idosa; fomentar ações e iniciativas específicas para a terceira idade; viabilizar as ações propostas pela Política Nacional da Pessoa Idosa e do Estatuto do Idoso; Identificar as territorialidades e as expressões indenítrias da população idosa. Caso aceite o(a) Senhor(a) será entrevistado(a) para a coleta de dados por meio de entrevista gravada em áudio, estruturada previamente no modelo entrevista e posterior utilização desses dados para a criação de um banco de dados mediante avaliação de prontuário resguardado o anonimato; pelo aluno Fernando de Souza Nunes, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET. Devido a coleta de informações o(a) senhor(a) poderá ser incomodado(a) a revelar ações, situações e eventos de ordem íntima ou pessoal. Sua participação é de modo voluntário e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o(a) Sr(a) não será identificado(a). Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) pesquisador(a) ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr(a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O(a) senhor(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

Nome do Participante: Fernando de Souza Nunes; Endereço: Rua Vicente Barreto n.º 4, Complemento: Lote 04, Quadra 01, Bairro: Loteamento São Roque I Cidade: Serrinha-BA CEP: 48.700-000; Telefone: (75) 9.91334958

Pesquisa (CAAE n.º 51063621.4.0000.0057) submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: 5.129.032, em 26/11/2021, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB          Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</p> <p>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA TERRA          DCET Campus I - Salvador</p>	
---	--

**Pesquisador Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Simone Ribeiro Santos

Endereço: Avenida Silveira Martins, Telefone: (71) 3117-2200, E-mail: [ssoliveira\\_valentec3@yahoo.com.br](mailto:ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br)

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP SRTV 701**, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

#### V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante da pesquisa

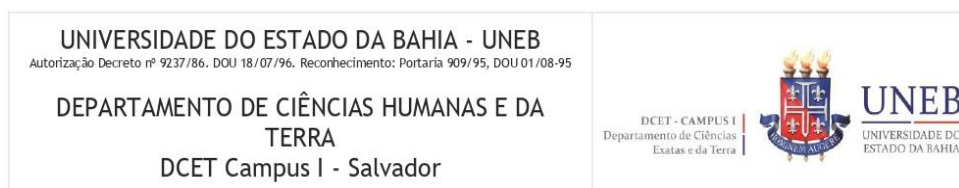


-----  
 Assinatura do pesquisador discente (orientando)

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Orientadora da Pesquisa  
 Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Simone Ribeiro Santos

Pesquisa (CAAE n.º 51063621.4.0000.0057) submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: 5.129.032, em 26/11/2021, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

## 9.2 APÊNDICE B – ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA, ENTREVISTA E ACEITE



### ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA E A ENTREVISTA E ACEITE

Este roteiro foi elaborado para ser utilizado na entrevista narrativa com os sujeitos colaboradores da pesquisa, a fim de auxiliar na coleta de informações da pesquisa intitulada “Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação (DCET), *Campus I* - Salvador, sob a responsabilidade de Fernando de Souza Nunes e orientado pela Profa. Dra. Simone Ribeiro Santos.

A problemática envolve a seguinte questão norteadora/central: Quais territorialidades emergem das narrativas (auto)biográficas das estudantes da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) do Departamento de Educação (DEDC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XI/Serrinha?

De forma secundária, as seguintes questões, que alimentam a central, são: a) O que é a UATI e quem são as idosas que frequentam o programa? b) Quais histórias narram as estudantes da UATI do DEDC/UNEB/Campus XI? c) Quais territorialidades são praticadas pelas estudantes da UATI que as caracterizam como sujeitos que vivem na região do sisal da Bahia? d) De que maneira as narrativas (auto)biográficas permitem compreender as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI em Serrinha?


Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar, através das narrativas (auto)biográficas, quais são e como são construídas as territorialidades das estudantes da UATI do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

Em objetivos específicos: a) apresentar a UATI da UNEB de Serrinha como um importante programa formativo para estudantes idosas; b) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI que emergem das narrativas (auto)biográficas; c) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI; d) caracterizar as expressões identitárias das idosas, presentes nas narrativas das estudantes da UATI/UNEB de Serrinha, que vivem na região do sisal da Bahia.

Salientamos que sua participação nesta pesquisa é de suma importância a fim de estudar as territorialidades / expressões identitárias reveladas pelas alunas da UATI em Serrinha.

Por se tratar de uma entrevista narrativa e (auto)biográfica, será apresentada uma consigna/roteiro, um parágrafo contendo orientações que conduzirão as colaboradoras a narrarem sobre os fatos e acontecimentos pessoais que envolvem suas vidas e a sua formação na UATI.

A partir da consigna/roteiro, cada colaboradora será estimulada a narrar suas histórias pessoais e formativas. Portanto, a entrevista não será realizada a partir de perguntas e respostas, como uma entrevista comum, mas a colaboradora ficará a vontade para narrar o que considera mais significativo e, no final, caso seja necessário, o pesquisador responsável poderá realizar alguns questionamentos de modo a retomar algum ponto de sua narração que, porventura, não tenha ficado muito esclarecido. Desse modo, a colaboradora inicia a sua narração a partir da

<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB          Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</p> <p>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA          TERRA</p> <p>DCET Campus I - Salvador</p>	
--	--

consigna/roteiro e ela mesma informará o momento da conclusão da entrevista narrativa.

Vale salientar que, por se tratar de uma pesquisa que envolve as subjetividades, de igual modo a vida de uma pessoa, no momento da narrativa, a colaboradora poderá se emocionar ao rememorar fatos e acontecimentos de suas vidas e de sua formação na UATI, podendo gerar desconforto ou constrangimento.

E, conforme as instruções normativas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, a entrevistada tem o direito de se recusar a responder determinadas perguntas feitas pelo entrevistador/pesquisador responsável, ao final da entrevista narrativa, e até mesmo interromper a gravação, bem como, negar a divulgação de trechos, mesmo garantindo a preservação da sua identidade e o anonimato.

A finalidade em obter essas informações será exclusiva e unicamente para fins de elaboração do texto dissertativo para obtenção do grau de Mestre em Estudos Territoriais, além de compor a escrita de artigos em livros e revistas, de modo a socializar a pesquisa.


Dessa forma, após informar o tema, esclarecer a intenção da pesquisa neste texto do TCLE e responder as demais dúvidas manifestadas, realizaremos, com o seu consentimento, a gravação em áudio da entrevista. Permite-nos gravar a entrevista?

Aceite da Entrevistada: \_\_\_\_\_

Pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

Serrinha-BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, às \_\_\_\_\_.

### 9.3 APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  <small>Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</small></p> <p>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA  TERRA  DCET Campus I - Salvador</p>	 <p>DCET - CAMPUS I  Departamento de Ciências  Exatas e da Terra</p> <p>UNEB  UNIVERSIDADE DO  ESTADO DA BAHIA</p>
---	--

#### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Prezada Senhora,

O presente questionário se constitui como um subsídio para as informações socioeconômicas e biográficas das idosas que frequentam a UATI em Serrinha-BA, conforme as premissas da pesquisa, sob a responsabilidade de Fernando de Souza Nunes e orientação da Profa. Dra. Simone Ribeiro Oliveira, cujo título é: “Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), do Departamento de Ciências Exatas e da Terra (DCET), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus I* – Salvador.

Este trabalho tem como objetivo geral: Analisar, através das narrativas (auto)biográficas, quais são e como são construídas as territorialidades das estudantes da UATI do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia. Em objetivos específicos: a) apresentar a UATI da UNEB de Serrinha como um importante programa formativo para estudantes idosas; b) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes da UATI que emergem das narrativas (auto)biográficas; c) identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes do UATI; d) caracterizar as expressões identitárias das idosas, presentes nas narrativas das estudantes da UATI/UNEB de Serrinha, que vivem na região do sisal da Bahia.


Salientamos que sua participação é de suma importância para esta pesquisa a fim de estudar as territorialidades / expressões identitárias reveladas pelas alunas da UATI em Serrinha-BA.

Por se tratar de uma entrevista narrativa e (auto)biográfica, as narrativas estão relacionadas a questões de ordem subjetiva, pessoal, emocional e de suas vivências com os seus pares podendo gerar desconforto e constrangimento. E, conforme as instruções normativas do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, a entrevistada tem o direito de se recusar a responder determinadas perguntas e até mesmo interromper a gravação, bem como, negar a divulgação de trechos, apesar de garantirmos a preservação da sua identidade e o anonimato.

A finalidade em obter essas informações será exclusiva e unicamente para fins de elaboração do texto dissertativo para obtenção do grau de Mestre em Estudos Territoriais e artigos e capítulos de livros para socializar a pesquisa. Dessa forma, após informar o tema, esclarecer o texto do TCLE e responder as demais dúvidas manifestadas e de seu consentimento (Apêndice A), para a realização da entrevista narrativa, principal instrumento de recolha de informações, que será feita em gravação em áudio, necessitamos de algumas informações:

#### 1. DADOS PESSOAIS

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Sexo: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_ Quantos filhos: \_\_\_\_\_  
Onde mora? \_\_\_\_\_  
Residem com você: \_\_\_\_\_ Quantos? \_\_\_\_\_ Aposentada? \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_

<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  <small>Autorização Decreto nº 9237/86, DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</small></p> <p>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA  TERRA</p> <p>DCET Campus I - Salvador</p>	 <p>DCET - CAMPUS I  Departamento de Ciências  Exatas e da Terra</p> <p>UNEB  UNIVERSIDADE DO  ESTADO DA BAHIA</p>
---	--

Trabalha? ( ) Sim ( ) Não

Se trabalha, com o quê? \_\_\_\_\_

Renda familiar: Menos de 1 salário ( ); De 1 a 2 salários ( ); De 2 a 3 salários ( ) De  
3 a 4 salários ( ) Mais de 5 salários ( ).

Religião: \_\_\_\_\_

## 2. SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA UATI

De que maneira soube do funcionamento da UATI? \_\_\_\_\_

Meio de transporte utilizado para ir às atividades da UATI: \_\_\_\_\_

Participa da UATI com alguém mais próximo? ( ) Sim ( ) Não Quem? \_\_\_\_\_

Tempo em que frequenta a UATI? \_\_\_\_\_

Gosta da UATI? ( ) Muito ( ) Pouco ( ) Vou apenas para passar o tempo

## 3. PERCEPÇÕES SOBRE A UATI

Algo melhorou após frequentar a UATI? ( ) Sim ( ) Não

Caso afirmativo exemplificar: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Caso negativo exemplificar: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

A UATI é importante para a pessoa idosa? Sim ( ) Não ( )

Caso afirmativo justificar: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Por que você está na UATI? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O que mais gosta na UATI? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

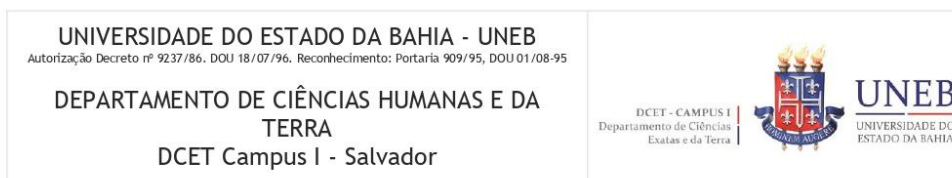
\_\_\_\_\_

E o que menos gosta? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## 9.4 APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA



### ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA

#### Consigna:

Inicialmente, gostaria de agradecer pelo aceite em participar desta entrevista narrativa e dizer que as suas histórias, suas narrativas serão de grande importância para a pesquisa “Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades”, vinculada ao programa de Pós-graduação em Estudos territoriais da UNEB, sob a minha responsabilidade. Neste momento, gostaria de conhecer um pouco mais sobre a senhora, quem é, onde nasceu, de onde é natural, onde vive, como vive, qual o seu contexto familiar, quais são as suas histórias de vida mais marcantes, em que trabalhava e/ou ainda trabalha, como chegou aqui na UATI (foi por indicação de alguém, como soube deste espaço de formação destinado ao público idoso) quais aprendizagens já adquiriu na UATI, qual o significado da UATI para a senhora, o que deseja neste espaço formativo da UATI, como são estabelecidas as suas relações com outras idosas e profissionais da UATI?

Por se tratar de uma entrevista narrativa, a senhora informa o tempo que começa e termina a sua narração a partir do que foi exposto e pode utilizar o tempo que achar necessário para expor fatos e acontecimentos de sua história de vida e de formação na UAT. Caso ache necessário, ao final, farei alguns questionamentos. Então, fique a vontade para iniciar sua narrativa.

## 9.5 APÊNDICE E – TERMO DE ADESÃO

<p><b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB</b>  <small>Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</small></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA</b>  <b>DCET CAMPUS I - SALVADOR</b></p> <p><b>Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET</b></p>	
--	--

### TERMO DE ADESÃO

Eu, \_\_\_\_\_, (estado civil) \_\_\_\_\_,  
 RG n.º \_\_\_\_\_, CPF n.º \_\_\_\_\_  
 declaro para os devidos fins que aderir, voluntariamente, como colaboradora participante da pesquisa “Universidade Aberta à Terceira Idade em Serrinha-BA: narrativas (auto)biográficas e territorialidades”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Exatas e da Terra (DCET), Campus I - Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Territoriais, de autoria de Fernando de Souza Nunes, orientado pela Profa. Dra. Simone Ribeiro Oliveira, da qual participarei de acordo com o processo de investigação desenvolvido pelo autor.

Serrinha-BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura da Colaboradora da Pesquisa)

## 9.6 APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

<p><b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB</b>  <small>Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</small></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA</b>  <b>DCET CAMPUS I - SALVADOR</b></p> <p><b>Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET</b></p>	
--	--

### DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ (estado civil),  
 RG n.º \_\_\_\_\_, CPF n.º \_\_\_\_\_

estou ciente que assumindo esse compromisso, precisarei colaborar com a pesquisa do mestrando Fernando de Souza Nunes, inserido no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET)/UNEB, participando de todas as etapas da investigação, estando de acordo com a gravação de entrevistas, produção do memorial e autorizando o pesquisador a reproduzir trechos parciais ou totais das minhas histórias de vida narradas a pedido.

Autorizo a utilização dos dados/informações para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data, não fazendo a divulgação do meu nome.

Após a análise e interpretação dos dados/informações, terei a oportunidade de ler o tratamento dado a estes antes da divulgação do texto da dissertação.

Serrinha - Bahia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura da Colaboradora da Pesquisa)

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura do Pesquisador)

## 9.7 APÊNDICE G – CARTA DE CESSÃO PARA MEMORIAL

<p><b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB</b>  <small>Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</small></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA</b>  <b>DCET CAMPUS I - SALVADOR</b></p> <p><b>Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET</b></p>	
--	--

### CARTA DE CESSÃO PARA AS HISTÓRIAS DE VIDA (MEMORIAL) DAS ALUNAS DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UATI) DEDC. CAMPUS XI - SERRINHA

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ (estado civil), RG n.º \_\_\_\_\_, CPF n.º \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins e efeitos legais, que cedo os direitos de minha história de vida (memorial) escrita em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_, para o mestrando Fernando de Souza Nunes usá-lo integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua Dissertação de Mestrado, inserido no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET)/UNEB, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data; abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Serrinha-BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura da Colaboradora da Pesquisa)

## 9.8 APÊNDICE H – TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

<p><b>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB</b>  <small>Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95</small></p> <p><b>DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA</b>  <b>DCET CAMPUS I - SALVADOR</b></p> <p><b>Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET</b></p>	 <p>DCET - CAMPUS I      Departamento de Ciências      Exatas e da Terra</p> <p>UNEB      UNIVERSIDADE DO      ESTADO DA BAHIA</p>
--	--

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ (estado civil),  
 RG n.º \_\_\_\_\_, CPF n.º \_\_\_\_\_,  
 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, territorialidades e expressões identitárias) gravada em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_, para o mestrando Fernando de Souza Nunes usá-lo integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua Dissertação de Mestrado, inserida no Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais (PROET)/UNEB, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data; abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

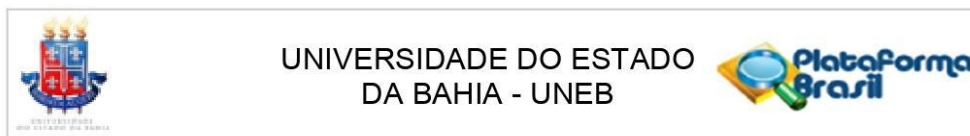
Serrinha - Bahia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura da Colaboradora da Pesquisa)

## 10. ANEXOS

*Imagem 20 - Idosa olhando sério - Imagem pública  
Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>*

## 10.1 ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE EM SERRINHA-BA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E TERRITORIALIDADES

**Pesquisador:** Fernando de Souza Nunes

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51063621.4.0000.0057

**Instituição Proponente:** Departamento de Educação - Campus XI/UNEB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.129.032

#### Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais da UNEB de Salvador.

"O projeto propõe relevar, através das narrativas (auto)biográficas das idosas do programa de extensão e educação continuada Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) – objeto de estudo – vinculada a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), as territorialidades que emergem a partir das vivências das idosas"

2ª versão do projeto enviada com as adequações realizadas pelo pesquisador em 03/11/2021.

#### Objetivo da Pesquisa:

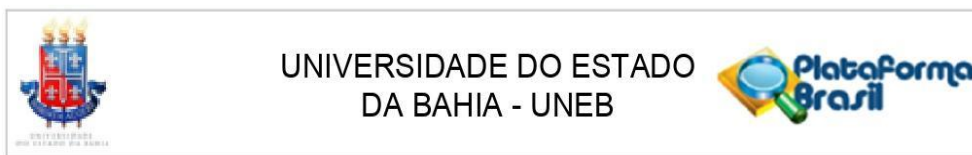
Objetivo Primário:

Analisar, através das narrativas (auto)biográficas, quais são e como são construídas as identificações territoriais das estudantes da UATI, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XI/Serrinha).

Objetivo Secundário:

- a) Apresentar a UATI da UNEB de Serrinha como um importante programa formativo para estudantes idosas;
- b) Compreender as territorialidades que emergem das narrativas (auto)biográficas das estudantes

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.032

da UATI;

c) Identificar as territorialidades praticadas pelas estudantes do UATI;

e) Caracterizar as expressões identitárias das idosas, presentes nas narrativas das estudantes da UATI / UNEB de Serrinha, que vivem na região do sisal da Bahia

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12 e 510/16.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

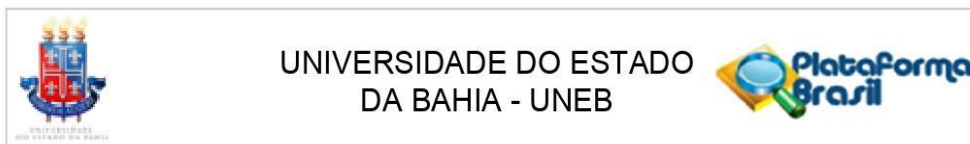
**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.129.032

/ Brochura Investigador	projeto.pdf	01:36:23	Nunes	Aceito
Declaração de concordância	ConcordanciaSim.pdf	05/08/2021 01:35:16	Fernando de Souza Nunes	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CompromissoPes.pdf	05/08/2021 01:33:43	Fernando de Souza Nunes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	PermissaodaInstituicao.pdf	05/08/2021 01:29:33	Fernando de Souza Nunes	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	05/08/2021 01:12:31	Fernando de Souza Nunes	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 26 de Novembro de 2021

---

**Assinado por:**  
**Aderval Nascimento Brito**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

## 10.2 ANEXO B – Projeto da UATI



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Sistema Integrado de Planejamento - SIP  
www.sip.uneb.br

**SIP**  
SISTEMA INTEGRADO DE  
PLANEJAMENTO  
Sábado, 14 Maio 2022 21:53:52

FIP Projeto

**DEDCXI-** Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) Campus XI - Serrinha (Completo)

### RESPONSÁVEL

FERNANDO DE SOUZA NUNES  
**Matricula** 74493156  
**Vínculo** Ocupante de Cargo sem Vínculo com o  
**Carga** Estado  
**E-mail** 240  
**Telefone** fsnunes@uneb.br  
7599133495

### DADOS DA INSTITUIÇÃO

**Nome** UNEB - Universidade do Estado da Bahia - Salvador  
**Endere** Rua Silveira Martins  
**Complem** - **Número** 2555  
**Bairro** Cabula **Cidad** Salvador **U.** BA **C.E.** 41150000  
**C.N.P.J.** 14485841000140 **Telefon** 7131172200 **FA** -  
**Representante** ADRIANA DOS SANTOS MARMORI LIMA  
**Cargo** Reitor

### DADOS DA UNIDADE

**Nome** DEDCXI - Departamento de Educação - Campus XI - Serrinha  
**Endere** - **Número** -  
**Complem** - **Cidad** Serrinha **U.** - **C.E.** -  
**Bairro** - **Telefon** - **FA** -  
**C.N.P.J.** - **Representante** ISABELLE SANCHES PEREIRA  
**Cargo** Diretor

### DADOS DO PROJETO

**Área do conhecimento** EDUCAÇÃO 7.08.01.00-2  
**Sub-Área do conhecimento** Fundamentos da Educação 7.08.01.00-2  
**Programa Pós-Graduação** Não se aplica  
**Área/linha de pesquisa da** Não se aplica  
**Palavra(s) Chave** Idosas; UATI; Terceira idade; UNEB  
**Modalidade de Realização /** Semipresencial  
**Projeto com monitoria de** 01/Mar/2022 / 01/Dez/2022  
**Projeto com desembolso** 2  
**Natureza(s)** Extensão  
**Área Temática** Educação  
**Categoria** Programa  
**Programa Institucional** UATI - Universidade Aberta da Terceira Idade  
**Área Temática Secundária** Direitos Humanos e Justiça  
**Linha de Extensão:** Terceira idade

### ATUALIZADORES

fsnunes FERNANDO DE SOUZA NUNES

### EQUIPE EXECUTORA

FERNANDO DE SOUZA NUNES  
- Ocupante de Responsável 2022.1 - 20 h 2022.2 - 20 h Nenhuma  
Cargo sem Vínculo com o Estado

<b>RESUMO</b>
<p>A UATI articula conhecimentos técnico-científicos atuais sobre envelhecimento e apoia-se nos fundamentos da educação permanente e da pedagogia social/emancipatória, que propõe uma educação ativa e participativa que leva em conta a experiência acumulada dos idosos, respeitando a diversidade de experiências que vem sendo desenvolvidas e envolvendo a participação da comunidade universitária na sua construção, aprimoramento e avaliação.</p> <p>O programa envolve ainda formas crescentes da participação de técnicos, professores e alunos da graduação e pós-graduação, nas ações programáticas, contribuindo desta forma para promover o debate do tema na universidade e fora dela e permitindo maior intercâmbio de experiências com setores sociais no campo da gerontologia social e da educação permanente.</p>
<b>OBJETIVO GERAL</b>
<p>Articular as atividades da UATI com os eventos acadêmicos do Departamento, recepcionando as visitas de estágio supervisionado em espaços não formais, de igual modo, com os projetos de ensino, pesquisa, outras extensões da Universidade e demais instituições envolvendo os alunos do referido Programa.</p>
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar aos idosos da Região Sisaleira a oportunidade de frequentarem a Universidade por meio das atividades de extensão;</li> <li>- Oferecer aos estudantes da UATI alternativas de espaço para o exercício da livre expressão das suas potencialidades artístico-culturais;</li> <li>- Estimular a capacitação dos idosos, no processo de leitura e análise crítica da realidade na qual estão inseridos;</li> <li>- Desenvolver atividades que estimulem a participação sociopolítica e comunitária nas escalas local, regional, nacional e global;</li> <li>- Preparar os idosos para assumirem seu processo de envelhecimento com protagonismo, resgatando a auto-estima e autoconfiança através de uma formação teórica e prática;</li> <li>- Viabilizar o intercâmbio de experiências intergeracionais.</li> </ul>
<b>JUSTIFICATIVA</b>
<p>As transformações biológicas pelas quais passam todos os indivíduos com o advento do envelhecimento têm caráter universal e implicam, portanto, em um grande desafio para esses indivíduos e para a sociedade. Além das limitações físicas impostas pelo processo do envelhecimento, não raro é percebermos limitações de ordem social impostas a esses sujeitos, caracterizadas por atitudes preconceituosas.</p> <p>Diante desta realidade cumpre às instituições de ensino realizar o seu papel de forma a oportunizar meios para auxiliar na superação dos desafios impostos pela idade e pela sociedade, transmitindo e/ou aperfeiçoando conhecimentos que estimulem o desenvolvimento de uma consciência crítica para uma participação socialmente engajada.</p> <p>A educação é o caminho possível para o resgate da cidadania e a reinserção social da pessoa idosa. Além disto, é o instrumento de transformação na busca da expressão plena da cidadania. Pelas razões supracitadas, justificamos a realização do projeto e manutenção da Universidade Aberta à Terceira Idade no Campus XI da UNEB, caracterizando-se como atividade de Extensão pautada nos moldes do Programa já instituído na nossa universidade, com vistas à formação continuada dos idosos, bem como, sua atuação na sociedade local oportunizando um envelhecimento bem sucedido.</p>
<b>METODOLOGIA</b>
<p>Os trabalhos serão operacionalizados através de oficinas de vivências corporais e sócio-educativas. Paralelamente serão realizados seminários, encontros, debates, encontros e palestras com temas atuais e específicos de interesse da clientela.</p>
<b>MECANISMOS GERENCIAIS DE EXECUÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL</b>
<p>Desenvolver e potencializar Programas Projetos e Ações voltados à Universidade Aberta da Terceira Idade promovendo a consolidação Rede de Atendimento ao Idoso da Universidade Aberta à Terceira Idade.</p>
<b>RESULTADOS ESPERADOS</b>
<p>Garantir a dignidade da pessoa idosa conforme preceitua a Política Nacional da Pessoa Idosa e o Estatuto do Idosos, da mesma forma, a inserção destes no cotidiano acadêmico, o exercício da cidadania plena, ativa e participativa.</p>
<b>ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO</b>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rádios;</li> <li>- Murais;</li> <li>- folders;</li> <li>- Cartazes;</li> <li>- Redes sociais.</li> </ul>																								
<p><b>INFRAESTRUTURA DISPONÍVEL</b></p> <p>CPCT: sala com recursos audiovisuais, laboratório de informática, sala para trabalho de corpo; Departamento: Auditório, salas de aula e equipamentos audiovisuais</p>																								
<p><b>IMPACTOS ECONÔMICOS-SOCIAIS, CIENTÍFICO-TECNOLÓGICOS E/OU AMBIENTAIS</b></p> <p>Formação de sujeitos críticos e conhecedores do seus direitos objetivando o exercício da cidadania ativa e plena reafirmando o que preceitua a Política Nacional da Pessoa Idosa e da Política Nacional da Pessoa Idosa.</p>																								
<p><b>REFERÊNCIAS</b></p> <p>_____. Memória e vida. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.</p> <p>BOTH, Agostinho. Gerontologia: educação e longevidade. Passo Fundo: Imperial, 1999.</p> <p>_____. Educação Gerontológica: posições e proposições. Erechim: São Cristóvão, 2001.</p> <p>_____. Identidade existencial na velhice: mediações do Estado e da universidade. Passo Fundo: Universidade Passo Fundo, 2000.</p> <p>BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.</p> <p>_____. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.</p> <p>BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: &lt;<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm</a>&gt; Acesso em: 20 Ago. 2021.</p> <p>MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (1998). Política Nacional do Idoso. Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos.</p> <p>BRASIL. Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003: Estatuto do idoso. Disponível em: &lt;<a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm</a>&gt; Acesso em: 26/01/2022 as 16:00h.</p> <p>IBGE. Senso 2000. Disponível em: &lt;<a href="http://www.censo2010.ibge.gov.br/">http://www.censo2010.ibge.gov.br/</a>&gt; Acesso em: 26/01/2022 as 16:23h.</p> <p>IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD (2009). Disponível em: &lt;<a href="http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&amp;id_pagina=1">http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&amp;id_pagina=1</a>&gt; Acesso em: 26/01/2022 as 16:29h.</p> <p>FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Traduzido por Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.</p> <p>_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.</p> <p>_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.</p> <p>FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus-AM, Maio 2012. Disponível em: &lt;<a href="https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf">https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf</a>&gt; Acesso em: 19 ago. 2021.</p> <p>GUERRA, Sérgio. Os caminhos da UATI. Salvador: EDUNEB, 2012.</p>																								
<p><b>METAS ESPERADAS</b></p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Produto Esperado</th> <th>Meta Esperada</th> <th>Unidade Medida</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>6956 - Monitoria de Extensão - Bolsa</td> <td></td> <td>1 Idosos</td> </tr> <tr> <td>Público Alvo</td> <td>Quantidade</td> <td>Descrição</td> </tr> <tr> <td>Idosos</td> <td>40</td> <td>-</td> </tr> <tr> <th>Produto Esperado</th> <th>Meta Esperada</th> <th>Unidade Medida</th> </tr> <tr> <td>7856 - Ação com idosos realizada</td> <td></td> <td>40 Idosos</td> </tr> <tr> <td>Público Alvo</td> <td>Quantidade</td> <td>Descrição</td> </tr> <tr> <td>Comunidade acadêmica</td> <td>100</td> <td>-</td> </tr> </tbody> </table>	Produto Esperado	Meta Esperada	Unidade Medida	6956 - Monitoria de Extensão - Bolsa		1 Idosos	Público Alvo	Quantidade	Descrição	Idosos	40	-	Produto Esperado	Meta Esperada	Unidade Medida	7856 - Ação com idosos realizada		40 Idosos	Público Alvo	Quantidade	Descrição	Comunidade acadêmica	100	-
Produto Esperado	Meta Esperada	Unidade Medida																						
6956 - Monitoria de Extensão - Bolsa		1 Idosos																						
Público Alvo	Quantidade	Descrição																						
Idosos	40	-																						
Produto Esperado	Meta Esperada	Unidade Medida																						
7856 - Ação com idosos realizada		40 Idosos																						
Público Alvo	Quantidade	Descrição																						
Comunidade acadêmica	100	-																						

Produto Esperado	Meta Esperada	Unidade Medida
3243 - Seminário realizado		60 Seminários

Público Alvo	Quantidade	Descrição
Alunos da Terceira Idade	80	-

### CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividade	JA	FE	MA	AB	MA	JU	JUL	AG	SE	OU	NO	DE
Arraiá da UATI e recesso junino						X						
Atividades culturais e de expressões identitárias do sisal									X			
Atividades de integração e visita técnica								X				
Encerramento das atividades e festas de final de ano												X
Início das atividades letivas				X								
Mês de aniversário da UATI					X							
Mês em comemorações ao dia nacional e internacional do idoso										X		
Planejamento das atividades			X									
Realização das atividades do programa e seminário da UATI												X
Retorno das atividades para o segundo semestre							X					

### ORÇAMENTO

	Qtde.	Valor	Valor Total	Fonte
--	-------	-------	-------------	-------

#### DESPESAS CORRENTES

Ativid Arraiá da UATI e recesso junino  
 212 - Educar para Transformar  
 2568 -Desenvolvimento de Projeto e Atividade de Extensão Universitária  
 3390-39 - Outros Serviços de Terceiros - PJ

#### Medidas x Tarefas

	1	1000,00	1000,00	114
		<b>Total:</b>	<b>1000,00</b>	
		<b>Total</b>	<b>1000,00</b>	

#### DESPESAS DE CAPITAL

Ativid Mês de aniversário da UATI  
 212 - Educar para Transformar  
 2568 -Desenvolvimento de Projeto e Atividade de Extensão Universitária  
 4490-36 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física

#### Medidas x Tarefas

	1	1000,00	1000,00	114
		<b>Total:</b>	<b>1000,00</b>	
		<b>Total</b>	<b>1000,00</b>	

### RESUMO DO ORÇAMENTO / CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO

#### ITEM

3390-39 - Outros Serviços de Terceiros - PJ

#### Parcelas

	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
	1000,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª
	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<b>Total do Item</b>						1000,00

ITEM						
4490-36 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física						
<b>Parcelas</b>						
1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	
500,00	500,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	
0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
<b>Total do Item</b>						1000,00
<b>Total das Parcelas do Itens:</b>						
1500,00	500,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
<b>Total Geral:</b>						<b>2000,00</b>

MUNICÍPIOS BENEFICIADOS	
<i>Nordeste</i>	
Território	Município
Sisal	Lamarão Serrinha Biritinga Barrocas Teofilândia
<b>Total Sisal: 5</b>	
<b>Total Nordeste: 5</b>	
<b>Total geral: 5</b>	

REDES DE GESTÃO DEPARTAMENTAL - RGDs PARCEIRAS DO PROJETO
Antonio Conselheiro
Conceição do Coité, Euclides da Cunha, Paulo Afonso, Serrinha

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS					
Instituição	No Financim	Na Infraestru	Nos Recursos	No Desenvolvi	Na Avaliação
Instituições Governamentais				X	X
Instituições Governamentais				X	X
Instituições Municipais	X	X	X		
Empresas	X				
Movimentos Sociais				X	X
ONGs				X	X
Sindicatos				X	X
Instituições Religiosas					X

PLANO ESTRATÉGICO	
Objetivo Geral	Produção Continuada de Conhecimento
Objetivo	Excelência de Pesquisa
Linha	Articulação entre pesquisa, ensino e extensão
Ação Estratégica	Disseminação das informações e do conhecimento

UNIDADES PARCEIRAS		
<i>Metropolitana de Salvador</i>		
Salvador		
Código	Nome da unidade	Represent
	Clínicas Universitárias	Nenhum representante
ASCOM	Assessoria de Comunicação	JOSENILDES SANTOS DE OLIVEIRA
PRAES	Pró-reitoria de Assistência Estudantil	JEAN DA SILVA SANTOS
EDUNEB	Editora Uneb	SANDRA REGINA SOARES
PROAD	Pró-Reitoria de Administração	DANIEL DE CERQUEIRA GOES

PPG                      Pró-reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação                      TANIA MARIA HETKOWSKI

---

**Nordeste**

**Serrinha**

<b>Código</b>	<b>Nome da unidade</b>	<b>Represent</b>
DEDCXI	Departamento de Educação - Campus XI - Serrinha	ISABELLE SANCHES PEREIRA

**Metropolitana de Salvador**

**Salvador**

<b>Código</b>	<b>Nome da unidade</b>	<b>Represent</b>
VICEREITORI A	Vice-Reitoria	DAYSE LAGO DE MIRANDA
UNEB	Universidade do Estado da Bahia - Salvador	ADRIANA DOS SANTOS MARMORI
NUPEX	Núcleo de Pesquisa e Extensão - Salvador	Nenhum representante
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão	ROSANE MEIRE VIEIRA DE JESUS
BIBLIOTECA	Biblioteca	CONSUELO SILVA FALCAO